



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL FACULDADE DE  
EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

OLGA DOS SANTOS MACHADO

TRAÇOS DISPOSICIONAIS DA DESIGUALDADE:  
uma análise sobre os estudantes do Ensino Médio Integrado e PROEJA do IFRS

Porto Alegre  
2022

OLGA DOS SANTOS MACHADO

TRAÇOS DISPOSICIONAIS DA DESIGUALDADE:  
uma análise sobre os estudantes do Ensino Médio Integrado e PROEJA do IFRS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Simone Valdete dos Santos. Linha de Pesquisa: Política e Gestão de Processos Educacionais.

Porto Alegre

2022

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

dos Santos Machado, Olga  
TRAÇOS DISPOSICIONAIS DA DESIGUALDADE: uma análise  
sobre os estudantes do Ensino Médio Integrado e PROEJA  
do IFRS / Olga dos Santos Machado. -- 2022.  
113 f.  
Orientadora: Simone Valdete dos Santos.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Educação Profissional. 2. PROEJA x Ensino Médio  
Integrado. 3. Gênero x Raça. 4. Desigualdades. 5.  
Disposições e Habitus. I. dos Santos, Simone Valdete,  
orient. II. Título.

Olga dos Santos Machado

TRAÇOS DISPOSICIONAIS DA DESIGUALDADE:  
uma análise sobre os estudantes do Ensino Médio Integrado e PROEJA do IFRS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Simone Valdete dos Santos. Linha de Pesquisa: Política e Gestão de Processos Educacionais.

Aprovada em Porto Alegre, 13 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Simone Valdete dos Santos - Orientadora

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clarice Monteiro Escott - IFRS

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Gladis Kaercher - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Monica La Fare - PUCRS

## DEDICATÓRIA

À minha mãe, meu símbolo de resiliência e resistência, braço forte que me embalou e me deu amparo em minhas inúmeras quedas; à minha madrinha, que sempre foi nosso elo de amor incondicional; ao meu filho, que está unido ao meu progresso desde meu ventre, e, ainda, a todos os ancestrais que me orientam.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que comigo tiveram fé.

Aos que antes de mim tiveram foco.

Aos que ao meu lado tiveram força.

A Deus, Jesus, aos Orixás e a toda a minha ancestralidade.

À minha amada mãe e à minha madrinha.

Ao espírito de Luz que habita o corpo do meu filho.

A Banca examinadora Profas. Dras: *Clarice Monteiro Escott, Gladis Kaercher e Monica La Fare*, pelas brilhantes colocações que só acrescentaram na presente dissertação.

E, ainda, a todos que me atiraram pedras - com elas construí meu castelo.

Gratidão! Mesmo com tudo que eu vivi, consegui!

Salve Maria, salve ao sagrado feminino!

## EPÍGRAFE

*“[...] o educando precisa de se assumir como tal, mas assumir-se como educando significa reconhecer-se como sujeito que é capaz de conhecer e que quer conhecer em relação com outro sujeito igualmente capaz de conhecer, o educador, e, entre os dois, possibilitando a tarefa de ambos, o objeto de conhecimento. Ensinar e aprender são assim momentos de um processo maior - o de conhecer, que implica reconhecer [...]”*

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, p. 65.

## RESUMO

A presente pesquisa foi construída a partir de uma escrita sobre si, que surgiu das experiências da autora enquanto estudante e docente da educação profissional. Tal trajetória compôs as motivações da investigação a respeito das interações das desigualdades entre os estudantes da educação profissional de nível médio do Instituto Federal Rio Grande do Sul, vinculados aos cursos do Ensino Médio Integrado e do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), e ainda entre as estudantes negras do PROEJA. Para isso, foi realizada análise de conteúdo referente ao diagnóstico discente produzido pelo IFRS no ano de 2019, o qual compõe um banco de dados de domínio público constante no site dessa instituição, sendo utilizados os dados dos estudantes em curso do Ensino Médio Integrado e do PROEJA. Desse modo, na intenção de qualificar o estudo através da análise sociológica sobre as disposições, buscou-se sustentação teórica em Bernard Lahire e Pierre Bourdieu. Também se buscou analisar as situações de desigualdades apresentadas, a partir do referencial de François Dubet. Ainda serviram como inspiração para este estudo as pautas da negritude, oportunizando a análise sobre questões da mulher negra. Buscou-se, assim, o embasamento de autoras negras: Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles e Angela Davis. Os resultados finais desta pesquisa de mestrado indicam os traços disposicionais das desigualdades existentes entre os estudantes do Ensino Médio Integrado e do PROEJA, e ainda no recorte das mulheres negras do PROEJA, sendo possível verificarem-se as diferenças entre as interações das desigualdades nos sujeitos.

**Palavras-chave:** Educação Profissional. PROEJA. Ensino Médio Integrado. Disposições. Desigualdade. Negritude.

## ABSTRACT

The present research was built from a writing about itself, which emerged from the author's experiences as a student and an acting teacher in professional education. This trajectory formed the motivations of the investigation regarding the interactions of inequalities between high school professional education students at the Federal Institute of Rio Grande do Sul (IFRS<sup>1</sup>), linked to the Integrated High School courses and the National Program for the Integration of Professional Education with Basic Education in the Youth and Adult Education Modality (PROEJA<sup>2</sup>), and also among the black students of PROEJA. For this, a content analysis was carried out regarding the student diagnosis produced by the IFRS in the year 2019, which forms a public domain database on the institution's website, using data from students in Integrated High School and PROEJA. Thereby, in order to qualify the study through sociological analysis of and dispositions, theoretical support was sought in Bernard Lahire and Pierre Bourdieu researches. We also sought it to analyze the situations of inequalities presented here, based on François Dubet's referenmaces. The guidelines of blackness also served as inspiration for this study, providing an opportunity to analyze issues of black women. Thus, we sought the foundation of black authors: Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles and Angela Davis. The final results of this master's research indicate the dispositional traits of the existing inequalities between the students of Integrated High School and PROEJA, and also in the profile of black women in PROEJA, making it possible to verify the differences between the interactions of inequalities in the subjects.

**Keywords:** Professional Education. PROEJA. Integrated High School. Dispositions. Inequality. Blackness.

---

<sup>1</sup> Brazilian-portuguese acronym for "Instituto Federal do Rio Grande do Sul" translated as "Federal Institute of Rio Grande do Sul"

<sup>2</sup> Brazilian-portuguese acronym for "Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos" translated as "National Program for Integration of Professional Education with Basic Education in Youth and Adult Education"

## **LISTA DE TABELAS**

**Tabela 1 - Distribuição dos cursos de nível médio para educação profissional – Integrado e PROEJA – IFRS**

54

## LISTAS DE FIGURAS

|   |           |
|---|-----------|
| <b>Figura 1- Inserção ocupacional na Região Metropolitana de Porto Alegre</b>   | <b>26</b> |
| <b>Figura 2 - Taxa de desocupação por raça/cor e sexo – Brasil</b>  | <b>27</b> |
| <b>Figura 3 - Distribuição da População Economicamente Ativa, da População Ocupada e Desempregada, segundo o Sexo</b>       | <b>29</b> |
| <b>Figura 4 - Variação no Nível de Ocupação por Posição na Ocupação, segundo o Sexo - Região Metropolitana de Salvador.</b> | <b>30</b> |
| <b>Figura 5 - Taxa de evasão dos Institutos Federais (IFs), anos-base 2017 e 2018.</b>                                      | <b>48</b> |
| <b>Figura 6 - Quantidade de inscrições por campus PROEJA</b>  | <b>90</b> |
| <b>Figura 7 - Cotas de ingresso selecionadas de cada campus para PROEJA</b>   | <b>91</b> |

## LISTAS DE GRÁFICOS

|   |     |
|---|-----|
| <b>Gráfico 1 - Forma de acesso</b>  | 63  |
| <b>Gráfico 2 - Motivos para a escolha da Instituição</b>  | 64  |
| <b>Gráfico 3 - Planejamento após término do curso</b>   | 67  |
| <b>Gráfico 4 - Motivo para realização do curso no IFRS</b>  | 68  |
| <b>Gráfico 5 - Onde concluiu o Ensino Fundamental</b>   | 69  |
| <b>Gráfico 6 - Idade de conclusão do ensino fundamental</b>                                       | 70  |
| <b>Gráfico 7 - Qual foi o maior tempo de afastamento da escola</b>                                | 71  |
| <b>Gráfico 8 - Escolaridade mãe e ou responsável</b>  | 73  |
| <b>Gráfico 9 - Escolaridade pai e ou responsável</b>  | 75  |
| <b>Gráfico 10 - Responsável pela manutenção financeira familiar</b>                               | 76  |
| <b>Gráfico 11 - Renda familiar</b>  | 77  |
| <b>Gráfico 12 - Objetivo de trabalhar enquanto estudava</b>                                       | 79  |
| <b>Gráfico 13 - Trabalho enquanto cursava ensino fundamental</b>                                  | 81  |
| <b>Gráfico 14 - Vínculo empregatício estudantes PROEJA e EMI</b>                                  | 82  |
| <b>Gráfico 15 - Rede de apoio para cuidados com filhos de estudantes EMI e PROEJA</b>             | 84  |
| <b>Gráfico 16 - Condições de moradia</b>  | 85  |
| <b>Gráfico 17 - Dificuldade diária de deslocamento até o Campus</b>                               | 86  |
| <b>Gráfico 18 - Meio de transporte ida/volta para a Escola</b>                                    | 86  |
| <b>Gráfico 19 - Acesso à internet na residência</b>   | 87  |
| <b>Gráfico 20 - Regiões das alunas negras da PROEJA</b>   | 89  |
| <b>Gráfico 21 - Forma de acesso ao PROEJA – alunas negras</b>                                     | 89  |
| <b>Gráfico 22 - Quem realiza atividade remunerada</b>   | 91  |
| <b>Gráfico 23 - Dificuldades das alunas negras PROEJA para deslocamento</b>                       | 92  |
| <b>Gráfico 24 - Religião alunos EMI e PROEJA</b>  | 94  |
| <b>Gráfico 25 - Religião alunas negras do PROEJA</b>  | 95  |
| <b>Gráfico 26 - Problemas de saúde em alunas negras do PROEJA</b>                                 | 96  |
| <b>Gráfico 27 - Problemas de saúde atrapalham a vida escolar (de/ em alunas negras do PROEJA)</b> | 97  |
| <b>Gráfico 28 - Distribuição do tempo de estudo estudantes EMI e PROEJA</b>                       | 99  |
| <b>Gráfico 29 - Distribuição do tempo de estudo das estudantes negras do PROEJA</b>               | 100 |

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>   | <b>12</b>  |
| <b>1 SER PROFESSORA, PESQUISADORA E NEGRA</b>   | <b>15</b>  |
| 1.1 DE ONDE VEM TANTO ESFORÇO – RAIZES DA RESISTÊNCIA   | 16         |
| 1.2 UM SER HUMANO EM CONSTRUÇÃO – DE LAGARTA A BORBOLETA  | 18         |
| 1.3. AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS – METAMORFOSES DO DESTINO  | 23         |
| 1.4 O DESPERTAR É INEVITÁVEL – DEPOIS QUE VOA A BORBOLETA, NUNCA MAIS VOLTA A RASTEJAR                                    | 32         |
| <b>2. CONTEXTO DA PESQUISA</b>  | <b>45</b>  |
| 2.1 ESTRUTURA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA | 46         |
| 2.1.1 Lócus da Pesquisa – Diagnóstico Discente do IFRS, 2019  | 51         |
| 2.1.2 Diagnóstico Discente do IFRS – Método da Pesquisa   | 55         |
| 2.2 DESENHO METODOLÓGICO  | 57         |
| <b>3. INTERAÇÕES DAS DESIGUALDADES</b>  | <b>61</b>  |
| 3.1 BASE DE DADOS – LEVANTAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS   | 62         |
| 3.1.1 Ações e perspectivas dos estudantes para o acesso à Educação Profissional de Nível Médio                            | 62         |
| 3.1.2 Análise das Trajetórias Escolares – Construções individuais e familiares, formação das disposições                  | 69         |
| 3.1.3 Habitus da Resiliência – Aspectos motivadores da resistência  | 83         |
| 3.1.4 As desigualdades das mulheres, negras e estudantes - aspectos disposicionais da resistência negra acadêmica         | 88         |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>   | <b>102</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>  | <b>107</b> |

## INTRODUÇÃO

A presente dissertação surge de indagações sobre como a educação pode modificar vidas, contribuindo com a diminuição das desigualdades sociais e com o empoderamento dos sujeitos envolvidos no processo.

A escrita nasce do lugar de fala de uma professora da educação profissional, mulher negra, mãe solo e estudante de Pós-graduação que construiu uma trajetória de permanência e êxito estudantil.

O objetivo principal deste estudo, diante de tal perspectiva, é: analisar, a partir dos dados produzidos pelo diagnóstico discente do IFRS do ano de 2019, os traços disposicionais de desigualdades.

A sistematização realizada pela presente dissertação origina-se de um recorte das respostas ao questionário do diagnóstico discente dos estudantes do Ensino Médio Integrado e da Educação de Jovens e Adultos do IFRS no ano de 2019.

Além disso, tais dados possibilitaram a análise disposicional referente às mulheres negras, estudantes da EJA, no caso específico do IFRS, nos cursos do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA).

A pesquisa surge do entendimento da formação e disposições que funcionam como fato gerador do acesso à educação para o mundo do trabalho, buscando investigar como essa motivação para a escolha dessa modalidade de ensino surgiu nos estudantes que constituíram o público-alvo da pesquisa.

Dessa forma, ao analisar estudantes do Ensino Médio Integrado, este estudo busca não só a formação de, mas também as interações disposicionais desse grupo. Com isso, analisa também os estudantes do PROEJA, que vivem outra realidade de desigualdade, já no percurso ao acesso à escolarização, buscando compreender se há semelhança entre esses dois públicos, considerando-se sua mesma escolha pela formação profissionalizante de Ensino Médio.

Ademais, na intenção de referenciar a trajetória da pesquisadora, buscou-se trazer a realidade de mulheres negras do PROEJA e, com isso, a discussão sobre resistência e resiliência nas ações profissionais e acadêmicas. Desse modo, foram realizadas reflexões teórico-conceituais que abordam a temática étnico-racial, visando a embasar a pesquisa no entendimento das pautas da negritude.

Para isso, foi proposto um diálogo entre bell hooks<sup>3</sup> e Bernard Lahire, referente às interações dos sujeitos e disposições, a fim de contemplar o entendimento dos traços disposicionais existentes entre os estudantes envolvidos na pesquisa e atender aos objetivos específicos de:

- compreender como as desigualdades ocorrem junto aos estudantes nos diferentes níveis de Ensino da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio do IFRS, tendo por base o diagnóstico discente de 2019;
- reconhecer os fatos geradores de disposições que levaram os estudantes ao acesso da Educação Profissional no IFRS;
- analisar a dinâmica existencial das disposições nas diferentes desigualdades existentes.

A dissertação está dividida em três capítulos. No primeiro, a autora faz uma escrita sobre si, na qual se reconhece enquanto membro integrante da educação profissional, revelando seu percurso de aluna a professora dessa modalidade de ensino, evidenciando e disposições como aspectos de resistência e resiliência que foram importantes para dar continuidade a sua trajetória de vida.

Desse modo, as reflexões de autoras como Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes, bell hooks, Djamila Ribeiro, Lélia Gonzáles e Angela Davis, além de um diálogo junto a Bernard Lahire, baseado em aspectos espirituais e estudos específicos sobre cura, constituíram um importante caminhar na consolidação da presente dissertação, bem como a busca do equilíbrio entre mente, corpo e espírito, referências fundantes na formação pessoal da pesquisadora.

No segundo capítulo, o desenho metodológico da dissertação é traçado a partir da análise de conteúdo de dados quantitativos extraídos em plataforma online, presentes em domínio público, permitindo observar o perfil dos estudantes, bem como fomentar pesquisa acerca de questões diversas sobre a educação e os sujeitos. Ainda nesse capítulo, na intenção de qualificar o problema abordado no estudo, é apresentado o contexto da pesquisa realizada pelo IFRS, sendo abordados aspectos estruturais da rede federal junto ao planejamento estratégico de avaliação de resultados educacionais - uma ação do Setor de Observatório de Permanência e Êxito do IFRS, proposta de acordo com Acórdão 506 do Tribunal de Contas da União (TCU),

---

<sup>3</sup> A autora foi batizada sobre o nome de Glória Jean Watkins, bell hooks escreve-se em minúsculo em uma saudação afetiva-política a sua avó, na intenção evidenciar a sua obra, e o seu legado e não personificar a sua escrita.

após auditoria realizada pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação, o qual recomendou o monitoramento de dados vinculados ao acesso e à permanência dos estudantes.

Salienta-se que tais dados corroboram para o entendimento dos traços disposicionais de desigualdade existentes nas respostas dos estudantes do Ensino Médio Integrado e da Educação de Jovens e Adultos ao questionário do diagnóstico discente do IFRS no ano de 2019, considerando-se as especificidades existentes.

No terceiro e último capítulo, são apresentados os dados sistematizados, a partir da pesquisa “Diagnóstico discente do IFRS do ano de 2019”, considerando-se as diferentes nuances de disposições à desigualdade junto aos grupos específicos de estudantes do Ensino Médio Integrado e da Educação de Jovens e Adultos, e ainda junto às mulheres negras estudantes do PROEJA.

Traz-se também, nesse terceiro capítulo, o cenário vivenciado por mulheres negras estudantes do PROEJA, com base no diálogo entre estudos de Bernard Lahire e de mulheres intelectuais negras, considerando-se as formulações da análise de conteúdo para a concepção metodológica da pesquisa de mestrado

## 1 SER PROFESSORA, PESQUISADORA E NEGRA

*“Chegou a hora de darmos à luz nós mesmas  
- situando-nos enquanto mulheres e negras.”*

*(SILVA, 1998 p.1).*

Reconhecer-se enquanto mulher negra é muito mais do que se ver “vestindo um corpo negro” - é sentir que sua trajetória é distinta das demais. A partir do momento em que me reconheci enquanto negra, pude perceber que minha história se conectava com tantas outras, mesmo que em diferentes percursos.

A dissertação aqui apresentada é fruto de uma trajetória cheia de altos e baixos, assim como a diagramação dos batimentos cardíacos. Acredito que, de certo modo, em minha vida, essas nuances fizeram com que eu me sentisse cada vez mais viva. A cada desafio vencido, aquela descarga de adrenalina, que, aos poucos, causava-me um alívio. Hoje, enquanto relembro tudo isso ao escrever, essas lembranças me emocionam. Na realidade, não sei como vivenciei tamanha tempestade de emoções e, nem ao certo, o seu porquê.

Houve época em que acreditei no que muitos me falavam: que era eu mesma que provocava algumas situações em minha vida. Agora, eu entendo que elas simplesmente aconteceram, e que as dificuldades que enfrentei acabaram contribuindo para tornar minhas experiências tão únicas, que são interessantes de ser contadas e, quem sabe, replicadas.

Na presente dissertação de mestrado, não deixo só escrita minha experiência como aluna na pós-graduação, professora da educação profissional, ou, ainda, como uma mulher negra moradora da periferia. Busco, além disso, deixar uma escrita coerente sobre como a ideia de uma educação igualitária está cada vez mais utópica. E a cada vez que alguém acreditar que um certo grupo está recebendo “privilégios” ao acessar a escolarização por ações afirmativas, que tenha noção de que isso é um direito, não uma benevolência. E que se saiba que, mesmo sendo um direito, ainda há necessidade de construção de uma base de apoio forte, garantindo não só o acesso, mas também a permanência e o êxito desse grupo, para, só assim, mudarmos definitivamente a realidade de nosso país e das minorias que aqui habitam.

Desse modo, é importante dar início a este texto pela trajetória de minha mãe, sendo ela uma grande educadora, não de profissão, pois tinha como ofício o trabalho

doméstico. Essa é uma realidade muito presente para muitas das mulheres moradoras dos subúrbios das cidades e de baixa escolaridade, sendo que muitas delas, também vitimadas pela falta de moradia própria, terminam expondo-se à coabitação compulsória na casa de seus patrões.

Como cresci no ambiente de trabalho de minha mãe, enxerguei nessa atividade laboral a premissa do desenvolvimento pessoal e profissional, e no esforço que minha mãe realizava para conciliar sua rotina de trabalho e minha criação a motivação para buscar nos estudos meu alicerce para a vida.

Silva (1998) toca num ponto muito importante quando afirma que as mulheres negras, em grande parte, aprendem o ofício do trabalho com suas mães, muitas vezes no seu próprio ambiente de trabalho: arrumar as camas, organizar a casa como uma ajuda nos afazeres, e em raríssimas vezes lhes são oferecidas oportunidades de cursos de aprendizagem ou qualificação profissional.

## **1.1 DE ONDE VEM TANTO ESFORÇO – RAIZES DA RESISTÊNCIA**

Durante minha caminhada estudantil, acreditei na meritocracia, afinal somos educados para o merecimento. Nesse contexto, a avaliação só tem como objetivo a apresentação de uma nota como recompensa pelo esforço. Mas quem são os recompensados? De que esforço se está falando?

Muitas vezes, a desmotivação foi minha aliada, pois percebia que a nota que eu tirava era menor do que a de meus colegas na escola - o que, a meu ver, não condizia com o esforço empregado, embora escutasse, diversas vezes, que não estava me dedicando o suficiente. Assim, às vezes me boicotava, já que, por mais que eu fizesse, de antemão carregava comigo a sensação de que talvez não conseguisse atingir os tais resultados supostamente “ideais”. E esse sentimento criava um círculo vicioso de negação, desistência e resistência.

Iniciava negando a importância da realização da atividade, e na fase da desistência buscava me divertir com algo. Minha diversão era muitas vezes sozinha, na dependência de empregada da casa onde minha mãe trabalhava. Depois, quando, de alguma forma, eu entendia que teria de passar, sim, por aquilo, que aquela fase seria importante, vinha, então, a fase de resistir ao fracasso e buscar alternativas para vencer os obstáculos que, naquele momento, eu mesma havia colocado.

Mas o que, na verdade, mais me fez falta, naquela época, foi ter um professor que entendesse meu contexto e procurasse, de alguma forma, fazer com que eu enxergasse motivação para o estudo, diferentemente do que minha mãe dizia - segundo ela, para eu ser alguém na vida, precisava estudar. Porém, eu já era um alguém, um ser resistente já boicotando e sendo boicotada em um contexto marcado pela vulnerabilidade social.

Quanta força habitava em mim, naquele corpinho negro franzino, sem ao menos a sentir! Essa força provinha da esperança - de minha mãe - de dias melhores, fé na prosperidade que a diferença de visão poderia me trazer.

Nesse sentido, sob a própria descrença da sua vida, eu montava uma fortaleza, que, naquele tempo, poderia parecer que seria de usufruto nosso- meu e dela-, mas que, depois entendi, será legado ancestral para toda uma outra geração de jovens periféricos: jovens negros e brancos de classes populares, que, a partir de minha fala em sala de aula, conheceram tantas outras vozes negras e, assim, fortaleceram sua própria fala.

Por essa razão, cabem os questionamentos: será que eu já não fazia muito esforço? Qual seria a unidade de medida do esforço estudantil? Qual será a base para medirmos esse esforço? Ele é baseado em quais estruturas? Que régua seria essa? A partir do esforço de quem? E, ainda, como estavam as condições do ser que atingiu o resultado esperado, considerando-se a força empregada?

Enquanto aluna, nunca me vi como professora. Acredito que muitos que acompanharam minha infância jamais me imaginariam lecionando, ou até mesmo agora concluindo o Mestrado - aquela menina que apresentava aparente preguiça, e um pensamento acelerado acerca de tudo, não levava muito jeito para o estudo, embora ainda haja os que, de alguma forma, acreditam nisso. E às vezes até eu mesma, em alguns momentos, acredito nesse pensamento descrente, que me incapacita para o estudo acadêmico. Hoje, eu sei que é muito complicado falar em preguiça para as classes populares, pois muitas vezes não sabemos quais são as bases daquele aparente cansaço físico e mental, daquela agitação, frequentemente como ansia para resolver coisas que não estão em suas mãos - e tudo isso em torno do aprendizado, aprendendo a aprender do seu jeito, do jeito que a vida e a rotina permitem, construindo, assim, saberes extraordinários.

## 1.2 UM SER HUMANO EM CONSTRUÇÃO – DE LAGARTA A BORBOLETA

Apresento aqui minha trajetória enquanto mulher negra, mãe solo, moradora da periferia e estudante de pós-graduação, egressa do sistema de ensino profissionalizante. Desse modo, busquei entender o meu lugar de fala e dele me apropriar. Esse lugar é mencionado por Djamila Ribeiro (2019), que descreve esse *locus* como o espaço social que as mulheres negras ocupam, o modo pelo qual nossas trajetórias se cruzam e o quanto a educação pode trazer maior visibilidade para nosso discurso.

Nesse sentido, destaco a atuação de minha mãe. Enquanto minha educadora, nunca me deixou lavar a louça (dizia ter medo de eu quebrar algo) ou até mesmo arrumar as camas. Alguns diziam que ela me mimava, e muitas vezes a escutei dizer que “a filha dela ela sabia como criar”. Hoje, entendo que, na verdade, ela não queria me ensinar o ofício do trabalho doméstico. Mesmo com poucos anos de estudos, tinha muito cuidado com minha escolarização. Vou dizer que a letra da minha mãe não é a mais bonita, não, mas ela implicava muito com a minha, rasgava as folhas do caderno quando eu voltava da aula, dizendo que estavam mal-escritas, e me fazia escrever tudo novamente. Aquela ação, naquele tempo, era horrível para mim - eu chorava muito e após reescrevia, e ainda caprichava, conforme a orientação que ela me passava, utilizando cores com canetas hidrocor (as que eu chamava de “canetinhas”). Nessa época, ela contou muito com o auxílio de minha madrinha, na compra de meus materiais, para que eu pudesse ter acesso a tudo que fosse necessário para fomentar o estímulo aos estudos. E ainda nos dias atuais, minha madrinha sempre está presente, nos auxiliando, amparando em tudo que seja necessário para que eu me estabeleça em muitos aspectos de minha vida.

A cada ano, nos cadernos novos, na primeira folha havia um desenho de minha mãe - ali ela expressava sua arte. Nunca mais a vi desenhando! Quando entrei na pós-graduação, pedi que ela fizesse um desenho, como fazia em meus cadernos. É incrível como, quando amadurecemos, entendemos as ações de nossos ancestrais como ações libertadoras. Nos cadernos do meu primeiro ano, havia pássaros voando e em cima de árvores, simbolizando nossa liberdade a partir da educação e, além disso, uma cura ancestral a partir da libertação e da permissão ao voo. De acordo com Silva (1998):

Desnecessário tecer considerações a respeito da discriminação que sofre a população negra, em particular a mulher, ao ser-lhe negada a possibilidade de realizar estudos e ao ser afastada dos bancos escolares, seja por necessidade de trabalhar para auxiliar no sustento da família, seja por ver desconsiderado seu modo de ser, viver, a cor da sua pele, a cultura de seu grupo étnico (SILVA, 1998, p.3).

Historicamente, os descendentes de africanos sofrem com a invisibilidade. Isso já é comprovado em dados estatísticos em diversas áreas da sociedade, e superar essa falta de representatividade vem sendo um dos fatores de maior necessidade nos coletivos negros. Nesse sentido, quanto mais for dada voz ao povo negro e, em especial, às mulheres negras, maiores serão as chances de uma retomada significativa da sua autoestima, da aceitação de sua importância em diferentes espaços e, acima de tudo, da habilidade de lutar e acreditar em sua capacidade.

A força da mulher negra é algo inerente ao seu ser: ela nasce, aprende e se renova infinitamente a partir de suas questões emocionais. Adélia (como se chama minha mãe) é uma dessas tantas forças femininas negras, que, antes mesmo de pensar em suas próprias questões, luta pela sobrevivência. Diante dessas lutas, foi mãe solo e consigo trazia uma missão de educar outra mulher negra, o que o fez brilhantemente. Mesmo que com sua consciência racial silenciada pelo discurso democrático da supremacia branca, não deixava de produzir sentido em suas mínimas ações de resistência, que enfrentava e aplicava em minha vida.

Por essa razão, buscou informações sobre educação profissional e efetuou minha inscrição para o concurso público da Escola Protásio Alves. Eu me lembro de que queria fazer faculdade de medicina e até tentei algumas bolsas em escolas particulares da cidade de Porto Alegre, mas, na época, a prática de bolsas de estudo não era muito disseminada, e eu acabei não conseguindo nenhuma - também não tinha muitas informações sobre como poderia conseguir. Então, como era da vontade de minha mãe, preparei-me para a prova que me conduziria ao mercado de trabalho.

Antes da publicação da Lei de Diretrizes e Bases, no ano de 1996 (Lei federal 9394/96), a Educação Profissional era feita junto com o então nomeado Ensino de 2º grau, hoje Ensino Médio<sup>4</sup>, sendo que na grade curricular dessa formação havia algumas defasagens de conteúdos importantes para quem tivesse interesse de

---

<sup>4</sup> A obrigatoriedade do vínculo do então Ensino de 2º Grau com a Educação Profissional teve fim com a lei 7044/82.

ingresso na Universidade, sendo esses solicitados em todos os concursos de vestibular. Nesse sentido, ainda observo a falta de algumas matérias que não fizeram parte do meu contexto da educação profissional. Minha escolha, na época, foi o Curso Técnico em Secretariado, pois a minha carreira e a profissão tinham extrema relevância, diante de uma realidade com poucas perspectivas, na qual a profissão mais provável seria de empregada doméstica. Sendo assim, logo consegui uma colocação profissional, aos 16 anos, no Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem (DAER).

Fui estagiária do Setor de Protocolo, onde recebia recursos de multas e solicitações de vistorias. Fiquei responsável pelos cadastros e pelo atendimento aos clientes internos e externos. Aprendi, na prática, o atendimento ao público e a ter responsabilidade com documentos importantes. Na época, o estagiário podia ter jornada de 8 horas, não tendo direito a férias e a outras vantagens que hoje a legislação permite. Porém, era uma grande oportunidade de inserção no mercado de trabalho e aprendizagem, que oferecia ao jovem iniciação no ambiente laboral, contato com a dinâmica dos processos de trabalho e, ainda, a possibilidade de desenvolver inúmeras habilidades, adquirindo experiência em alguma área em específico. Segundo Frigotto (2001):

O trabalho constitui-se, por ser elemento criador da vida humana, num dever e num direito. Um dever a ser aprendido, socializado desde a infância. Trata-se de apreender que o ser humano, enquanto ser da natureza, necessita elaborar a natureza, transformá-la, pelo trabalho, em bens úteis para satisfazer as suas necessidades vitais, biológicas, sociais, culturais etc (FRIGOTTO, 2001, p.74).

Embora tendo aliado a minha formação técnica à prática profissional, foi difícil uma colocação com registro formal, pois o estágio não era reconhecido como experiência no mercado de trabalho. Fiquei dois anos sendo estagiária, mas não tinha a experiência para o ingresso em alguma empresa. Então, nesse momento, matriculei-me em outro curso técnico, sendo esse em Contabilidade, e logo consegui fazer outro estágio: na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Estágio de grande crescimento, que abriu portas para meu primeiro emprego de carteira assinada. Aos 18 anos, já era contratada da Brasil Telecom, com bom salário, benefícios e plano de saúde. Iniciava ali a grande mudança na minha vida profissional. Nesse momento, busquei me graduar e escolhi o Curso de Secretariado Executivo Trilíngue, pois

oferecia conteúdos das áreas de Administração e Língua Estrangeira, e eu buscava sempre ter boas opções para o mercado de trabalho, ser uma profissional versátil, podendo atuar em várias esferas.

Passei por grandes organizações, sempre aprendendo muito. O salário recebido não seria capaz de pagar o que eu ganhei em conhecimento nas empresas. Atuei em muitas áreas no Grupo RBS<sup>5</sup> e agreguei valor em argumentação e atendimento ao público, atuando em vendas de assinaturas de jornais para clientes e varejo e sendo capaz de acompanhar, como Auxiliar Administrativo de Vendas, o planejamento de circulação diária do jornal, para passá-lo à diretoria executiva. Atuei no Ministério Público Federal, no atendimento aos Procuradores Federais, em digitação de ofícios e aguardo de resposta para processos, com zelo em prazos e urgências nos documentos oficiais recebidos.

Mas, por fim, e não menos importante, a última experiência na área administrativa foi a que mudou meu rumo profissional - na Pontifícia Universidade Católica – PUC/RS. Lá eu descobri o que é ser professor. Encantei-me tanto pela profissão, que por vezes me pergunto como não descobri isso antes. Mas tudo tem uma razão. Estive todo esse tempo aprendendo e motivando-me para esse momento. Hoje, todas as minhas experiências são necessárias para a construção dos profissionais que preparo para o mercado de trabalho. Todo esse misto de experiências fez com que eu não me tornasse somente uma multiplicadora no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), mas uma motivadora, um testemunho: “Se ela conseguiu, nós também conseguiremos”.

Estando há 12 anos atuando como professora na Educação Profissional, vejo toda a minha vida acadêmico-profissional fazendo sentido para motivar os jovens que passam em minha sala de aula. Em todas as organizações, o aprendizado foi importante e de extrema relevância para as minhas práticas em sala de aula. As ações dos processos fazem sentido quando olhamos o todo no percurso, segundo Freire (1992):

[...]na caminhada em busca da unidade na diversidade, uma longa e difícil, mas indispensável caminhada, as ‘minorias’, no fundo, repita-se, maioria, em contradição com a única minoria, a dominante, teriam muito o que aprender. É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar [...] (FREIRE, 1992, p. 213).

---

<sup>5</sup> Empresa privada de jornalismo e comunicação do Rio Grande do Sul.

Por essa razão, minhas últimas experiências no sistema S serviram como contribuição na construção da dissertação, pois percebi, em sala de aula, que apesar de estarmos trabalhando com aprendizagem, poucos eram os jovens em vulnerabilidade, uma vez que muitos já vinham encaminhados das empresas -filhos de funcionários e indicações. Ainda mais evidente o formato desfavorável para inclusão das mulheres no ambiente masculinizado da indústria (mesmo em cursos que não envolviam o manuseio de máquinas, não era permitido o uso de anéis, adornos e saias). As saias banidas, inclusive, para aquelas cuja religiosidade não permitia o uso de calças. Apesar da gratuidade oferecida aos cursos de aprendizagem, não havia nenhum incentivo à inclusão racial. Geralmente, a seleção era uma escolha da empresa, situação essa que desfavorece a inserção social no mercado de trabalho, mantendo a hegemonia dominante e reafirmando a desigualdade.

Levando-se em consideração o percentual de negros e pardos no Brasil, em minha sala de aula de aprendizagem, esse percentual era menos de 1%. Os meninos negros, então, apareciam em poucas turmas de Jovem Aprendiz. Embora fosse uma educação para o trabalho, ela estava inserida em uma fatia específica da sociedade, na qual os pais dos estudantes, na maioria das vezes, já estavam estabilizados profissionalmente, sendo eles os maiores incentivadores para que os filhos ingressassem na aprendizagem e disputassem vagas em uma grande indústria.

Percebe-se, nesse contexto, uma necessidade não somente da sociedade, mas do país, de criação de mão de obra qualificada. Essa necessidade não sanou, muito embora, nesse momento que estamos vivendo, haja uma retração de empregos. Portanto, a falta de qualificação profissional dificulta o empreendedorismo, que hoje é a base para a sobrevivência de inúmeras famílias. A atual situação de crise econômica, de retorno da inflação promove um aumento crescente de pessoas que não estão encontrando oportunidade para o ingresso e ou não conseguem fixar permanência em um curso de capacitação profissional.

### 1.3. AS MUDANÇAS NECESSÁRIAS – METAMORFOSES DO DESTINO

Como sabemos, nossas vidas são atravessadas pelos ciclos, e as trajetórias são conduzidas pela forma como gerenciamos os acontecimentos que ocorrem nesses processos. Para meu desenvolvimento, sempre permiti, com muita fé, que as mudanças fizessem seu percurso livremente. A pandemia do vírus SARS-CoV-2 (Covid 19), que causou mudanças abruptas no mundo, trouxe, além disso, aos que se oportunizaram, muito aprendizado.

Para mim, o mais valioso deles foi o desapego, pois tive que soltar muita coisa, muitas vezes, para seguir o fluxo da vida, ou, pelo menos, as oportunidades que me eram apresentadas. Essa tarefa não é e não está sendo fácil, porém importantíssima e complementar à minha história. Sou nascida e criada em Porto Alegre, capital gaúcha, no sul do país, e nunca imaginei que estaria saindo de minha cidade, e nem em meio a uma pandemia, mas esse foi o processo. E por mais loucura que parecesse, no momento era o que parecia ser o mais viável. A única coisa em que eu realmente acreditava, no momento, era em minha fé, coragem e predestinação.

Para os sujeitos das classes populares, o fato gerador para as mudanças dos estilos de vida está fortemente relacionado às perspectivas de trabalho e emprego. Sendo assim, quando minhas expectativas em relação ao mercado de trabalho em minha cidade foram ficando escassas, e, com isso, minha condição financeira estava cada vez mais complicada, foi o momento em que precisei revisar minhas perspectivas de vida. Embora não fizesse sentido ficar longe de minha mãe e das poucas, porém fortes e resistentes raízes com minha cidade, meu estado e minha região, havia um chamado. Entendo que falar em chamado possa parecer estranho, mas o que é da vida se não se escutam os chamados? Então, observando que em minha cidade meus currículos não estavam sendo selecionados, minhas reservas financeiras não mantinham minha dignidade e minha escrita acadêmica estava prejudicada - muito mais do que sinais de que algo não estava indo bem -, eu precisava rever com atenção essas situações.

Nesse sentido, o que mais me preocupava em relação ao evidente caos social que estava vivendo era a questão de minha escrita para o mestrado. Ela estava lá adormecida, em suas falas sobre desigualdade e dificuldades vivenciadas por sujeitos periféricos, educandos e trabalhadores, sobreviventes e resilientes - sedentos de

educação, necessitados de sobrevivência. Naquele momento, surgiram minhas escrevivências, como menciona Evaristo (2014), que foram a base de minha escrita, pois muito do que escrevi até agora nada mais foi do que minhas vivências, experienciadas por mim e pelos meus que me antepassaram, mais fortemente minha mãe, e, ainda assim, contidas pela angústia que o momento mundial e minha própria situação me causavam. Sendo assim, com a literatura negra, encontro de onde vem a construção de minha redação acadêmica, conforme Evaristo (2018):

A menina de olhar atento retém as imagens que, mais tarde, já como mulher, irão compor o plano no qual as vidas subterrâneas emergem para expor a sua experiência. Os fatos recordados são acolhidos com a generosidade de quem pôde observar a vida de excluídos, mas com o cuidado de registrar os acontecimentos de um lugar que também preserva os sonhadores e os contadores de histórias (EVARISTO, 2018, p. 138).

Nessa minha colcha de memórias, como a autora menciona, estão, de modo privilegiado, todas as vezes em que minha mãe e eu juntamos nossas coisas em uma pequena mala marrom e partimos para outro pouso, outro quartinho de alguma área de serviço. Em uma mão, estavam os poucos bens materiais, e na outra tudo que ela tinha de imaterial - a filha, a que um dia estaria partilhando não só seu legado como uma história, mas um legado de resiliência. Aquela mulher negra saía em busca de trabalho, renda e condições de sobrevivência, com posse de tantas vivências de resistência e fé! Como eu não iria seguir qualquer chamado? Principalmente aqueles que poderiam me trazer não só conhecimento, mas também novas percepções e, ainda, um encontro com uma cura de minhas questões emocionais.

Sendo assim, o desemprego e a instabilidade financeira provocavam em mim dificuldades de concentração, tornando muito difícil e complexa a entrega para um momento de extrema relevância em minha vida: o ingresso na pós-graduação. Eu havia me planejado para o Mestrado em Educação, tive uma excelente colocação no concurso, fiz a minha primeira prova naquele estilo de escrita. Inclusive, impressionei-me com minha performance, sendo que não cansava de dizer que não estive sozinha naquele momento, que havia recebido orientação ancestral. Não posso afirmar com certeza, porém deixarei esse ponto em questão. Desse modo, estava eu determinada a não desistir, estava ali guiada pela ancestralidade, amparada pela resistência e movida pelo propósito de estar pronta, à espera de tantos outros. As pausas eram necessárias, não só para acalmar o coração, mas também para que eu revisse nosso

trajeto e o meu propósito, segundo Paulo Freire (1992):

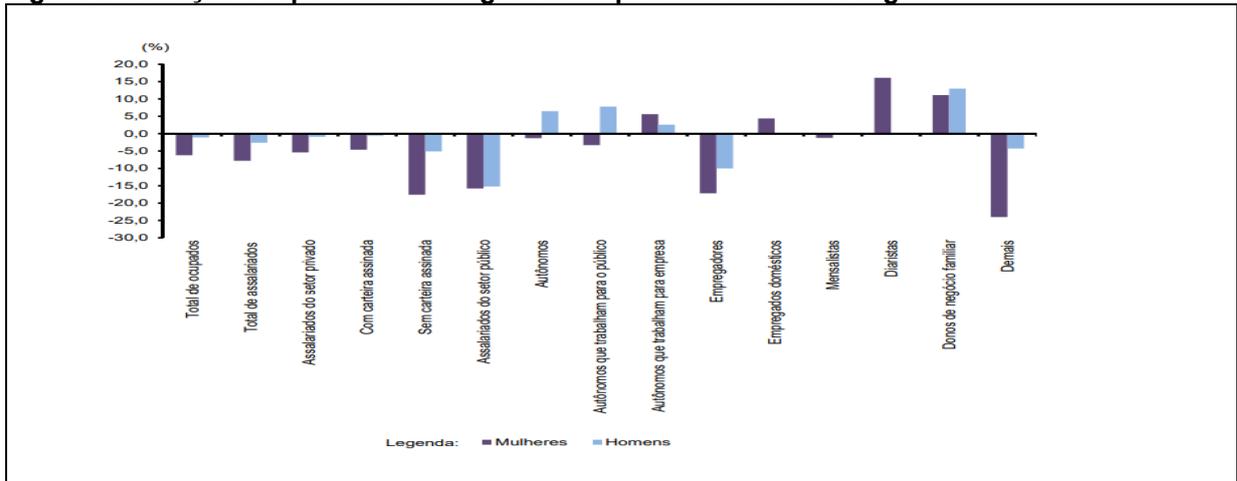
[...] na caminhada em busca da unidade na diversidade, uma longa e difícil, mas indispensável caminhada, as 'minorias', no fundo, repita-se, maioria, em contradição com a única minoria, a dominante, teriam muito o que aprender. É que ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar [...] (FREIRE, 1992, p 213).

Então, assim foi se refazendo, retocando e replanejando o percurso para garantir a chegada ao objetivo: ser Mestre em Educação e continuar sobrevivendo como mãe solo, trabalhadora, pesquisadora e negra. As condições de trabalho, segundo pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), demonstram que as mulheres da Região Metropolitana de Porto Alegre constituem a maior taxa de desemprego da região, o que reforça a estimativa de parcela desigual da atuação da mulher no mercado de trabalho.

Anos antes da pandemia Covid-19, entre os anos de 2015 e 2017, período de realização da pesquisa, a taxa de desemprego de mulheres, em 2017, na Região Metropolitana de Porto Alegre, aumentou em 11,2% em relação à população economicamente ativa (PEA), sendo que o contingente total de desempregados do período foi de 205 mil pessoas.

Já o total de ocupados, pessoas em atividade laboral, foi estimado em 1.628 mil pessoas, sendo que 44% desse número eram mulheres. Segundo análise, levando-se em consideração a ocupação e o sexo, é possível observar as colocações em que houve queda e aumento, bem como o gênero que se encontra em destaque em cada um dos pontos de inserção ocupacional.

**Figura 1- Inserção ocupacional na Região Metropolitana de Porto Alegre**



Fonte: Dados retirados: PED-RMPA - Convênio FEE, FGTAS, Seade, DIEESE e apoio MTb/FAT.

Nesse sentido, é possível verificar o aumento da ocupação de diarista, ainda como ocupação majoritariamente feminina (e no contexto da pesquisa representado totalmente por mulheres). Mulheres que, certamente, na crise de atividades econômicas, empreendem no ofício dos cuidados domésticos. Já os empreendedores de outros negócios, na maioria, são homens. Além disso, ao observarmos o gráfico produzido em pesquisa DIEESE, entre todas as distintas ocupações, o maior número de retração ocorre nos postos de trabalho das mulheres.

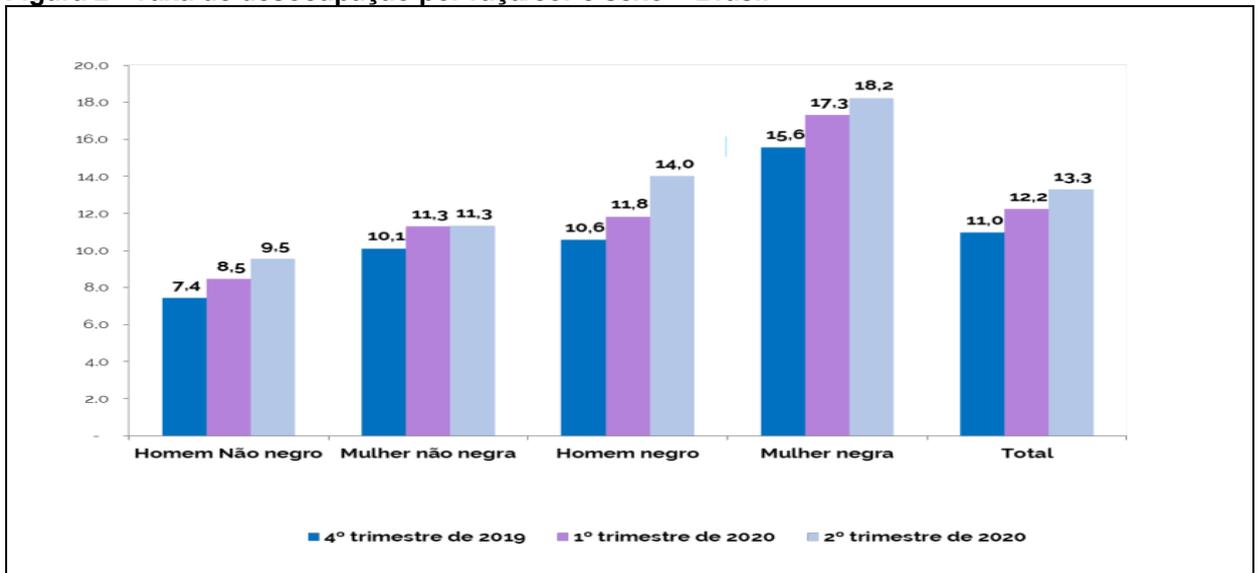
Com a pandemia, situações de desigualdades entre negros e brancos acabaram tornando-se mais evidenciadas. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra Continuada de Domicílios (Pnad Continua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mais de 6,4 milhões de homens e mulheres negros saíram do mercado de trabalho no ano de 2020. Entre brancos, o número chegou a 2,4 milhões.

Carneiro (2020) já evidenciava, em seus estudos, as desigualdades na esfera do trabalho para negras e negros, revelando, também, que os rendimentos das mulheres negras economicamente ativas ainda estariam abaixo dos recebidos pelos homens negros – estando abaixo de todos os outros demais trabalhadores economicamente ativos. A autora aponta que as desvantagens socioeconômicas sofridas por mulheres negras apresentavam-se já na esfera educacional, devido ao diferenciado acesso aos estudos, tendo isso trazido dificuldades na participação nas melhores fatias do mercado de trabalho. Em escritos de uma vida, Sueli Carneiro ainda aponta a importância de se averiguar a situação da mulher negra em termos de rendimentos médios nos diferentes grupos ocupacionais. Conforme a autora:

A análise das desvantagens sofridas pelas mulheres negras nas ocupações superiores, que exigiram maior escolaridade, especialização etc., tais como as ocupações administrativas e técnicas/científicas/artísticas, se ressentiria possivelmente das restrições colocadas acima. Assim, tomaremos como referência para a percepção de desigualdades raciais presentes no interior dos grupos ocupacionais a Prestação de Serviços, caracterizada como um setor ocupacional concentrador de mão de obra de baixa qualificação profissional, baixos níveis de instrução e rendimento, sendo definido pelo IBGE que tal grupo ocupacional agrega as categorias profissionais dos proprietários nos serviços; ocupações domésticas remuneradas; ocupações dos serviços de alojamento e alimentação; ocupações dos serviços de higiene pessoal, atletas profissionais e funções afins; porteiros, ascensoristas, vigias e serventes (CARNEIRO, 2020, p.34).

A mesma autora, em pesquisa realizada, apresenta que 47,8% das ocupações de prestação de serviços, caracterizadas pelo baixo nível de escolarização, são ocupadas por mulheres negras no estado de São Paulo, sendo que no Brasil o percentual chega a 53,5%. Mulheres brancas, nos referidos postos, estão em 24,8% dos casos. Com a pandemia Covid-19, muitos desses postos domésticos foram afetados pelo receio de contaminação, ou, ainda, pela perda do poder aquisitivo que muitas famílias sofreram, não podendo mais arcar com os custos dos serviços. Devido a isso, a queda dos postos de trabalhos começou a acontecer, e fortemente para as mulheres negras, conforme apresentado em pesquisa do boletim especial do DIEESSE:

**Figura 2 - Taxa de desocupação por raça/cor e sexo – Brasil**



Fonte: IBEGE, PnadC elaborado pelo DIEESSE

A mulher negra está em maior número na taxa de desemprego no Brasil, e a pandemia só fez agravar as desigualdades existentes no nosso país. Nesse cenário de desemprego é que vim buscar recolocação no trabalho. Eu não sei ao certo como foi que construí essa autoconfiança: peguei meu currículo e o distribuí ao mercado baiano, e, ainda em Porto Alegre, fiz minha entrevista online, já chegando na capital baiana empregada.

De certa forma, lidar com todas essas emoções é um grande e contínuo aprendizado, para que eu possa administrar meu emocional. Reviver meu passado traz muitas lembranças de desilusões e desentendimentos, mas que são formadores de quem sou e do porquê cheguei aqui na Bahia, em Lauro de Freitas, região metropolitana e fortemente habitada por gaúchos. Estava eu aqui, em busca de reencontrar minha dignidade através do trabalho enquanto docente, que é o que sei fazer de melhor: inspirar pessoas - neste momento, atuando em um programa do governo denominado “Educar para trabalhar”. Eu e meus alunos estávamos no mesmo ponto, em busca de melhores condições e posições no mercado de trabalho.

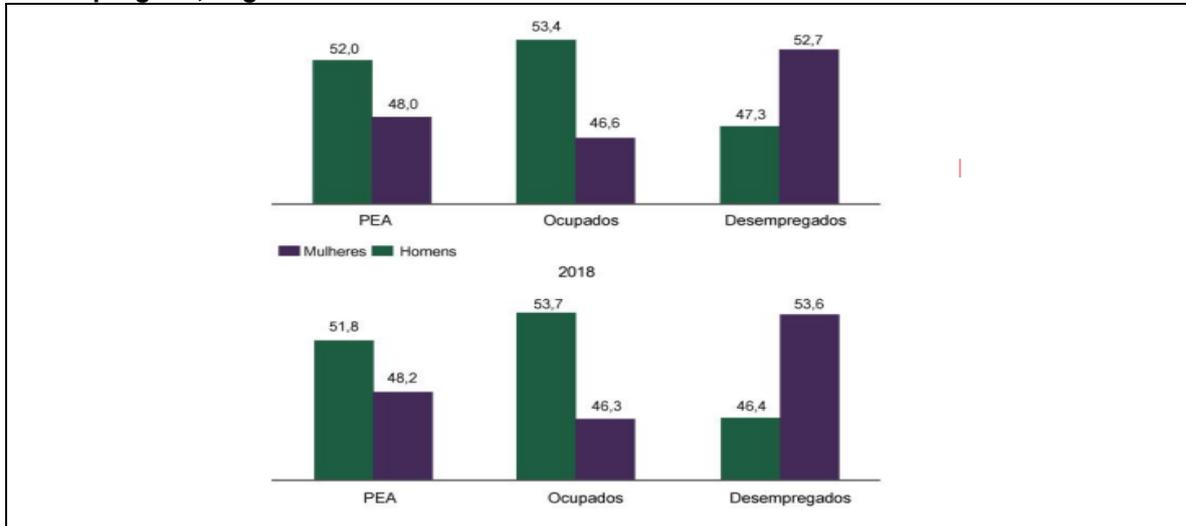
Lauro de Freitas, como mencionei, faz parte da Região Metropolitana de Salvador, capital baiana. De acordo com último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado no ano de 2010, possui 163.449 habitantes, os lauro-freitenses. Ainda, conforme pesquisa realizada, o município tem como salário médio mensal 1,7 salários mínimos, e 58,5% da população está em efetivo trabalho. A cidade possui 97 escolas de Ensino Fundamental e 23 escolas de Ensino Médio, sendo que 475 docentes atuam nesse nível de educação. No entanto, pesquisas apontam que a taxa de desemprego entre as mulheres vem aumentando, antes mesmo da pandemia.

Segundo dados do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (DIEESE), apesar de em 2018 ter ocorrido um aumento nos postos de trabalho, esses postos foram preenchidos majoritariamente por homens. O aumento da população economicamente ativa em intensidade superior ao acréscimo de postos de trabalho fez com que o percentual de mulheres desempregadas na Região Metropolitana de Salvador elevasse 13%, chegando a 32 mil mulheres. E é crescente o número de mulheres na faixa etária dos 25 aos 39 anos, negras e chefes de família, mães solas e/ou responsáveis pelo domicílio.

Conforme pesquisa sobre o preenchimento dos postos de trabalhos, podemos observar que a ocupação feminina vem mantendo menores posições nos postos

ocupados, como também na população economicamente ativa, mantendo seu número elevado no índice de desemprego:

**Figura 3 - Distribuição da População Economicamente Ativa, da População Ocupada e Desempregada, segundo o Sexo**



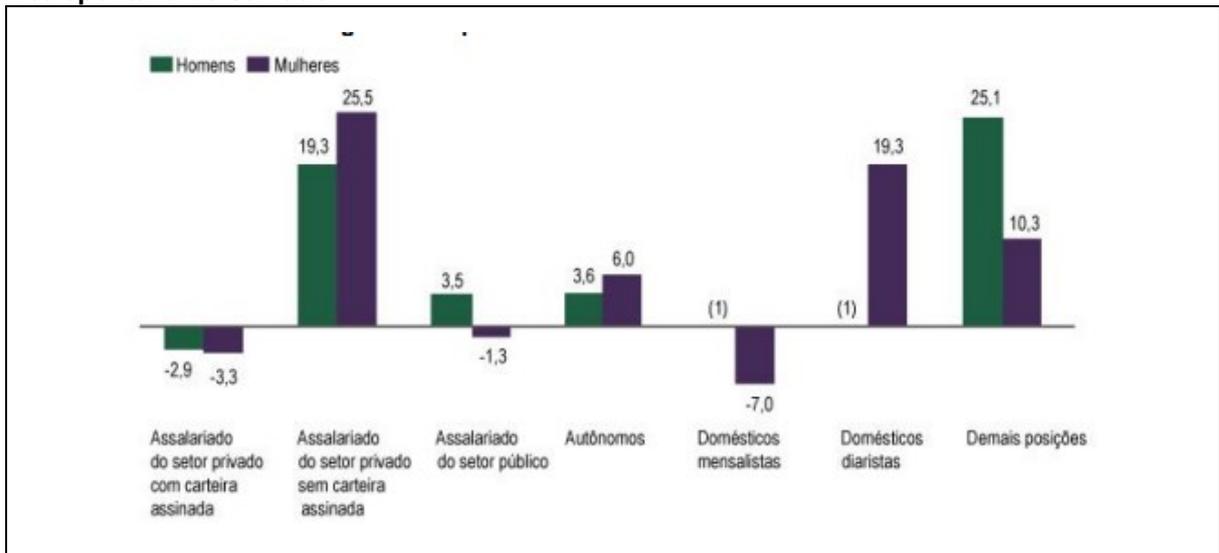
Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Esse contexto de desemprego afetou o país inteiro. A falta de planejamento para ações de enfrentamento da pandemia, aliada à carência de políticas públicas preocupadas com as vulnerabilidades, fez com que o nosso país, que já tinha uma desigualdade acentuada, principalmente no Nordeste, chegasse a índices preocupantes. Estamos ainda colhendo e absorvendo os frutos negativos da pandemia, em diversas áreas. A educação e o trabalho formal são pautas em discussão, além da saúde pública, que afeta também as outras áreas.

O desemprego provoca muitos males e desencadeia muitas enfermidades. Estamos em luta diária para mantermos não só nossos postos de trabalho, mas também sermos produtivos em meio ao caos social. Já no ano da pesquisa, o DIEESE apontava que era elevado o número de mulheres em posições mais precárias, como atividades autônomas, ou ainda sem carteira de trabalho assinada.

E, por outro lado, a pesquisa também apontou um declínio de postos de trabalho que exigem mão de obra técnica e qualificação específica preenchidos por mulheres, citando tantos postos de trabalho na rede privada e pública. Observe-se que na Região Metropolitana de Salvador, nos anos de 2017 e 2018, as estruturas ocupacionais apresentam-se, conforme pesquisa:

**Figura 4 - Variação no Nível de Ocupação por Posição na Ocupação, segundo o Sexo - Região Metropolitana de Salvador.**



Fonte: PED-RMS – Convênio SEI, Setre, Dieese, Seade, MTb/FAT.

Conforme dados levantados em pesquisa DIEESE, quando posicionados por mulheres, os postos de trabalho, em sua maioria, são postos da informalidade. Em relação aos postos sem carteira assinada, 25,5% são ocupados por mulheres, e elas também são maioria nas posições autônomas. Nesse contexto, eu me coloquei no mercado de trabalho formal, em contrato temporário como docente no sistema S, especificamente no SENAI, em programa de educação para o trabalho. Motiva-me muito, na docência, a possibilidade de proporcionar a mudança de vida a partir de uma mudança social dos sujeitos quando se preparam ao mercado de trabalho, tornando-se profissionais mais competitivos, além da possibilidade de ampliação de conhecimentos técnicos e comportamentais.

A busca pela carreira do magistério faz parte da luta política de mulheres negras<sup>6</sup>. Ao incentivarem outras tantas a seguir nos estudos e buscar seu caminho de pertencimento aos diversos espaços na sociedade, lutando por uma educação antirracista e pela conscientização de sua propriedade intelectual, negam a segregação já autoimposta na sociedade. De acordo com Silva (1998):

O desafio de construir uma autoimagem positiva da mulher negra em uma sociedade que a exclui e discrimina é uma marca do processo de construção da identidade racial das professoras. Tarefa difícil, mas não impossível. Tarefa que não apaga a força e a dignidade dessas mulheres (SILVA, 1998, p. 3).

<sup>6</sup> De fato, de que essa é uma busca secular, que começa nas irmandades e nas compras de alforrias, perpassando pela Frente Negra, a Imprensa Negra, o Teatro experimental do Negro (movimentos denominados por Alfredo Sérgio Guimarães de modernidades negras) até o próprio movimento negro.

Essa formação da identidade da mulher na sociedade, que historicamente a oprime, ainda acontece de maneira bastante difícil, principalmente para as mulheres negras, pois nesse grupo a construção ocorre com um peso consolidado de preconceito e submissão, que, inevitavelmente, traz traços de inferiorização e crenças limitantes que não contribuem para seu desenvolvimento pessoal. Sendo assim, de certa maneira, essas mulheres ficam sempre, por receio, um passo atrás na sociedade. Para Silva (1998):

A introspecção, muitas vezes confundida com timidez, atitude submissa, medo de se expor e incapacidade de se expressar, é entendida pelas mulheres negras como necessidade de "refletir muito antes de agir". A autoimagem positiva está representada pelas afirmativas de que ser mulher negra implica "gostar da sua figura", "acreditar em si própria"; "não se sentir inferior, apesar das pressões"; "não abaixar a cabeça, empinar o nariz, gostem ou não gostem"; "dizer o que pensa"; "assumir posições mesmo que pareça desaforada". A crítica às relações sociais e às propostas para transformá-las exige das mulheres negras (SILVA, 1998, p. 8).

Nesse aspecto, quando ocorre a libertação de antigos paradigmas por parte do grupo, é comum, quando a mulher de alguma forma se empodera e com isso se torna capaz de argumentar seus pontos de vista, que seja tida como "desaforada", pois aquele pensamento, por vezes, vai de encontro ao já estipulado pela classe dominante, diante do qual ela naturalmente agia com subordinação. Mesmo que toda uma argumentação seja fundamentada, como sua fala não ecoa há muitos anos, tais argumentos não têm força de expressão, são novos e nunca antes mencionados, causando estranheza.

#### **1.4 O DESPERTAR É INEVITÁVEL – DEPOIS QUE VOA A BORBOLETA, NUNCA MAIS VOLTA A RASTEJAR**

*“Para vivermos uma vida no espírito, para sermos verdadeiros com a vida do espírito, precisamos estar abertos aos chamados – nem sempre eles virão de um modo que nos agrada”. (HOOKS, 2021, p. 240)*

Eu creio que fui escolhida pela docência, e acredito que muitas outras professoras partilham comigo essa experiência. E por querer ainda ser docente, fiz e ainda faço muitas mobilizações em minha vida, por realmente ter certeza de que estou na profissão certa. Isso fez com que, mesmo num contexto de escassez de oportunidades e recursos, eu buscasse sentido para minhas próprias escolhas. Houve certa época em que, por minha formação profissional, atuei como gestora, secretária, assistente de recursos humanos e até como consultora de vendas, pois realmente tenho habilidade na área comercial. Porém, mesmo nessas áreas, de alguma forma, o chamado aparecia - em uma escrita em um quadro, quando alguém falava que tinha letra de professora; quando encontrava alunos em outros espaços, e eles me agradeciam pelas experiências partilhadas, ou até quando meus colegas, nas empresas, chamavam-me de professora. A docência fazia com que eu não esquecesse minha missão nesse plano. Minha verdadeira missão era compartilhar conhecimento, vivências e experiências, auxiliando na diminuição da desigualdade, através de um processo de cura coletiva e individual.

Quando menciono a cura, é pelo fato de perceber, após algumas análises enquanto praticava minha escrita, ancoradas em leituras de Djamila Ribeiro, Leila Gonzáles, bell hooks, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Nilma Lino Gomes e Petronilha Silva, que todas as falas e escritas de mulheres negras possuem o mesmo toque sutil de libertação. A cada autora, um novo ângulo sobre o mesmo olhar da negritude e os aspectos emocionais que o sujeito negro enfrenta na sociedade. Nesse sentido, Hooks (2021) enfatiza a ideia de curar a partir do amor, entoando as dificuldades do negro, especialmente da mulher negra em descobrir o amor e, a partir desse encontro, colocá-lo em suas ações cotidianas. E o quanto esse momento de cura é renovador para toda uma ancestralidade, subjugada pela sua espiritualidade,

e largada ao descaso físico e emocional.

A autora elucida aspectos como o ter e o poder do consumo, que deixa de lado a preocupação com o ser dos sujeitos, fazendo uma reflexão: “[...] *Imagine como nossa vida seria diferente se todos os indivíduos que se dizem cristãos, ou que alegam serem religiosos, servissem de exemplo para todos, sendo amorosos[...]*” (Hooks, 2021, p. 98). Então, de uma maneira integral, busquei refinar minhas ações a partir do acolhimento e amor. Revi aspectos de corpo e espírito para que o meu retorno à docência fosse capaz de promover mudanças importantes na vida dos meus alunos, e também na minha.

Hooks (2013) afirma que qualquer profissional de assistência precisa dirigir-se a si mesmo, para após dar auxílio ao outro. Desse modo, para que eu possa fortalecer a crença de meus alunos em si mesmos, eu mesma preciso vencer essa etapa. E assim, quando conheci bell hooks, o sentido de meu ingresso ao mestrado foi fortalecido. Nas leituras, acabei encontrando minha verdadeira essência, que muitas vezes, enquanto docente, era por alguns questionada. Isso me colocava em dúvida: minhas práticas realmente poderiam ser satisfatórias, se estavam frequentemente fora do contexto previamente estabelecido como proposta institucional, forjada na avaliação de desempenho em prol da meritocracia?

Em estudos com Hooks (2010), duas coisas que me tocaram muito na leitura de suas obras foram: a autoatualização docente e a importância da busca intelectual por uma união entre mente, corpo e espírito. Essa conexão entre o ser físico e o ser espiritual faz sentido para a busca da essência do docente e, por conseguinte, para o reconhecimento do porquê de ter escolhido essa carreira entre tantas outras possibilidades.

Iniciei na docência em ensino técnico na modalidade a distância. Formei muitos alunos e ensinei vários a construir um plano de negócios, a partir de um modelo prévio - era possível, de maneira didática, permitir aos alunos que montassem empresas fictícias. Percebi que ensinei bem quando muitos, mas muitos mesmo montaram suas empresas, após o término do curso, a partir de talentos que descobriram em dinâmicas de autoconhecimento aplicadas em sala de aula. Vários alunos conseguiram reconhecer seus potenciais. Pois bem, certa vez, eu estava em um salão de beleza de uma aluna, e, enquanto ela desenvolvia o trabalho, falávamos sobre o momento profissional de cada uma - eu indo para uma empresa de tecnologia como consultora de vendas, e ela muito feliz por ter concluído o curso de administração e ainda ter,

naquele momento, seu salão de beleza. Naquele momento, ela me fez pensar que eu estaria fazendo falta nas salas de aula, oportunizando que outros e outras, como nós, se encontrassem profissionalmente. Segundo ela, minhas experiências partilhadas em aula, vivências que eu compartilhei em vários momentos fizeram com que acreditasse que seria capaz de tudo, se tivesse um propósito. Hooks (2013), na obra: “Ensinar para transgredir”, expõe a importância de professores se desenvolverem para estarem totalmente, de forma visceral em sala de aula, enquanto seres completos: corpo, mente e espírito:

Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. Os professores que esperam que os alunos partilhem narrativas confessionais, mas não estão eles mesmos dispostos a partilhar as suas exercem o poder de maneira potencialmente coercitiva (HOOKS, 2013, p. 35).

Nesse sentido, partilhar minhas experiências profissionais, e ainda meus anseios com os alunos, apresentando-me enquanto ser humano, fortalecia-os. Afinal, eu era um deles, e, possivelmente, muitos não tinham na família alguém que tivesse passado por situação de permanência e êxito na educação, com todas as nuances que nós, das classes populares, temos o prazer de viver. Ninguém melhor do que a gente para saber as dores e delícias de estar na base da estrutura da sociedade e olhar para cima, vislumbrando, desejando e resistentemente caminhando até o topo. Fiz eles quererem estar no topo, informei que estava indo para lá - mesmo eles dizendo que eu já estava. Claro que eu sabia que longe estava de estar no topo da pirâmide, mas sei que a cada dia estou em movimento. Estar hoje na Pós-graduação da Universidade Federal faz parte dessa intensa escalada. Mais do que um título, é uma prova de que estamos resistentemente nessa escalada, pois, em nossa caminhada, somos, e sempre seremos, nós por nós. E eu que achava que estava ingressando no Mestrado por mim! A cada dia, tenho mais certeza de que é por todos nós, negras e negros e estudantes de classes populares. Lembrando Freire (1992):

Há risco de influenciar os alunos? Não é possível viver, muito menos existir, sem riscos. O fundamental é nos prepararmos para saber corrê-los bem. Qualquer que seja a qualidade da prática educativa, autoritária ou democrática, ela é sempre diretiva. No momento, porém, em que a diretividade do educador ou da educadora interfere na capacidade criadora, formuladora, indagadora do educando, de forma restritiva, então a diretividade necessária se converte em manipulação, em autoritarismo (FREIRE, 1992, p. 109).

Desse modo, a cada turma, vejo-me em muitas das histórias. E, incrivelmente, não importa onde estamos, pobres e pretos têm suas histórias interligadas em algum ponto. Em muitos aspectos, nossas trajetórias se cruzam. Nossa criação, nossas mães e todas as nossas vivências e dores são muito semelhantes. Mesmo estando geograficamente separados, questões de raça e gênero nos unem em uma grande coincidência, baseadas em encontros e reencontros com nossa ancestralidade. Por essa razão, falar sobre como me reconheci enquanto mulher negra fez sentido para todas as outras decisões de minha vida. Segundo Hooks (2010), o não abordar questões políticas em sala de aula pode ser por receio de como isso será visto e como seriam as reações, podendo trazer dificuldade ao docente para conduzir o encontro baseado nesses temas. Porém, falar sobre mim, sem essa abordagem, é como ficar todo tempo em um silêncio sem propósito, pois o contexto de minhas ações e reações está baseado nessa descoberta de mim mesma enquanto um corpo negro, na construção da autoimagem positiva da mulher negra - um desafio, visto por Petronilha Silva:

Esse processo desafiador e conflituoso nos revela que as professoras, de um modo geral, encontram-se despreparadas para lidar com a questão racial na escola. A opção é pelo silêncio e pelo ocultamento. No caso da professora negra, somam-se ao despreparo a dificuldade e o desafio que este trabalho representa, pois a remete à sua própria história de vida e às marcas deixadas pelas experiências com racismo e discriminação (SILVA, 1998, p. 3).

Mesmo que o número de negros na docência ainda não seja o mais esperado, ainda tem maior expressividade do que em outras áreas, como, por exemplo, medicina, engenharia, arquitetura, que são carreiras frequentemente acessadas pelos que, de certa forma, já possuem um contexto na área, seja direta ou indiretamente. Percebe-se que a carreira, muitas vezes, já é uma herança familiar - algum membro anteriormente consolidou seu espaço e procura mantê-lo para as próximas gerações. Se levarmos em consideração que a construção da carreira se inicia na escola, quando a aprendizagem recebida servirá como base para a busca profissional,

precisamos considerar, também, a desmotivação que alunos sofrem ao se sentirem discriminados ou excluídos na sala de aula. Isso pode ser observado quando a história do negro no Brasil é contada sob a ótica da mão de obra escrava, e não sob o olhar do povo resistente que trouxe prosperidade ao país.

Nesse sentido, percebe-se uma educação machista e racista, em que os grandes nomes que são enaltecidos são homens e brancos, deixando para trás nomes importantes de nossa construção cultural - femininos e negros. Conforme Silva (1998):

Se na escola se tomasse conhecimento e se analisasse as discriminações sofridas por todas as mulheres, em particular as mulheres negras, estariam sendo combatidas injustiças e haveria possibilidade de construir novas relações entre grupos sociais distintos. Assim, a abordagem de tais questões ensinaria serem inúmeras as mulheres negras que são arrimo de família, ou que participam decisivamente de sua manutenção. Mostraria que muitas vivem nas periferias das regiões metropolitanas, em casebres ou malocas, e não recebem serviços de saneamento nem de água, luz e raramente contam com serviços de saúde e escassamente de educação para crianças ou jovens, muito menos para adultos. Mostraria também que a oferta de tais serviços, muitas vezes, passa a existir diante de pressões e reivindicações que têm à frente mulheres, entre elas as negras. (SILVA, 1998, p. 3).

Se a escola estivesse preparada para contar essas histórias, teríamos um maior número de mulheres, em especial, de negras empoderadas e conscientes de sua rica contribuição para seu meio. De acordo com a mesma autora (1998):

Sendo as discriminações vividas pelas mulheres objeto de discussão nas escolas, como esconder que as condições de trabalho e os salários oferecidos às mulheres negras, em muitas situações, são inferiores aos proporcionados às brancas, segundo indicam dados dos censos, embora tenham a mesma escolaridade, a mesma experiência, o mesmo treinamento e desempenhem as mesmas funções? (SILVA, 1998, p. 3).

Essa discussão salarial, que é muito recorrente já quando falamos de homens e mulheres, quando a analisamos pelo viés além do gênero e chegamos à raça, considerando situações como falta de reconhecimento e menores condições de crescimento na organização, além da falta de credibilidade em projetos, é mais recorrente ainda. A mulher negra, que em sua maioria ocupa as áreas de cuidados nas organizações, rotineiramente está nos serviços gerais, cuja carga horária é exaustiva.

Como mencionei no início do capítulo, tive muitos altos e baixos em minha trajetória, e comigo nunca funcionou a separação entre vida profissional e vida pessoal. Eu sempre carreguei a mesma Olga para ambos os espaços, e, é claro, a

cada espaço, um pouquinho de mim era mudado. De alguma forma, eu não percebia a Olga da carreira, e isso começou a alterar a Olga da vida pessoal, de tal maneira, que chegou um momento em que eu já não me reconhecia, pois a imagem do mercado do trabalho estava visivelmente em mim, e, sem me dar conta, acabava tendo atitudes de repulsa desse espectro formal, muitas vezes de uma maneira pouco convencional. Via-me, muitas vezes, fora de um contexto organizacional, como se eu, enquanto pessoa, não fizesse parte do modo operante das empresas.

Tinha a necessidade de promover alguma grande mudança social, ver muitos dos meus alunos incompreendidos no sistema educacional. Fazia-me ver em seus olhos enquanto criança no fundamental, sem entender por que, ao certo, tinha de fazer uma prova de avaliação para passar do nível B do maternal para o primeiro ano; o quanto decorar as imagens em uma sala escura e descrevê-las me qualificaria como apta ou inapta para a próxima etapa escolar. Impressionante como lembrar essa cena me dá um certo nervoso, e diante disso relembro que, provavelmente, a cada avaliação que eu entregava à mesa de meus alunos, eles também sentiam isso. Segundo Hooks (2013), os modelos que recebemos enquanto alunos são transpassados em nossas práticas docentes:

Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para professores não brancos quanto para brancos. A maioria de nós aprendemos a ensinar imitando esse modelo. Como consequência, muitos professores se perturbam com as implicações políticas de uma educação multicultural, pois têm medo de perder o controle da turma caso não haja um modo único de abordar um tema, mas sim modos múltiplos e referências múltiplas (HOOKS, 2013, p. 51).

Nesse sentido, além de perceber que eu precisava mudar questões que influenciaram a minha aprendizagem, precisava também me entender enquanto aluna, para ser a base enquanto docente. E, para isso, existia um processo longo de cura, que, enfim, chegou no momento em que as impressões sobre meu meio foram ficando tão fortes, que já eram evidências de que eu não estava me encaixando, ou, até mesmo, que minha jornada ali não fazia mais sentido, que eu precisava de outra experiência. Então, fui em busca de novas vivências. Nessa caminhada, fez-se necessário acreditar e abraçar um processo de mudança.

Essa necessidade veio com a pandemia. Muito da pesquisa ficou inviável, pois o custo de vida na Região Sul do país ficou ainda mais difícil. Nesse momento, foi a primeira vez que empreendi. Passei anos ensinando sobre empreendedorismo, dando

aulas sobre plano de negócios, e eu nunca havia pensado que poderia viver do que sabia fazer. Percebia, agora, que era o que eu fazia realmente melhor. A produção tinha de continuar, e eu precisava continuar vivendo também, pois acabava de sair de uma situação de saúde extrema, que me abalou tanto física como emocionalmente. Tinha conseguido me curar, porém, naquele momento, o mundo inteiro estava doente. Não era mais sobre mim, agora era sobre os outros.

A pandemia chegou quando eu estava terminando de me recuperar de uma grave doença e retornar para minha produção acadêmica, e nesse período a incerteza tomou conta de todos os projetos de vida que eu tinha. De acordo com pesquisa da Folha de São Paulo, de novembro de 2021: acadêmicas negras tiveram sua produtividade mais afetada durante a pandemia. Segundo a pesquisa, manter a saúde mental e a rotina da casa e produção foi algo que prejudicou muito as estudantes. Aspectos muito semelhantes a esses, para não dizer iguais, aconteceram comigo, e talvez ainda com muitas outras, que acabaram até desistindo de seus estudos. Em entrevista, a doutoranda relata:

Essas pequenas complicações fazem com que você tenha menos tempo para se dedicar à pesquisa, fora a saúde mental, porque você fica o tempo inteiro [pensando]: 'nossa, o que vai acontecer? E se a minha mãe perder o emprego, eu vou ter que sair da universidade para procurar um emprego, porque a bolsa não vai cobrir todos os gastos' ". De acordo com a doutoranda, essas dificuldades são comuns entre mulheres negras cientistas. "Porque, quando a gente observa, quem mais recebe auxílio na universidade é a população negra, então, quem é mais impactada geralmente é essa população, que é a pessoa que tem a maior renda na casa (CAMAZANO, 2021, p. 2).

Desse modo, havia duas lutas diárias: enquanto mãe solo e estudante. Aquele cenário de incertezas que abateu o mundo inteiro tornava-se, por si só, um momento bastante reflexivo. Foram surgindo ainda mais indagações: por que, após um trauma, agora o mundo passava por um turbilhão de emoções, assistindo a mortes diárias nos noticiários? E então, quais seriam as mensagens do universo? E como, nesse momento, eu poderia contribuir com o mundo? Porém, ainda tinha minhas obrigações com a casa e com a academia.

Só que imagina conseguir produzir nesse contexto de incerteza de grana. A pesquisa parte desse lugar de imersão, de tempo da reflexão, do estudo, e você está ali presa em um ambiente e muitas vezes sem recurso necessário. Eu sou do Complexo da Maré, e a internet é muito ruim, então eu não tinha estrutura para fazer a minha produção intelectual". Segundo ela, quando se faz o recorte de mulheres negras, que compõem majoritariamente as classes populares e trabalhadoras: "vamos ter esse lugar do medo, da insegurança alimentar, do pouco apoio e [falta de] recurso para a produção intelectual", diz. Para dar conta do cuidado com a filha e o doutorado, no ano passado e no começo deste ela fez um acordo com a mãe. De segunda a quinta, em um horário à tarde, a filha ficava na casa da avó. Pela manhã, ela organizava as coisas da casa e usava o período da tarde para fazer a pesquisa: "nesse caso, sou uma exceção, porque minha mãe está aposentada, mas [ela] também tem as limitações dela (CAMAZANO, 2021, p. 3).

Então, eu me encontrava totalmente perdida. Por que realmente havia ingressado para a Pós-graduação, já que não conseguia mais escrever, me dedicar e, acima de tudo, acreditar em tudo aquilo que me fez ir em busca do Mestrado? Naquele momento, meu propósito gritou diante de mim. Alunos das mais diversas instituições e condições sociais estavam fora da sala de aula, tendo de, de alguma forma, aprender a aprender. E, muitas vezes, sozinhos no quarto de casa, perdidos, desconfortáveis com diversas situações familiares que estavam acontecendo - crise econômica e social. Famílias que já eram desestruturadas, agora, estavam segregadas pela desigualdade social perante a escassez de condições financeiras para se manterem nesse momento econômico atípico, em que o país parou. Comecei a dar aulas particulares, e, a partir desse momento, minha produção começou a novamente fluir.

Nesse momento de retomada da minha escrita acadêmica e de minhas atividades laborais, inicia-se um processo de reencontro comigo mesma. Incrivelmente, após uma aula particular, com uma menina que se achava pouco inteligente e com grandes dificuldades em matemática, tal situação oportunizou um encontro com meu eu criança, aquela menina inquieta que não entendia muito bem as explicações lógicas. Senti que ali estava uma grande oportunidade de curá-la, ela e eu, de suas crenças limitantes. E é incrível como o universo não nos entrega as coisas de maneira clara - tudo na vida é muito sutil e subliminar.

Embora eu já estivesse em busca desse encontro elevado com o plano espiritual, achando que o encontraria em algum templo, em alguma igreja, ou até no próprio terreiro, o encontro ocorreu ali, no exercício de minha profissão. De acordo com a fala de minha aluna, ela passou por alguns constrangimentos acerca de sua aprendizagem em Exatas, concluindo que, de alguma forma, tinha dificuldade em Matemática. Na

hora, me lembrei de minha dificuldade em entender a soma de um e meio mais um e meio, e de todos os sentimentos que tive enquanto, de muitas formas, aquela minha dificuldade foi difundida por todos de minha família, ao ponto de claramente eu dizer: “não sei”! Até que, um certo dia, um de meus tios partiu um limão e me mostrou, pois ele duvidava de que eu não sabia, e realmente não havia por que eu não saber - só não entendia da maneira que me explicavam. Seguindo raciocínio de Lahire, a formação daquele foi instalado na forma de constrangimento:

Os habitus podem então ser interiorizados e só ser actualizados no modo do constrangimento ou da obrigação; podem-no ser no modo da paixão, do desejo ou da vontade; ou, ainda, no modo da rotina não consciente, sem verdadeira paixão nem sentimento de particular constrangimento (LAHIRE, 2005, p. 22).

Então, segurei firme a mão da minha aluna e afirmei: “tu sabes, sim, não tens dificuldade alguma, e eu vou te mostrar agora de várias formas, como tu sabes”. Primeiro, peguei uma xícara de café, mostrei como a cafeteira mostrava a quantidade de água e a divisão pelas xícaras. Rimos muito e tomamos aquele café. Após, no momento do exercício, utilizei os materiais dela e o dividi em pequenas caixinhas que havia na mesa. Após essa aula, ela me abraçou, sorriu muito. Entendeu que não era burra e entendia, sim, a Matemática. Depois disso, saindo de lá, já em meu carro, chorei muito, copiosamente, agradecendo ao universo pela oportunidade de não só me curar, mas também participar da formação de um novo que se construía ali, com aquela menina.

Lahire (2005) menciona que alguns podem ser instalados nos sujeitos, e que, ao passo que novos acontecimentos surgem, poderão ser desconstruídos e reformulados, com o entendimento de que não há mais necessidade dessa antiga concepção sobre algo. Desse modo, naquele momento, não seria mais interessante para mim, enquanto acadêmica, acreditar que não seria capaz de entregar minha escrita, como eu constantemente fazia nas minhas próprias sabotagens. Estava, enquanto docente, lutando pela desconstrução de crenças limitantes em meus alunos, então precisava trabalhar fortemente na minha própria desconstrução, seguindo a concepção de Lahire:

Para além disso, alguns hábitos podem ter sido duravelmente instalados no corpo de um indivíduo que, num novo contexto de vida (por exemplo, um qualquer acontecimento biográfico: casamento, nascimento, divórcio, morte de um próximo, novo trabalho...), deseja ver-se livre do que considera, agora, “maus hábitos” (LAHIRE, 2005, p. 22).

Nesse sentido, na intenção de reconstruir minha história, segui em busca da reformulação interior - tornou-se necessária, para que eu continuasse a produção da minha dissertação e até mesmo de minha existência. Há momentos em que a única coisa que pode te impulsionar é efetivamente a sobrevivência. Nesse momento de mudança em minha vida, muito da professora Olga foi necessário. Atuando por anos na área da gestão, ensinei e falei muito sobre resiliência. Foram muitas as vezes em que o conceito foi escrito no quadro e no caderno de meus alunos, mas, para além de qualquer resposta em questões de prova, eu pude proporcionar a todos eles a vivência da resiliência na prática. Segundo Sousa *et al.* (2014):

Nesse enquadramento, a educação para a resiliência apresenta-se como uma importante área do conhecimento, uma vez que permite implementar e consolidar modos de contribuir à formação de capacidades intrínsecas que favorecem a superação de dificuldade (SOUSA; MIRANDA; NIETO; DORES, 2014, p 28).

Constantemente, somos forçados, ou até mesmo impulsionados, por diversas circunstâncias, ao movimento. Essa movimentação pode ser dolorida ou não, dependendo da capacidade de resiliência dos indivíduos. Isso ocorre pelas próprias dificuldades que vão surgindo nas trajetórias, que, por vezes, fazem com que se possa imaginar que serão um entrave para determinada situação. Busquei, sempre que possível, falar sobre resiliência aos meus alunos, pois ali, em uma sala de 40 alunos, mais do dobro viviam situações dificultosas, relativas a inúmeras situações. Porém, mais do que isso, muitas vezes, vivemos juntos, eu e eles, diversas situações de resiliência na prática.

Resiliência, na prática, acontece diariamente na vida dos sujeitos, sem que eles entendam ou façam relação com esse conceito físico. A habilidade de adaptação às mudanças, e principalmente de reconstrução, após um processo em que nós fizemos, de alguma forma, nossos corpos forçarem além dos limites, forçar nossa mente, ou até nossas capacidades emocionais, é algo a ser trabalhado, conhecido e até mesmo estimulado. Eu acabei entendendo que minha passagem, com minhas vivências, era algo necessário para que eu gentilmente falasse com os jovens sobre esse processo. Em “Ensinando a transgredir”, bell hooks cita as dificuldades dos alunos quando se deparam com os desafios, por não compreenderem, de cara, o valor daquele momento no processo. Estudantes acreditam que estão somente sendo avaliados pelo professor, e, na verdade, muitos não contextualizam esse momento. Sinto que,

intuitivamente, sempre buscava trazê-los para a questão da resiliência em todas as ações, mostrando que aquela atividade não mostraria o todo em relação a eles, enquanto alunos. Assim como bell hooks (2013), meus alunos muito me ensinaram sobre compaixão:

Os alunos também me ensinaram que é preciso praticar a compaixão nesses novos contextos de aprendizado. Não me esqueço do dia em que um aluno entrou na aula e me disse: “Nós fazemos seu curso. Aprendemos a olhar o mundo de um ponto de vista crítico, que leva em conta a raça, o sexo e a classe social. (HOOKS, 2013, p. 61).

Além de compaixão, quando afirmava a eles que precisavam persistir, ser mais resilientes, eu entendia que, naquele momento, eles precisavam de mim, assim como eu mesma precisava me reconectar com meu propósito. Entendi, então, que precisava estar ali com eles, para voltar para mim mesma. Entendi que meu ingresso na Pós-graduação era uma preparação para ainda receber muitos das classes trabalhadoras na educação superior pública, e também para afirmar sua capacidade de estar nesse espaço:

Quando nós, como educadores, deixamos que sua, que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora. (HOOKS, 2013, p. 63).

Ensinar para libertar faz sentido após libertamos a nós mesmos. Precisei, enquanto docente, me reconhecer como aluna e entender e aceitar que meu processo tinha muitas dificuldades, e que isso era normal e aceitável para meu contexto. Foi necessário, nesse processo, aprender a caminhar com as minhas dificuldades, lado a lado. Nesse sentido, além de parar de me desculpar pelas falhas, precisava entender e buscar amenizar os seus impactos sobre minha produção enquanto pesquisadora. Entendi que não havia momentos de ócio, e, sim, de exaustão no processo; que minhas pausas eram necessárias para me reconectar com meu propósito, redescobrir quem eu era e o que estava fazendo na Pós-graduação. Desse modo, aceitei que não era somente me tornar mestre para fortalecer meu currículo, e ele ser mais atrativo ao mercado de trabalho, mas, sim, ser mestre dos meus alunos, que ainda poderiam ingressar na academia e precisariam de uma base que buscasse fortalecê-los enquanto universitários. Mais do que isso, estava eu em busca de uma cura, e as curas são muito profundas - muito mais do que de dentro para fora, a cura é ancestral.

Nesse processo, investi em me ouvir, busquei saber integralmente quem eu era, quais eram as minhas reais dores, onde estavam instaladas muitas das minhas inseguranças e o porquê de muitas vezes eu não avançar em minhas questões. Precisava entender por que me sentia tão forte em algumas coisas, por ter superado tantas enfermidades e dores físicas, mas tão fraca emocionalmente. Entendi que muitos dos meus processos de doenças iniciaram a partir de minha mente, de minha própria fraqueza emocional, e que ela interrompia meu avanço acadêmico. Na busca da minha raiz da sabotagem, através de estudos, pesquisas, participação em seminários na universidade, entendi que parte da ação de me colocar como impostora no meu processo ocorreu por não enxergar meus antecessores em posições de privilégio, e a outra parte pela escuta de que eu não seria capaz. Sendo assim, entrei em um caminho de autoconhecimento e espiritualidade, entendendo-me, encontrando-me e me doutrinando mentalmente em relação às minhas capacidades.

Todo esse processo ocorreu em minha mente - foi a busca mais interna e linda que percorri através de uma cura sagrada e ancestral. Nessa terra de todos os santos, tive a oportunidade de encontrar uma luz da espiritualidade e me conectar de uma forma integral à minha ancestralidade - fato importantíssimo para minha vida profissional, acadêmica e pessoal. Fiz isso a partir da busca pela cura emocional. Segundo Mercante (2010):

Cura significa a limpeza de todo o ser, e acontece todo o tempo, em todos os níveis, mesmo com aqueles que não estão “completamente” doentes. Cura seria então um processo de autotransformação, de desenvolvimento espiritual, um momento de imersão na Luz. (MERCANTE, 2010, p.135).

Para curar-se, é preciso liberar, trabalhar e processar o que de positivo carrega de sua vida. Assimilar as coisas boas e ruins de sua trajetória. Isso inclui todas as escolhas que fazemos, e para isso é preciso lembrar que a cada escolha fazemos algumas renúncias, que podem ou não mexer com nosso emocional. Nesse sentido, quando me revisei interiormente, entendi que uma grande dor e renúncia foi sobre o viver plenamente a maternidade, ter vivido um processo de estudante, mãe solteira e trabalhadora. Essa é também a realidade de muitas de minhas alunas, e muitas vezes elas me falam, com pesar, sobre dar continuidade aos estudos. Porém, agora eu consigo, com amor, ensiná-las a ter fé não só em si mesmas, mas no processo”[...]Fé é o espaço onde a cura acontece. Sem fé o medo bloqueia qualquer tentativa de transformação física, emocional, mental e espiritual[.].” (MERCANTE, 2010, p. 132).

Fé é algo que sempre me acompanhou. Sempre tive fé na vida, no amanhã e no que o universo ainda teria a me oportunizar. Além disso, minha mãe foi um exemplo em vida de mulher de fé, e juntas a cultivamos de uma maneira muito espiritualista. Cedo, desenvolvi meu espiritual e, aos poucos, fui entendendo a egrégora espiritual que me acompanha. Afinal, sou do estado<sup>7</sup> com o maior número de terreiros de matriz africana, de um local onde a religiosidade é muito democrática.

Por essa razão, nos últimos anos, tenho como base em minhas decisões a escuta da ancestralidade e a confiança – resumidamente: fé. Sendo assim, meu maior salto de coragem, como muitos dizem, foi um ato de fé. Como bell hooks, minhas conexões aconteceram dentro da espiritualidade. Foi lá que conseguir me curar profundamente e seguir mais forte rumo aos meus objetivos. No meu encontro espiritual, recolhi as forças para enfrentar meus desafios, cada vez maiores, ainda mais por estar tão longe de casa.

Desse modo, quando pensamos em retirar de nós forças e inspirações, pensamos em algo muito interno de vivências, e, às vezes, nem só das vivências, mas das crenças. E isso ainda servirá, de alguma forma, como mensagem que iremos passar aos alunos, e aos que questionarem como passamos por tantos turbilhões e atingimos o resultado. Conforme Hooks (2021):

Quando os estudantes me perguntavam como eu tinha sobrevivido àquilo, como havia me saído bem sem me despedaçar, eu me sentia compelida a fazer um relato honesto sobre o poder do apoio da espiritualidade em minha vida. (HOOKS, 2021 p. 271).

Hooks (2021) menciona que se voltou para a religiosidade para se reconectar, buscando uma base espiritual para sustentação de sua alma. Da mesma maneira, eu segui uma escuta ancestral, que me guiou até a Bahia de todos os santos, onde reconstruiria minha história, recuperaria minha vida e chegaria para ser curada. Nesse processo, curo-me, e curo também os outros negros e negras. A partir de minha representatividade, de minha fala, que está ancorada em grandes escritoras negras, reforço e respeito a espiritualidade que trouxemos quando nesta terra chegamos, e que estará em todos os espaços aonde ainda poderemos chegar.

---

<sup>7</sup> Os dados sobre religião do Censo 2010, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), evidenciam que o Rio Grande do Sul tem a maior proporção nacional de adeptos de religiões de matriz africana - 1,47%, quase cinco vezes o percentual da Bahia. Sendo que em relação ao estado do RS, 0,88% declararam ser adeptos de religiões de matriz africana, enquanto na Bahia o percentual de declarados é de 0,40%.

## 2. CONTEXTO DA PESQUISA

Diante do contexto de expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, ocorre a exigência de novos modelos de processos, entre outras adequações. Em função disso, em seu processo de ampliação, ocorrido nos anos de 2005 a 2014<sup>8</sup>, fez-se necessário analisar aspectos sobre a permanência e o êxito dos estudantes.

Nesse sentido, a criação de um plano estratégico para avaliação permanente de seus resultados foi instaurada. Tal ação deu-se a partir do Acórdão 506 do Tribunal de Contas da União, oriundo de auditoria realizada na Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do Ministério da Educação, focando, diretamente, nos 38 Institutos Federais (IFs).

Já em 2008, o Tribunal de Contas da União realizou levantamento acerca da educação (TC 023.195/2007-8)<sup>9</sup>, tendo como objetivo conhecimento dos indicadores objetivos e metas dos planos setoriais (Plano Nacional de Educação e Plano de Desenvolvimento da Educação), além de organizar, consolidar e colocar efetivamente em prática programas e ações de governo dispostos no Plano Plurianual e na Lei Orçamentária<sup>10</sup>.

Em 2011, nosso país passava por uma nova fase: vislumbravam-se grandes avanços econômicos e tecnológicos, que fomentavam a necessidade de um olhar mais cuidadoso quanto à formação e capacitação de mão de obra. Nesse período, muitos projetos e propostas foram criados, principalmente na área de educação, mudando o antigo conceito de mão de obra barata e pouco qualificada para pensar no capital intelectual, a fim de alcançar o devido crescimento almejado pelo Brasil na esfera mundial e econômica.

No cenário político e econômico de 2011, diante da criação de novos postos de

---

<sup>8</sup> A expansão da rede federal do período de 2005 a 2014 refere-se ao Decreto 5.154 de 2004 que estabelece e regulamenta as diretrizes e bases educacionais da formação profissional no nível de qualificação, técnica e tecnológica de graduação.

<sup>9</sup> Em 2008, o Tribunal de Contas da União (TCU) realizou levantamento na Função Educação (TC 023.195/2007-8), com a finalidade de conhecer os indicadores, objetivos e metas dos planos setoriais (Plano Nacional de Educação e Plano de Desenvolvimento da Educação), bem como a organização, funcionamento e materialidade de programas e ações de governo dispostos no Plano Plurianual e na Lei Orçamentária. O trabalho, além de apresentar esse diagnóstico de caráter amplo, também orientou a seleção de trabalhos de fiscalização nessa área.

<sup>10</sup> O Plano Plurianual (PPA), a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e a Lei Orçamentária Anual (LOA) são as leis que regulam o planejamento e o orçamento dos entes públicos: federal, estaduais e municipais.

trabalho, a perspectiva correspondia à preparação e qualificação do maior número de brasileiros para ocupar esses novos postos de trabalho e avançarmos economicamente.

Assim, o fortalecimento da educação profissional e a capacitação para a educação continuada tornavam-se não só um desafio, mas uma necessidade para a expansão econômica. Desse modo, o monitoramento do acesso e permanência dos estudantes nos Institutos Federais perpassa o contexto de expansão econômica, implementação dos Planos: Nacional, estaduais e municipais de Educação.

## **2.1 ESTRUTURA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: CARACTERIZAÇÃO DA REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA**

De acordo com Alvarez (2020), a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) tem como objetivo promover o desenvolvimento educacional do Brasil, por meio de cursos de qualificação profissional - da educação básica à pós-graduação. A autora salienta que, no decorrer dos 100 anos de sua criação, essa rede vem se consolidando e possuindo atualmente 647 campi, distribuídos em todo território nacional, sendo ofertados aproximadamente 12 mil cursos.

Na estrutura de educação profissional, temos como base quatro grandes redes: a) a rede federal; b) as redes estaduais; c) as redes municipais e d) a rede privada. Em todas as quatro, há aporte de recursos financeiros da União, podendo ser em forma de investimentos ou, ainda, para gastos correntes<sup>11</sup>. No entanto, no ano de 2008 sob a lei de nº 11.892 sancionada no congresso instituiu-se a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculando as seguintes Instituições ao ministério da educação:

- Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais
- Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR
- Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG

---

<sup>11</sup> Classificam-se como gastos correntes as dotações para despesas que não correspondam à contraprestação direta em bens ou serviços, inclusive para contribuições e subvenções destinadas a atender à manutenção de outras entidades de direito público ou privado.

- Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais
- Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais;
- Colégio Pedro II

Desse modo, devido à necessidade de verificação e validação das ações da Rede Federal de Ensino, e ao surgimento da demanda com base no acórdão do TCU mencionado anteriormente, criou-se um grupo, denominado GT – Evasão, com representação de todos os *campi* do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), na intenção de promover o levantamento das possíveis causas de evasão e retenção dos estudantes.

Esse levantamento ocorreu em forma de entrevistas com grupos focais, através de questionários e por telefone. A pesquisa abordou docentes e técnicos administrativos, na intenção de produzir material para possíveis análises da própria instituição acerca de permanência e êxito e promover ações que visassem à diminuição do índice de evasão escolar, a fim de capacitar, efetivamente, o maior número de estudantes, mantendo a proposta inicial de criação dos Institutos Federais<sup>12</sup>.

É importante salientar que a partir das ações realizadas acerca da preocupação com a evasão, oriundas do plano estratégico para a sua diminuição, surgem muitas ações e ainda a implantação do Observatório de Permanência e Êxito. Assim, pesquisadores da própria Instituição buscaram, também, aprofundar seus estudos sobre o tema.

Conforme Alvarez (2020), dados coletados a partir de auditoria realizada pelo Tribunal de Contas da União (TCU), entre os anos de 2011 e 2012, evidenciaram que, embora a expansão tenha atingido lugares distintos e atendido muitos estudantes que nunca haviam tido acesso à educação profissional antes, questões de evasão escolar mostravam-se preocupantes. A autora salienta as ações tomadas a partir da auditoria realizada:

---

<sup>12</sup> Segundo a Lei n.º 11.892, de 29 de dezembro de 2008, fica instituída, no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação.

Diante dos fatores contextualizados, o Ministério da Educação (MEC) instituiu um Grupo de Trabalho para realizar o levantamento das causas da evasão e retenção e elaborar um manual de orientação para o combate e controle desses índices. Sendo assim, foi publicado, em 2014, o “Documento orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica”. Com o intuito de incentivar a implementação dessas orientações, em 2015, o MEC, por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), publicou a Nota Informativa 138 (MEC, 2015), que direcionava as Instituições da Rede Federal para a construção dos Planos Estratégicos Institucionais de Permanência e Êxito dos Estudantes, cujos principais objetivos se propõem a diminuir os índices de evasão e retenção dos alunos, promover ações que garantem a democratização do acesso à educação, bem como fortalecer a atuação dessas Instituições. (ALVAREZ, 2020, p. 108).

Desse modo, as ações de enfrentamento à evasão começaram a ser instauradas em toda a rede federal de ensino profissional, já sendo possível observar declínio na média nacional, muito embora no centro-oeste<sup>13</sup> houve um aumento na referida taxa, conforme tabela abaixo:

**Figura 5 - Taxa de evasão dos Institutos Federais (IFs), anos-base 2017 e 2018.**

| Região Geográfica     | Quantitativo de IFs | Taxa de evasão PNP |       |
|-----------------------|---------------------|--------------------|-------|
|                       |                     | 2018               | 2019  |
| Centro-Oeste          | 5                   | 21,3%              | 22,4% |
| Nordeste              | 11                  | 20,8%              | 17,1% |
| Norte                 | 7                   | 27,4%              | 15,2% |
| Sudeste               | 9                   | 28,3%              | 20,9% |
| Sul                   | 6                   | 24%                | 20,5% |
| <b>Média Nacional</b> | 38                  | 24,2%              | 19,1% |

Fonte: Dados da Plataforma Nilo Peçanha (MEC, 2019).

Com vistas a contribuir com as discussões acerca da temática evasão, a pesquisa de Karine Alvarez buscou entender como as ações são difundidas na rede federal de ensino profissional.

<sup>13</sup> A necessidade de trabalhar foi a principal razão alegada por jovens de todas as regiões, sendo que no Sul (48,3%) e no Centro-Oeste (43,1%) as taxas são maiores e no Nordeste, menor (34,1%). Já o não interesse em estudar foi o segundo principal motivo informado, sempre acima de 25%, com destaque para o Nordeste, com 31,5% < [Necessidade de trabalhar e desinteresse são principais motivos para abandono escolar | Agência de Notícias \(ibge.gov.br\)](#)>

Nesse sentido, a referida pesquisa foi realizada com análise documental em abordagem quali-quantitativa, na qual a autora realizou coleta de dados por vias institucionais e sistema de dados governamentais. De acordo com Alvarez (2020):

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo identificar a existência de políticas institucionais que visam à permanência e ao êxito escolar, nos Institutos Federais de Educação Profissional Científica e Tecnológica, e verificar quais ações estão sendo desempenhadas com o intuito de combater a evasão e retenção, bem como promover a permanência e o êxito escolar. (ALVAREZ, 2020, p. 108).

Dessa forma, a autora encontrou os dados através do acesso às informações correspondentes às taxas de evasão nos Institutos Federais (IFs), disponibilizadas na Plataforma Nilo Peçanha (PNP) e obtidas por meio do Sistema Eletrônico de Serviço de Informações ao Cidadão (e-SIC).

Igualmente, na intenção de corroborar o estudo proposto por esta dissertação, buscaram-se na Plataforma Nilo Peçanha (PNP) as informações sobre as vagas ofertadas para a educação de Nível Médio Integrado e o PROEJA do IFRS, na intenção de fazer um contraponto em relação aos alunos respondentes da pesquisa do diagnóstico discente.

A Plataforma Nilo Peçanha é um ambiente virtual de coleta, validação e disseminação de estatísticas, sendo um ambiente oficial para coleta de informações acerca da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IF's). Reúne dados relativos ao corpo docente, discente, técnico-administrativo, além de dados referentes aos gastos financeiros das unidades da rede, a fim de calcular indicadores dos processos de gestão monitorados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (MEC, 2019).

Para tanto, na intenção de ainda possuir maiores informações sobre as ações de permanência e êxito, nas instituições de toda a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IF's), foram buscados os estudos de Karine Alvarez, do IFMG, em publicação em revista em foco do IFBA, na qual a autora detalha o método de cadastro e acesso aos dados sobre as ações que cada IF propõe para a permanência e o êxito.

Alvarez (2020) menciona que a busca de tais informações teve início a partir de cadastro no e-SIC para cada um dos 38 IF's, na tentativa de verificar quais ações estão sendo desempenhadas nos Institutos Federais de Educação Ciência e

Tecnologia com o objetivo de combater a evasão, alinhando-as com os objetivos definidos pelo Ministério da Educação.

Por sua vez, o e-SIC permite que pessoas físicas ou jurídicas encaminhem pedidos de acesso a informações a qualquer órgão ou entidade do Poder Executivo Federal, além de possibilitar o acompanhamento e cumprimento do prazo de resposta; consultar as respostas recebidas; entrar com recursos; apresentar reclamações, entre outras ações (BRASIL,2016).

Desse modo, Alvarez (2020) obteve o retorno de 33 dos 38 IF's, sendo que as respostas obtidas foram, quase na totalidade, elaboradas pela Pró-Reitoria de Ensino. A autora menciona que as pró-reitorias de ensino se demonstraram receptivas e engajadas com as solicitações apresentadas. Sendo assim, verificou-se que 26 dos IFs possuem políticas institucionais direcionadas para a permanência e o êxito escolar.

A partir dessa premissa, verifica-se que as ações referentes à permanência e ao êxito estão fortemente difundidas na Rede Federal de Educação Profissional. Voltando-se ao cerne da dissertação, o olhar da pesquisa para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), o Grupo de Trabalho (GT) – Evasão levantou várias possíveis causas do abandono escolar, a partir de análises do quantitativo de alunos evadidos e retidos, fazendo ainda um paralelo entre os alunos ingressantes e concluintes.

Em um segundo momento, foi aplicado pelo GT – Evasão do IFRS um questionário, a fim de investigar situações de evasão e retenção de alunos nas referidas situações. Como havia dificuldades para localização dos estudantes em situação de evasão, foram aplicados os questionários em estudantes cujo percurso acadêmico apontava uma provável evasão<sup>14</sup>.

Por fim, no ano de 2015, o IFRS, juntamente com os grupos de trabalho envolvidos no processo de análise sobre a evasão estudantil, altera o olhar para a permanência e o êxito, não mais nos aspectos de evasão e retenção, buscando entendimento do perfil do estudante e, com isso, fomentando a pesquisa e ainda provendo ações pontuais e focadas diante das diferentes situações apresentadas.

---

<sup>14</sup> Estudantes que apresentavam baixo rendimento escolar, infrequência, evasão em outros anos letivos, entre outros, muito embora por vezes acontece breves afastamentos, possíveis retornos. O termo dessa pausa ainda encontra-se em discussão, pois remete a uma retira, sem propensão de retorno.

Assim, foi instituída a Comissão Interna de Acompanhamento das Ações de Permanência e Êxito dos Estudantes do IFRS (CIAAPE) e as subcomissões nos campi, ambas com caráter multidisciplinar, tendo a participação de Estudantes a Coordenadores de Cursos e ainda a representação dos segmentos: Ensino, Extensão, Pesquisa, Desenvolvimento Institucional, Assistência Estudantil, Registros Acadêmicos e Comunicação.

França *et al* (2021) afirmam que a reflexão dos grupos envolvidos sobre as estratégias contra a evasão estudantil possibilitou o desenvolvimento da base para sustentação do Plano Estratégico de Permanência e Êxito do IFRS. Segundo os autores:

Partimos do princípio de que as trajetórias dos estudantes são marcadas tanto pela sua origem social como pelo que acessam e usufruem dos bens e espaços públicos. Torna-se importante ressaltar que a sociedade capitalista reafirma com força as desigualdades sociais, e que as instituições, alinhadas ao sistema, não atuam com neutralidade e isenção e reproduzem as diferenças entre as classes sociais. (FRANÇA *et al*, 2021, p. 30).

Nesse sentido, viabilizando a coleta de dados dos estudantes, o Instituto Federal Rio Grande do Rio Grande do Sul organizou a aplicação da pesquisa “Diagnóstico Discente”. Assim, tornou-se possível mapear as particularidades e características dos discentes nos diferentes níveis de ensino da educação profissional e tecnológica ofertados no ano de 2019.

### **2.1.1 Locus da Pesquisa – Diagnóstico Discente do IFRS, 2019**

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), assim como outras instituições educativas, além da intenção da difusão do conhecimento, está em busca de ainda compreender o contexto integral de seus alunos.

Com isso, o propósito de mapear, através de levantamento de dados, torna-se uma ação de extrema relevância, indispensável para que todos possam usufruir da educação em igualdade de condições.

Nesse sentido, Lorenzet *et al* (2021) escrevem sobre o objetivo do diagnóstico discente: traçar uma caracterização dos estudantes do IFRS, relatando a constituição,

a aplicação, a análise e os possíveis desdobramentos dessa experiência realizada com o público ingressante em 2019. Os autores apresentam o IFRS:

O IFRS localiza-se no estado do Rio Grande do Sul e possui 17 campi, onde oferta cursos técnicos de nível médio (Integrados, Concomitantes e Subsequentes), cursos superiores (Tecnológicos, Bacharelados e Licenciaturas) e Pós-Graduações. Frente a isso, queremos investigar: Quem foi o estudante ingressante no IFRS em 2019/01? Qual seu contexto de vida? Qual sua realidade socioeconômica? Como foi sua trajetória escolar? (LORENZET *et al*, 2021, p. 146).

Segundo os mesmos autores (2021), na educação, ter esse cuidado em conhecer o perfil dos envolvidos no processo educativo faz com que o objetivo principal, que é oferecer uma formação humana integral, seja de fato alcançada. Por essa razão, tal análise permitirá elevação no grau de entendimento acerca da compreensão do ser humano, seu desenvolvimento e suas relações com o mundo.

Conforme Dourado e Oliveira (2009), aspectos macroestruturais como concentração de renda, desigualdade social, educação como direito e outros devem não só ser discutidos, como também analisados quando consideramos o avanço educacional em nível de cobertura e acesso.

Desse modo, quando pensarmos em qualidade da educação, não discutiremos somente a questão técnica e didática, mas também a situação do acesso e recebimento do indivíduo. Segundo esses autores (2009):

Em outras palavras, é fundamental ressaltar que a educação se articula a diferentes dimensões e espaços da vida social, sendo, ela própria, elemento constitutivo e constituinte das relações sociais mais amplas. A educação, portanto, é perpassada pelos limites e possibilidades da dinâmica pedagógica, econômica, social, cultural e política de uma dada sociedade. (Dourado e Oliveira, 2009, p. 2).

A partir dessa premissa, conhecer e reconhecer o estudante permitirá que ações pontuais sejam amplamente difundidas pelo corpo docente, com clareza e eficiência. Lorenzet *et al* (2021), em sua pesquisa, dedicam-se a conhecer os aspectos extraescolares, considerando que tais dados são determinantes e interferem no processo de aprendizagem:

Identificar as características dos estudantes, a pluralidade, a heterogeneidade, o acúmulo ou déficit que possuem de capitais econômicos, sociais, culturais e de experiências em trajetórias escolares anteriores é reconhecer que há um conjunto de disposições que repercutem em seu processo de escolarização (LORENZET *et al*, 2021, p 149).

Nessa linha, a discussão da dissertação ocorrerá a partir da análise desses dados acerca do diagnóstico discente, sendo esses dados extraídos de uma plataforma que funciona como um instrumento de transparência e controle social, que surge a partir de ações do Observatório de Permanência e Êxito do IFRS. Esse Observatório foi instituído em 2018, em uma ação inovadora da Diretoria de Assuntos Estudantis, vinculada à Pró-reitoria de Ensino do IFRS, com a finalidade de buscar, a partir de inúmeras ações, entender a realidade educacional da Instituição.

Desse modo, a intenção da análise do material produzido pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) é conseguir mensurar os traços disposicionais de desigualdades existentes nos alunos de educação profissional de nível médio, a partir das informações de 2019 sobre alunos matriculados frequentes nos cursos de Ensino Médio Integrado à Formação Profissional, nas modalidades PROEJA e Ensino Médio, fazendo, ainda, um recorte analítico sobre as mulheres negras estudantes do PROEJA.

Devemos considerar que o Instituto de Educação e Tecnologia do Rio Grande do Sul está presente em 16 campi no Estado, sendo dois na capital, 3 na Região Metropolitana de Porto Alegre e 12 no interior. Cada campus possui características diversas, pelo perfil de cada região e sobretudo dos públicos que o acessam. Ainda assim, conforme proposta de criação, a localização da instituição fica estrategicamente em regiões periféricas, onde há menor distribuição de renda per capita.

A visão da Rede Federal de ensino, em particular a proposta dos IF's de estruturação física em áreas periféricas das cidades, oportuniza a familiarização dos sujeitos do entorno: a possibilidade de não só perceberem uma nova alternativa, mas estarem perto de uma Instituição de ensino profissional gratuita. Desse modo, as questões de equidade e distribuição entram em um processo de consciência e efetividade, quando a proposta chega até o *lócus* dos sujeitos que sofrem maior desigualdade

Dubet (2001) analisa a desigualdade como um conjunto de processos sociais que não são plenamente acessados por alguns. Dessa forma, quando parte de uma população não consegue usufruir de alguns desses processos, já ocorre um desequilíbrio, gerando desigualdade no sistema.

Na primeira referência à distribuição dos cursos do PROEJA, concluímos que não há oferta em todos os campi do IFRS, conforme a tabela 1:

**Tabela 1 - Distribuição dos cursos de nível médio para educação profissional – Integrado e PROEJA – IFRS**

| <i>Campi</i>    | EMI | PROEJA | REITORIA     |
|-----------------|-----|--------|--------------|
| Alvorada        |     |        |              |
| Bento Gonçalves |     |        | Observatório |
| Canoas          |     |        |              |
| Caxias do Sul   |     |        |              |
| Erechim         |     |        |              |
| Farroupilha     |     |        |              |
| Feliz           |     |        |              |
| Ibirubá         |     |        |              |
| Osório          |     |        |              |
| Porto Alegre    |     |        |              |
| Restinga        |     |        |              |
| Rio Grande      |     |        |              |
| Rolante         |     |        |              |
| Sertão          |     |        |              |
| Vacaria         |     |        |              |
| Veranópolis     |     |        |              |
| Viamão          |     |        |              |

Produzido pela autora, com base na pesquisa realizada junto ao site IFRS

Os 16 *campi* possuem oferta de Ensino Médio Integrado, já a oferta de PROEJA está restrita a 7 *campi*, sendo dois na Capital e 2 na Região Metropolitana de Porto Alegre. O Observatório de Permanência e Êxito fica sediado na Reitoria do IFRS, na cidade de Bento Gonçalves, interior do Rio Grande do Sul. Conforme LORENZET et al (2021):

Com o Observatório de Permanência e Êxito, busca-se introduzir, gradualmente, na cultura institucional, mecanismos sistêmicos e periódicos de acompanhamento da realidade educacional do IFRS. Uma das primeiras ações realizadas foi a construção e aplicação do Diagnóstico Discente, realizado em 2019/01 (LORENZET *et al*, 2021, p. 149).

Portanto, as ações de identificação do perfil discente e suas particularidades buscam traçar estratégias não só para permanência e êxito, mas também possibilitam análises e pesquisas acerca das especificidades dos alunos que acessam a rede federal de ensino em busca de qualificação profissional, juntamente com a formação básica.

### 2.1.2 Diagnóstico Discente do IFRS – Método da Pesquisa

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) utilizou em sua plataforma um questionário, com método exploratório – descritivo, pois traça perguntas fechadas em 6 (seis) eixos, que permitem, nesse levantamento de dados, trazer maior compreensão na busca por características, para formular hipóteses acerca dos dados apresentados. Tal questionário é constituído de 100 (cem) questões, no seguinte formato:

- I - Dados de Identificação (14 questões);
- II - Realidade Socioeconômica (20 questões);
- III - Trajetória Escolar (19 questões);
- IV - Saúde (23 questões);
- V - Socialização (15 questões);
- VI - Projetos de Vida (5 questões).

Lorenzet et al (2021) enfatizam a capacidade de entendimento e descoberta a partir de investigação sobre as características socioeconômicas e educacionais dos estudantes ingressantes, no interesse de mapear experiências anteriores, seu capital cultural, socialização, acolhimento no espaço institucional e estabelecimento de vínculo, seus projetos de vida e condições de saúde:

Ao debatermos fatores de permanência e êxito escolar, compreendemos que há um conjunto de credenciais que são para muitos coadjuvantes e para outros determinantes em seu processo de escolarização. (LORENZET *et al*, 2021, p. 149).

No documento produzido pela Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica (BRASIL, 2014, p.19), são evidenciadas as três dimensões de pesquisa que servem como base estruturante do questionário aplicado, a partir de discussão acerca de contexto, com base em fatores individuais, fatores internos e externos à instituição, sendo isso necessário para avaliar e entender situações motivadoras de evasão e retenção e/ou reprovação de alunos.

A referida ação faz parte da proposta do plano estratégico de intervenção e monitoramento para superação da evasão e ações de retenção, a ser aplicado por instituições de ensino federais, conforme acórdão 506, de 2013, do Tribunal de Contas da União (TCU), como já foi dito anteriormente.

Para a execução da ação, foi necessária uma organização do IFRS durante o primeiro semestre de 2019 para movimentar os alunos para laboratórios de informática de seus campi, tendo em vista a realização da pesquisa. A ação foi realizada pelas Comissões de Acompanhamento de Ações de Permanência e Êxito dos Campi (CIAAPE), sob a coordenação da Diretoria de Assuntos Estudantis, por meio do Observatório de Permanência e Êxito. Lorenzet et al (2021) analisam a aplicação do questionário:

A aplicação desse questionário visa realizar um diagnóstico, identificar a caracterização discente, para o posterior desenvolvimento de medidas estratégicas que favoreçam o sucesso escolar com a elaboração de um Plano Estratégico de Permanência e Êxito. Para tanto, faz-se necessário o mapeamento dos estudantes ingressantes para analisar as fragilidades que poderão obstruir seu percurso formativo. (LORENZET *et al*, 2021, p. 150).

A pesquisa de diagnóstico discente realizada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) contou com a participação de 8.164 alunos, incluindo ingressantes e em curso no ano de 2019, nas modalidades: Educação de Jovens e Adultos, Ensino Superior, Técnico Concomitante, Técnico Integrado e Técnico Subsequente.

Para compor o objetivo da dissertação, utilizaram-se os dados de alunos em curso do Ensino Médio Integrado e Educação de Jovens e Adultos, modalidade PROEJA.

Os dados selecionados da pesquisa do diagnóstico discente aplicada pelo IFRS, objeto da presente dissertação de mestrado, foram obtidos a partir de um universo de 2.321 alunos, sendo que 77 da Educação de Jovens e Adultos, modalidade PROEJA, e 2.244 do Ensino Médio Integrado. Quando efetuamos o recorte de gênero e raça, o número corresponde, no ensino médio, a 1070 mulheres, sendo 165 negras, e no PROEJA o número de estudantes mulheres chega a 53, sendo 13 as mulheres negras respondentes da pesquisa.

No ano de 2019, de acordo com informações da Plataforma Nilo Peçanha, no Ensino Médio Integrado, houve 5.096 matrículas, para as 5.525 vagas existentes no certame. No caso da Educação de Jovens e Adultos, havia 819 vagas, sendo realizadas 800 matrículas na modalidade.

Nesse sentido, a pesquisa contou com 9,63% dos alunos do PROEJA respondentes ao diagnóstico discente e 44,03% dos alunos do Ensino Médio Integrado regularmente matriculados no IFRS.

## 2.2 DESENHO METODOLÓGICO

A metodologia adotada neste estudo foi estruturada em torno da análise de conteúdo, que se utilizou da análise de dados do diagnóstico discente aplicado aos alunos do IFRS no ano de 2019, sendo esses dados extraídos de uma plataforma que funciona como instrumento de transparência e controle social a partir de ações do Observatório de Permanência e Êxito, que em 2018, em ação da Diretoria de Assuntos Estudantis, vinculada à Pró-reitoria de Ensino do IFRS, foi instituído com a finalidade de entender a realidade educacional da Instituição.

Desse modo, a intenção é, através da análise do material produzido pelo IFRS, mensurar os traços disposicionais em relação às desigualdades existentes entre os alunos de educação profissional.

Foram consideradas, neste estudo, as informações de 2019 de alunos nas modalidades do Ensino Médio Integrado e da Educação de Jovens e Adultos, fazendo-se ainda um recorte sobre alunos negros das distintas modalidades de ensino. Sobre a compreensão do perfil dos alunos, Lorenzet et al assim se posicionam:

Em linhas gerais, a compreensão das especificidades que formam o corpo discente vai ao encontro do projeto de democratização ao acesso à educação e a proposta institucional de buscar excelência em suas ações, qualificando seus processos pedagógicos, identificando as origens sociais, econômicas e culturais de nossos estudantes, a fim de melhor apoiá-los. (LORENZET *et al*, 2021, p. 149).

Nesse sentido, em momento anterior à pandemia do vírus SARS-CoV-2, ocorreu uma visita de pesquisa da autora do presente estudo ao campus Restinga, localizado em um bairro da periferia de Porto Alegre, pois, inicialmente, a pesquisa de mestrado envolveria somente o PROEJA, e a análise ocorreria por entrevistas individuais e encontros em grupos focais, no intuito de verificar as desigualdades existentes entre as mulheres negras estudantes.

Porém, em virtude da pandemia e dos protocolos de distanciamento, e ainda pela contingência de mudança de Estado da pesquisadora, como uma reação frente às adversidades enfrentadas, optou-se em continuar o estudo a partir das análises da pesquisa realizada pela instituição, com os dados produzidos no diagnóstico discente.

Nesse sentido, seguindo a lógica de Bardin (1977), inicia-se o processo na preparação das informações, neste caso foi buscado contato com a Instituição para buscar um melhor entendimento não só do contexto do IFRS - foram analisados

aspectos de estrutura e percepção do pertencimento dos estudantes à instituição de ensino. Segundo Bogdan e Biklen (1994), pesquisadores com a proposta de análise qualitativa frequentam os locais de estudo por se preocuparem com o contexto do objeto. Conforme os autores:

Entende-se que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem. Quando os dados em causa são produzidos por sujeitos, como no caso de registos oficiais, os investigadores querem saber como e em que circunstâncias é que eles foram elaborados. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, pg 48).

A análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), visa a apresentar contexto aos dados a partir de técnicas de análise. Nesse caso, conforme contato realizado com servidores do IFRS, foi dada informação sobre as formas de acesso aos dados do diagnóstico discente, sendo esses dados de livre acesso, pois se trata de informações públicas que visam não só a contribuir para ações de permanência e êxito discente, mas também fomentar a pesquisa, além de garantir a transparência das ações da Instituição.

Os referidos dados estão em uma plataforma online e em forma de gráficos, já de forma quantitativa. A Instituição usou um questionário, com método exploratório – descritivo, pois é composto por perguntas fechadas em 6 (seis) eixos, o que permitiu trazer maior compreensão, na busca por características, sendo possível formular hipóteses acerca dos dados apresentados. Desse modo, nesse momento do processo transformou-se o conteúdo em unidade, segundo passo da análise de conteúdo descrita por Bardin.

Bardin (2011) menciona que a análise de conteúdo visa a analisar o que foi dito em meio a uma investigação, e ainda define um processo rigoroso para a análise do material coletado, estruturando -a da seguinte forma: pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados.

Desse modo, foi sistematizado o processo de análise de conteúdo, sendo que a fase de pré-análise buscou entender como funciona a plataforma Analytics Zoho<sup>15</sup>, onde estão hospedadas as informações registradas pelos alunos respondentes ao diagnóstico discente.

Na fase de exploração do material, extraíram-se os dados quantitativos relativos

---

<sup>15</sup> O Zoho Analytics é um software de *business intelligence* (BI) e análise de dados de autoatendimento que permite analisar e criar visualizações de dados.

às respostas dos alunos do PROEJA e Ensino Médio Integrado, inserindo-os em planilha Excel para construção de gráficos, que foram utilizados na dissertação para compor a pesquisa. Ainda nesta fase, observou-se claramente o terceiro passo descrito na análise de conteúdo de Bardin como da classificação das unidades observadas em categorias, pois neste momento os dados coletados foram categorizados nas duas modalidades de ensino.

Já na fase de tratamento dos resultados, buscou-se qualificar esses dados, visando ao entendimento acerca das disposições à desigualdade dos sujeitos da pesquisa. Observou-se, neste momento a quarta fase da análise de conteúdo, onde a descrição do material coletado vai transformando na análise sociológica do estudo.

Assim, a partir das informações quantitativas produzidas pela Instituição através do diagnóstico discente, formou-se a pesquisa, refinando e cruzando os dados entre alunos em curso do PROEJA e do Ensino Médio Integrado, esses nominados como –EMI. Para finalizar, o último passo da análise de conteúdo demonstrado por Bardin, efetuou-se um cruzamento de dados, formulando novos gráficos, de análise em paralelo, de forma quantitativa e referenciados acerca de nuances teóricas selecionadas.

O estudo cruza os dados, separando-os nos níveis de ensino, possibilitando a sua análise de forma distinta e paralela. As informações são divididas entre as hipóteses de respostas, sendo que na apresentação dos dados, gráficos do capítulo 3, a tabela de conferência das respostas é apresentada em cores distintas, em alguns casos de cima para baixo, e em outros em sentido horário - da esquerda para a direita. A cada hipótese, o número absoluto total é apresentado nas escalas dos gráficos elaborados pela autora.

Ainda assim, para formulação das análises sociológicas, de maneira qualitativa, utilizaram-se valores em percentuais sobre os números absolutos. Tal percentual foi obtido a partir de cálculo realizado pela autora, com base em regra de três a partir do total de alunos respondentes de cada nível de ensino ao diagnóstico discente do IFRS.

Buscou-se qualificar os dados, com referencial teórico acerca de disposições e dos estudantes, utilizando-se conceitos de Bernard Lahire e bell hooks para elucidar e qualificar as informações extraídas do diagnóstico.

A intenção do estudo não foi somente a constatação dos dados e informações coletadas (referências) a partir do diagnóstico discente, mas vai além, buscando o

contexto desses alunos, na busca por traços disposicionais a partir das informações disponíveis, que revelem a interferência de desigualdades enfrentadas no percurso da formação educacional.

Bogdan e Biklen (1994) mencionam que à medida que se vai analisando os dados, algumas palavras, frases e comportamentos passam a ser percebidos em repetição. Com isso, a percepção de padrões de comportamento torna-se visível e perceptível no contexto da análise sociológica.

A partir do raciocínio de Bardin (1977), que enfatiza a importância do rigor na utilização da análise de conteúdo, indo além das informações alcançadas a partir do que já está ali apontado, a autora estimula a descobrir o que está sendo questionado mais profundamente nos referidos dados.

Estudar sobre disposições das desigualdades é cada vez mais importante no contexto atual, na análise da implantação de políticas educacionais vinculadas ao acesso e à permanência dos estudantes, pois ao passo que muitas oportunidades de inserção foram conquistadas, precisamos estar vigilantes e saber se tais oportunidades estão sendo absorvidas. Assim, o estudo de desigualdade torna-se uma categoria de análise de extrema relevância, sendo contextualizada na perspectiva de François Dubet. A utilização do autor no referencial da pesquisa visa a trazer a abordagem da desigualdade na intenção de transformar a ação em objeto sociológico, ainda que como uma filosofia política.

Além disso, o estudo dialoga com o pensamento decolonial, Por isso, o referencial de Boaventura Souza Santos (2010) foi importante para compor a estruturação da pesquisa. Embasando-se em descolonizar el saber, buscou-se estreitar a relação entre os estudos de sociólogos franceses e estudiosas brasileiras, intelectuais negras, na perspectiva da teoria crítica, considerando-se como categoria essencial de análise a interseccionalidade entre classe social, gênero e raça.

### 3. INTERAÇÕES DAS DESIGUALDADES

Com base nas análises de Bernard Lahire, buscou-se verificar os traços disposicionais contidos nas diferentes nuances de desigualdades evidenciadas nos dados da pesquisa “Diagnóstico Discente do IFRS” do ano de 2019, referente aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos, na modalidade PROEJA, e do Ensino Médio Integrado.

Na compreensão desses “padrões de desigualdade”, ressignificou-se o papel da autora enquanto professora – mulher negra – periférica e parte integrante da Educação Profissional, tendo como referência sua trajetória de permanência e êxito como estudante dessa modalidade.

Desse modo, ainda na intenção de legitimar as ações de resistência e resiliência estudantil, buscou-se compreender os traços disposicionais existentes entre os estudantes do Ensino Médio Integrado e da Educação de Jovens e Adultos vinculada à Educação Profissional (PROEJA), realizando-se também um recorte para a análise dos dados vinculados às estudantes autodeclaradas negras, estudantes do PROEJA da Instituição.

Nesse contexto, estudiosos das Ciências Sociais buscam avaliar o fato gerador das ações dos sujeitos, em uma busca sobre o que seria, ou até qual seria uma fórmula geradora de, como um espectro unificador de práticas e condutas. Segundo Lahire (2005):

[...]as disposições especificam-se, para cada um dos grandes domínios da prática, realizando esta ou aquela das possibilidades estilísticas oferecidas por cada “campo”; “a afinidade” entre as potencialidades objectivamente inscritas nas práticas e as disposições (LAHIRE, 2005, p. 15).

Em virtude do recorte na pesquisa para mulheres negras da educação profissional, estudantes do PROEJA, utilizaram-se os estudos de bell hooks para elucidar aspectos sobre a educação, enquanto professora negra de estudantes das classes populares, e o contexto: corpo, mente e espírito como algo relevante para que os sujeitos se encontrem como parte integrante no seu processo de evolução enquanto seres humanos complexos, cada um no seu processo, no qual a educação tem papel importantíssimo como alicerce para a sua construção.

Por essa razão, considera-se como base do estudo a pesquisa realizada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), o

Diagnóstico Discente, pelo qual foi possível mapear o perfil discente, através de dados quantitativos, bem como analisar os traços disposicionais no ambiente escolar, as exclusões e as desigualdades existentes entre os estudantes, e de que forma atuam nos diferentes níveis de ensino. Também foi possível, a partir desse diagnóstico, analisar tais disposições entre as mulheres negras do PROEJA, observando-as e identificando-as com base nas oportunidades oriundas dos percursos familiares e/ ou individuais e incluindo situações próprias de suas trajetórias.

### **3.1 BASE DE DADOS – LEVANTAMENTO DE DADOS QUANTITATIVOS**

Na dissertação, foram analisadas informações acerca de 2.321 estudantes respondentes ao questionário, alunos da educação profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Dentre eles, 77 são alunos da Educação de Jovens e Adultos, modalidade PROEJA, e o restante dos pesquisados são alunos do Ensino Médio Integrado.

Dessa forma, estão envolvidos nesta presente pesquisa de mestrado dados referentes aos 2.244 estudantes participantes do Diagnóstico Discente do IFRS no ano de 2019: pertencentes à modalidade de nível técnico integrado ao ensino médio regular, 2.321 respondentes, e 77 estudantes respondentes da modalidade PROEJA.

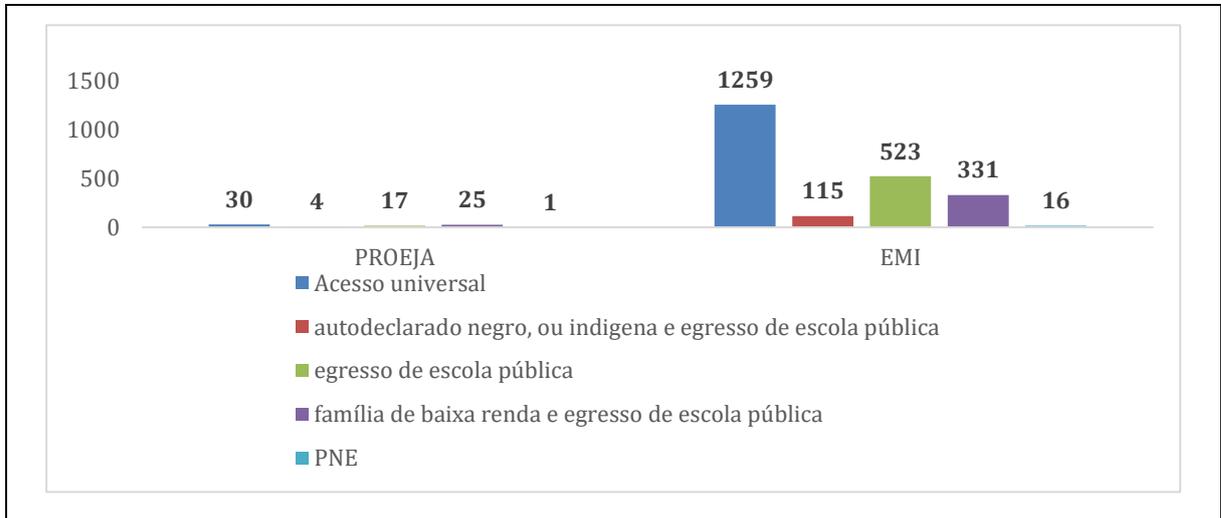
É importante salientar que dentre os 77 alunos respondentes da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), 53 são mulheres e 21 estudantes autodeclarados negros. Desse número de autodeclarados negros, 13 são mulheres e fizeram parte da pesquisa, de maneira a identificar situações de gênero e raça na modalidade de ensino.

#### **3.1.1 Ações e perspectivas dos estudantes para o acesso à Educação Profissional de Nível Médio**

Nesse contexto, a primeira análise que se fez foi sobre a forma de ingresso dos estudantes no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - motivações e anseios a partir da busca ao acesso a uma Instituição de formação profissional. Foram levados em consideração os alunos em curso no

momento da pesquisa, utilizando-se o filtro para estudantes do Ensino Médio Integrado e após Educação de Jovens e Adultos.

**Gráfico 1 - Forma de acesso**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

A partir da análise dos dados, percebem-se as diferenças na forma de acesso de alunos, conforme os cursos Ensino Médio Integrado e PROEJA.

Com base nas informações, alunos do Ensino Médio Integrado são, na maioria, estudantes egressos pelo acesso universal, no qual o ingresso ocorre através de prova de concurso, sendo a classificação de acordo com o atingimento de nota para aprovação no certame. Nesse modelo, incluem-se alunos autodeclarados negros que obtiveram a conclusão do ensino fundamental em escola particular. Percebe-se, também, que 115 alunos tiveram acesso ao IFRS através das ações afirmativas para autodeclarados negros e/ou indígenas egressos de escola pública.

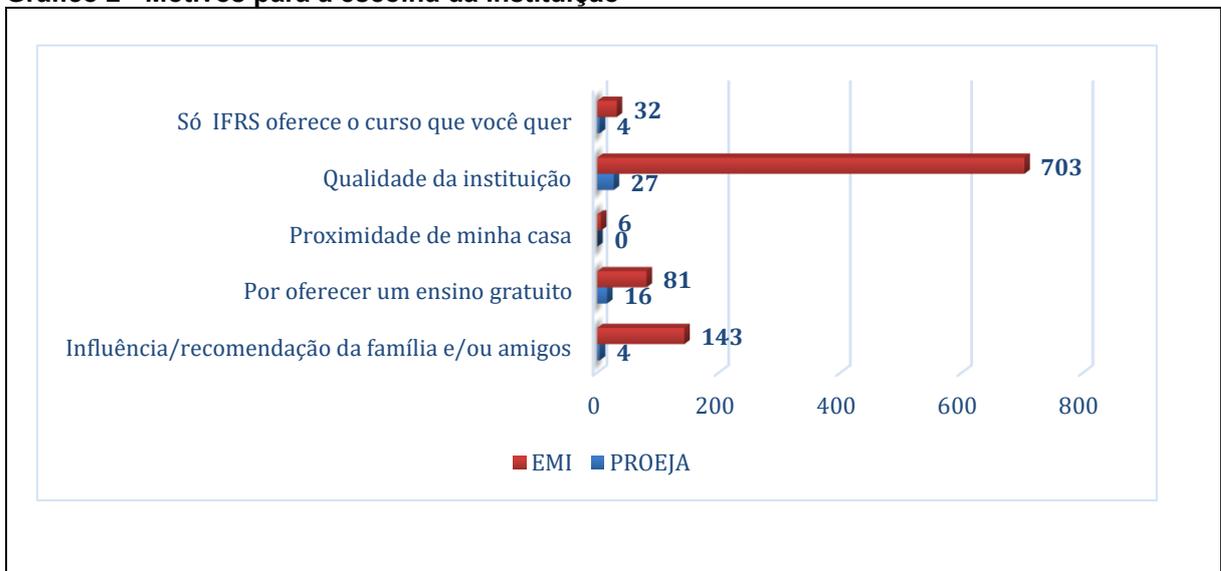
Na modalidade PROEJA, 61,04% dos alunos são oriundos de ações afirmativas e inclusivas, e os restantes ingressaram na instituição pelo modelo de acesso universal. Nesse sentido, 4 estudantes informaram ter havido o ingresso através das ações de cotas, como autodeclarado negro, indígena e egresso de escola pública; 17 são egressos de escola pública; 25 egressos de escola pública e de família de baixa renda e 1 portador de necessidades especiais (PNE).

Desse modo, chega-se a um total de 47 alunos, somando-se as opções de ingresso por ações afirmativas e inclusivas, em regra de três realizada a partir do número total de alunos do PROEJA (77), respondentes da pesquisa. Portanto, todos

os percentuais mencionados ao longo da pesquisa tiveram como estrutura essa base de cálculo, em que o número absoluto das respostas faz relação com o total de respondentes da pesquisa de diagnóstico discente do nível de ensino proposto no estudo.

Quando observamos o motivo pelo qual os estudantes procuram a Instituição de Ensino de Educação Profissional, há análises bem pertinentes quanto ao envolvimento com a formação para o trabalho e de que forma tal intenção surgiu no estudante. Desse modo, apresentam-se dados quantitativos que demonstram esse percurso de interesse e motivação ao ingresso na instituição de qualificação profissional, aliada à educação básica.

**Gráfico 2 - Motivos para a escolha da Instituição**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

No segundo gráfico, verifica-se que a intenção de ingresso na instituição para os estudantes do EMI está aliada ao ensino de qualidade. Sendo assim, estar bem-preparado para o mundo do trabalho é uma intenção em comum entre os alunos do PROEJA e do Ensino Médio Integrado. Outro ponto importante, embora divergente entre os cursos, é sobre aspectos que influenciaram a escolha pelo IFRS. Entre esses motivos está a opção de oferta gratuita do curso, condição essa que está em segundo lugar no grau de importância para alunos do PROEJA. Ainda assim, para os alunos do Ensino Médio Integrado houve recomendação de terceiros, outras pessoas que orientaram acerca da instituição como de grande contribuição para a preparação dos sujeitos para o mundo do trabalho.

Bourdieu (2008) e Lahire (2004), em seus estudos, analisam e apontam aspectos relevantes para o surgimento de e como os sujeitos percorrem suas trajetórias individuais. Nesse contexto, traços disposicionais vão surgindo e sendo ainda firmados a partir de situações diversas, que são encontradas, muitas vezes, no núcleo em que o estudante está inserido e através de seus grupos de convívio.

Nesse sentido, analisa-se que, entre os alunos do Ensino Médio Integrado, o relato da intenção de ingresso no Instituto Federal para sua formação profissional nada mais é do que uma reafirmação de ideias e conceitos previamente formados por familiares e/ou responsáveis próximos, no intuito de orientação na formação do indivíduo. Diante disso, Bourdieu ratifica:

Em realidade, tudo se passa como se as atitudes dos pais em face da educação das crianças, atitudes que se manifestam na decisão de enviar seus filhos a um estabelecimento de ensino secundário ou de deixá-los na classe de fim de estudos primários, de inscrevê-los em um liceu (o que implica um projeto de estudos longos, ao menos até o baccalaureat) ou em colégio de ensino geral (o que supõe a resignação a estudos curtos, até os certificados de ensino profissional por exemplo) fossem, antes de tudo, a interiorização do destino objetivamente determinado (e medido em termos de probabilidades estatísticas) para o conjunto da categoria social à qual pertencem (BOURDIEU, 1966, p. 47).

Segundo Lahire (2005 p. 15), as disposições têm origem a partir de diferentes aspectos, de acordo com as ações sofridas pelos sujeitos, de modo que se percebem diferentes disposições do a partir de possibilidades entre as diferentes desigualdades existentes em um grupo por cada campo. Sendo assim, evidenciam-se afinidades entre as potencialidades vividas na prática e nas disposições:

o ajustamento às posições das disposições ligadas a trajetórias”; “do ponto de vista das suas origens sociais e de todas as disposições correlativas”; “as disposições socialmente inculcadas”; “disposições herdadas”; “as disposições que estão na base da produção de opiniões (LAHIRE, 2005, p. 15.).

Nesse sentido, esta dissertação busca compreender como as trajetórias coletivas e individuais são capazes de reproduzir no ambiente escolar as exclusões e desigualdades sofridas pelo grupo, observando e analisando os dados do ponto de vista de suas origens sociais e de disposições correlativas. Essas disposições são baseadas na aferição de dados que divulgam vivências e oportunidades que são absorvidas no âmbito familiar e ou pelo próprio sujeito. Além disso, a partir desses dados, este estudo busca proporcionar a mais pessoas uma análise acerca de seus

objetivos futuros, avaliando as disposições socialmente forjadas no indivíduo através do ponto de vista social e das disposições herdadas em traços disposicionais de vivências de seu meio familiar.

Ainda em análise do gráfico 2, observa-se que para os alunos do PROEJA o motivo da escolha do IFRS dá-se pela necessidade de qualificação profissional, sendo apontada como razão da procura pela instituição a gratuidade e a opção de curso de interesse. Desse modo, o ingresso de alunos do Ensino Médio e do PROEJA ocorre por diferentes aspectos que os influenciam nessa procura.

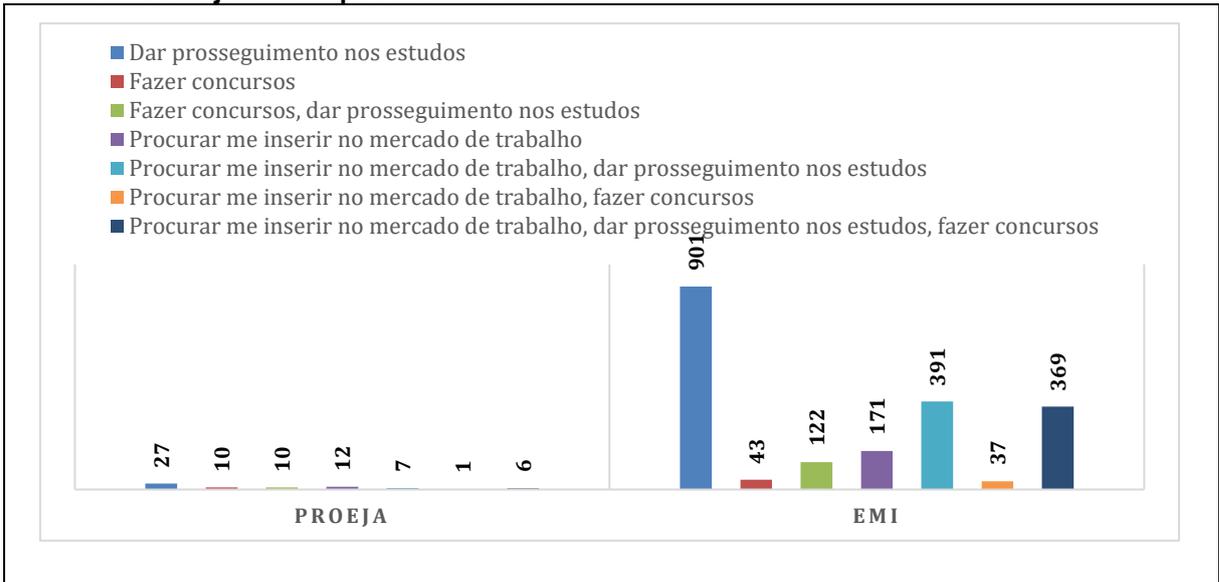
Nesse sentido, existe a possibilidade de diferentes aspectos disposicionais agirem, de acordo com a modalidade de ensino existente na Educação Profissional.

Lahire (2005) ainda menciona que não há exemplos de construção social, de inculcação, de incorporação ou de “transmissão” dessas disposições. Dessa forma, também não há indicações de como poderiam ser reconstruídas essas vivências, como elas agem e de qual forma eficaz se daria a ativação ou suspensão de tais práticas, levando-se em consideração os domínios de práticas ou de contextos mais restritos da vida social. Por essa razão, realizou-se a observação e análise de dados quantitativos produzidos pelo IFRS das práticas sociais dos alunos do PROEJA e do Ensino Médio Integrado, a fim de qualificar os dados extraídos em análises sociológicas.

A criação de oportunidade de acesso ao ensino profissional, em diferentes modalidades, é capaz de propiciar alterações nas práticas sociais dos indivíduos, podendo contribuir, de alguma forma, para formação de novos aspectos disposicionais nos sujeitos, a partir de novas experiências, e ainda oportunizar amparo para que não encontrem desmotivação, provocando, assim, novos traços disposicionais, não só de forma individual, mas também de forma coletiva.

Esses novos traços das ações sociais serão consolidados através de estímulos, anseios e objetivos forjados a partir de novas experiências vivenciadas, trazendo novas perspectivas.

Desse modo, avaliar o que almejam após o término do curso possibilita identificar como tais motivações reverberam nos indivíduos:

**Gráfico 3 - Planejamento após término do curso**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Ao se avaliarem os dados evidenciados sobre as intenções dos estudantes após o término do curso, é possível perceber que, conforme Lahire (2005), as disposições para crer poderão ser fortemente incorporadas pelos indivíduos, essas formadas a partir de novas práticas introduzidas aos sujeitos de diversas formas e em diferentes espaços.

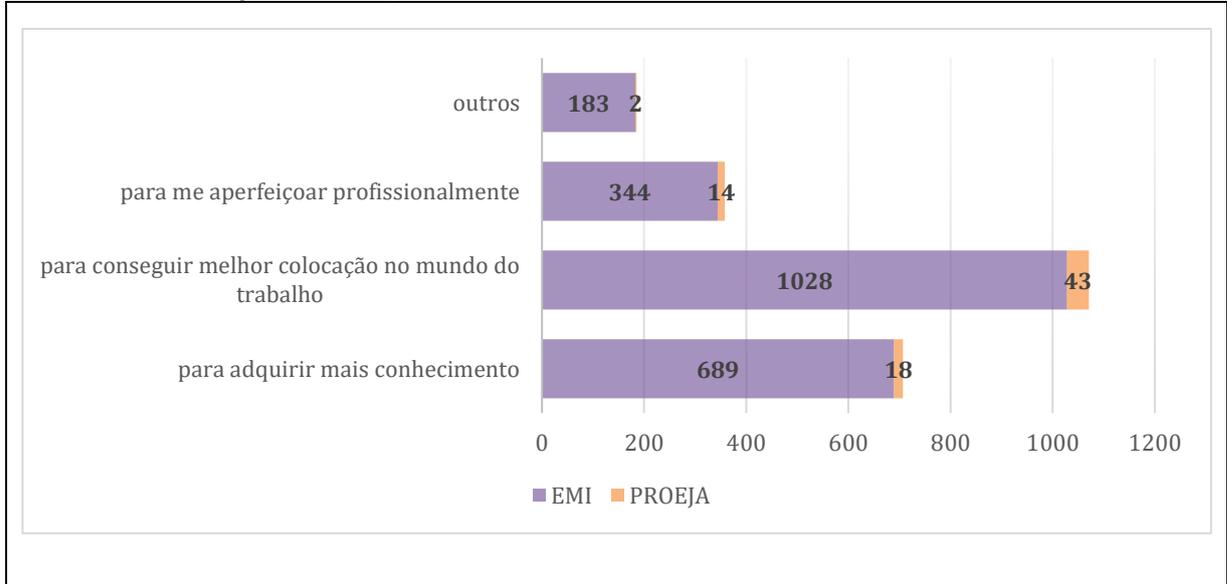
Nesse sentido, o ambiente escolar - e ainda mais o que propicia a prática para o trabalho - encoraja e possibilita a formação de novas tendências na vida social dos alunos:

Assim, os hábitos que foram interiorizados precocemente, em condições favoráveis à sua boa interiorização (sem fenômenos de injunção contraditória, sem interferências na “transmissão cultural” devido a dissonâncias culturais entre os pais ou entre o que dizem os adultos e o que eles fazem, entre o que eles dizem e a maneira como o dizem...) e que encontram condições positivas (socialmente gratificantes) de concretização, podem dar lugar àquilo que é comumente denominado por paixão (LAHIRE, 2005, p. 22).

O autor enfatiza que fatos importantes poderão, de certa forma, ser instalados no corpo de um indivíduo para a formação de um novo hábito, devido ao surgimento de um novo contexto de vida, que promova um novo modo operante no sujeito. Desse modo, a proposta da educação profissional em Instituições voltadas ao fomento à pesquisa e com olhar humanizado aos alunos poderá, de forma singular, promover significativas mudanças sociais não só no meio onde está inserida, como na sociedade como um todo. Por isso, a busca em mapear o perfil do estudante, conhecê-lo de maneira integral possibilita a formação de ações, introdução de novas condutas

que possam reforçar as infinitas capacidades dos sujeitos, como seres humanos integrais.

**Gráfico 4 - Motivo para realização do curso no IFRS**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

O Gráfico 4 demonstra que o que motiva alunos a buscar a educação profissional do IFRS é a intenção de atingirem melhores posições no ambiente corporativo. Com base nas alternativas para a escolha, verifica-se que adquirir os conhecimentos necessários para tornar-se um profissional altamente competitivo no mundo de trabalho é o que mais faz os alunos buscarem a Instituição.

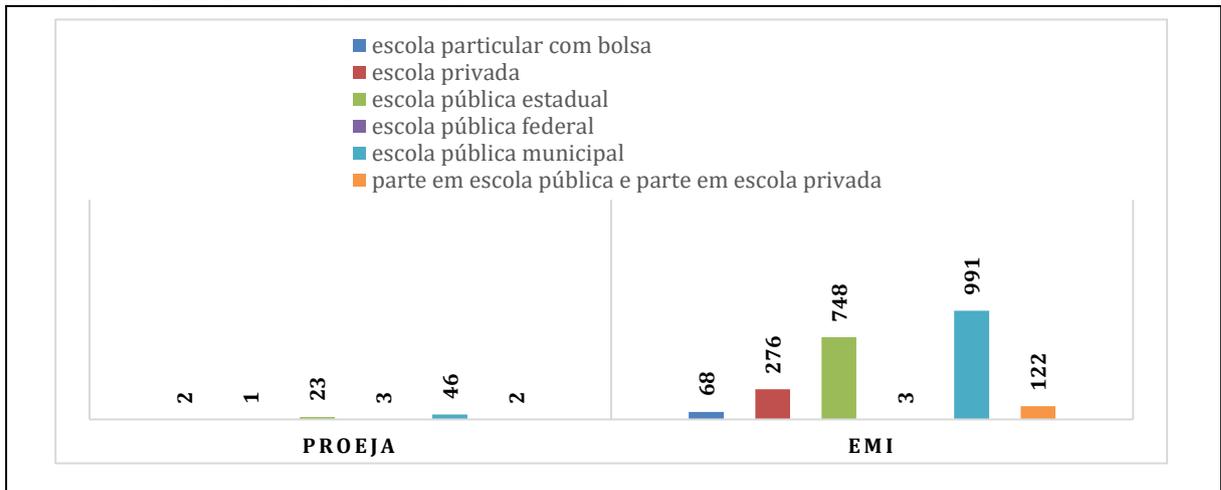
A necessidade do ganho de conhecimento é também apontada pelos alunos respondentes da pesquisa, em segundo lugar, para ambas as modalidades de ensino. Aliado a isso, o aperfeiçoamento profissional.

Desse modo, observa-se que a oportunidade de unir a educação básica aos conhecimentos técnicos específicos possibilita a formação de conhecimentos para as práticas profissionais, e para os estudantes que acessam a educação profissional da rede federal de ensino, isso foi apontado como um fator motivador no momento da escolha pela instituição.

### 3.1.2 Análise das Trajetórias Escolares – Construções individuais e familiares, formação das disposições

A análise percorre as trajetórias dos estudantes, a fim de identificar traços disposicionais a partir do curso traçado pelos estudantes da Educação de Jovens e Adultos e do Ensino Médio Integrado. Também se procurou verificar os traços disposicionais forjados a partir das experiências sociais e organizativas, partilhadas na construção dos sujeitos em suas relações familiares.

**Gráfico 5 - Onde concluiu o Ensino Fundamental**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

A grande maioria dos alunos respondentes apontam que a conclusão do ensino fundamental se deu a partir de escola pública, embora havendo mínima participação na rede privada, e ainda há os que foram bolsistas em instituição particular de ensino.

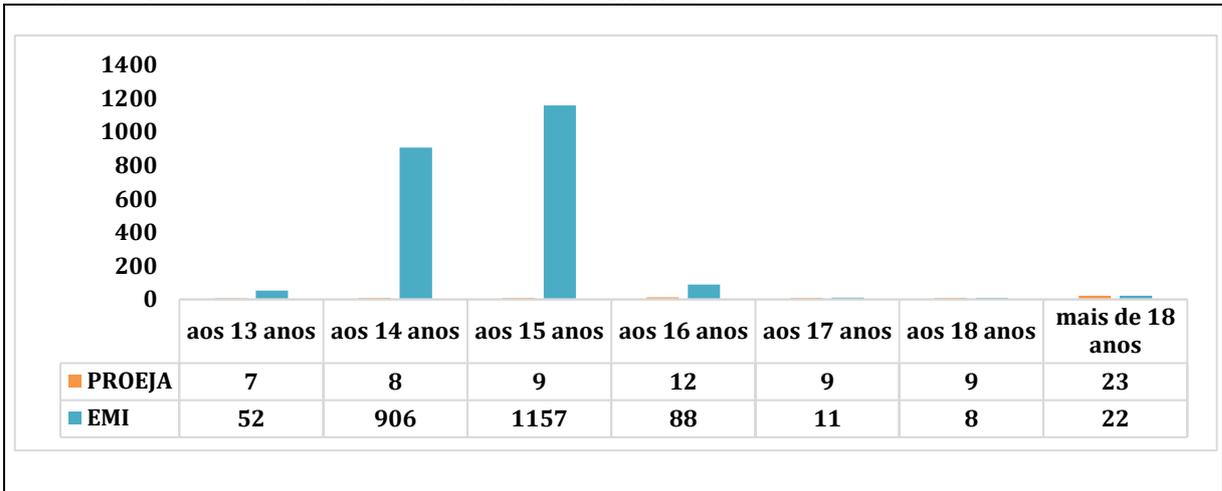
Já os alunos, que acessam a educação profissional na modalidade PROEJA, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, quase a totalidade dos respondentes são de escola da rede pública de ensino.

No Curso de Ensino Médio Integrado à Formação Profissional na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), a seleção para a instituição dá-se por análise social<sup>16</sup>, que visa a acolher os que necessitam não somente da instrução

<sup>16</sup> A seleção leva em conta os seguintes critérios: idade (maior pontuação para pessoas com idade mais avançada); último ano que frequentou a escola (maior pontuação para aqueles que estão há mais tempo fora da escola), e modalidade em que cursou o Ensino Fundamental (maior pontuação para quem o cursou em Educação de Jovens e Adultos). Colocar a referência – Política de Ingresso Discente <[https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2022/07/RESOLUCAO\\_CONSUP\\_42\\_2022\\_PID\\_2022.pdf](https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2022/07/RESOLUCAO_CONSUP_42_2022_PID_2022.pdf)>

básica de ensino, mas também de qualificação profissional de forma ágil. Em seis semestres<sup>17</sup>, o aluno obtém a formação profissional, juntamente com o ensino médio, para que possa rapidamente se inserir no mundo de trabalho, mantendo a dignidade e condição favorável de subsistência de suas famílias.

**Gráfico 6 - Idade de conclusão do ensino fundamental**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

O gráfico 06 evidencia que 53,25% dos alunos respondentes do PROEJA concluíram o ensino fundamental com 17 anos ou mais, ainda que nesse nível de ensino, considerando-se os 9 anos de ensino fundamental, a conclusão fique na faixa de idade entre os 15 e os 16 anos de idade. Nesse público, ainda no ensino fundamental interagem os primeiros traços de desigualdade, sendo que não conseguem finalizar essa etapa de ensino de maneira contínua e regular.

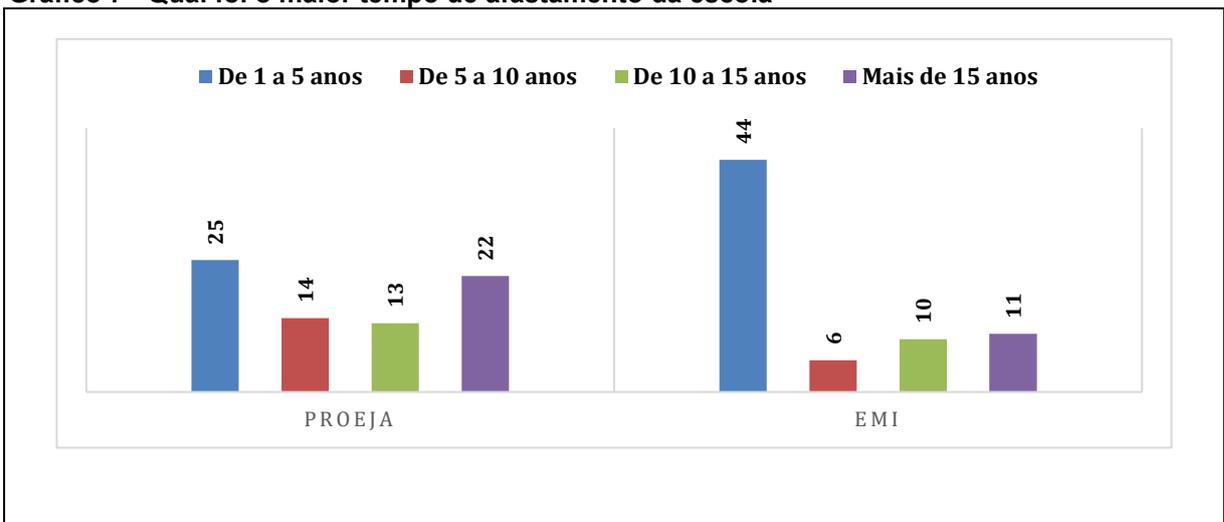
Em relação aos alunos do Ensino Médio Integrado, que em grande número informaram a conclusão do nível fundamental aos 15 anos de idade, verifica-se que mesmo a conclusão sendo a partir dos 13 anos, pelo fato de a análise dos dados ter sido feita com os alunos em curso, há estudantes que não estariam inclusos no novo período de curso do ensino fundamental - 9 anos. A maior parte fica entre 14 e 15

<sup>17</sup> A Organização Didática do IFRS permite que os cursos sejam organizados por oferta anual ou semestral. Art. 26 - § 1º. Os cursos estarão estruturados com duração de, no mínimo, 3 (três) anos ou 6 (seis) semestres e, no máximo, 4 (quatro) anos ou 8 (oito) semestres, conforme documento < <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/OD-Alterada-Publica%C3%A7%C3%A3o-Portal-1.pdf>>

anos de idade, identificando-se também, em menor número, estudantes que informaram que a conclusão do ensino fundamental ocorreu aos 16 anos, bem como os que mencionaram 17 aos 18 anos ou mais.

Essa avaliação sobre a idade de conclusão do ensino fundamental vai ao encontro dos motivos pelos quais muitos dos alunos da Educação de Jovens e Adultos possam ter, de alguma forma, afastando-se das atividades escolares, quando analisada juntamente com a questão da realização de atividade laboral no período. Além disso, analisando-se o tempo de afastamento da Escola após o término do ensino fundamental, é possível verificar os traços disposicionais evidentes sobre a necessidade de inclusão para a subsistência própria e/ou familiar, e ainda se deve considerar o critério do curso de educação profissional pela necessidade de manter-se em qualificação para a inserção nos postos de trabalho.

**Gráfico 7 - Qual foi o maior tempo de afastamento da escola**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Em observação sobre o tempo de afastamento da escola, percebe-se que 3,16% dos estudantes respondentes do Ensino Médio Integrado afastaram-se por algum período das atividades escolares, sendo o maior número na faixa de 1 a 5 anos de afastamento, o mesmo ocorrendo com a maioria dos alunos do PROEJA.

O segundo maior período de afastamento entre os alunos das duas modalidades de ensino foi de mais de 15 anos, 11 alunos do EMI informaram ter sido esse o período em que estiveram afastados do ensino regular. Observa-se, nesses dados, que a constância na continuidade de ensino é fator importante para a formação do e das disposições acadêmicas nos sujeitos, bem como afirma Bernard Lahire na obra

Retratos Sociológicos: as disposições são produtos incorporados de uma socialização. O autor ainda afirma que, pelo fato de ser algo em construção contínua e constante, isso impossibilita uma análise de forma mais direta, a não ser com observações. Contudo, ainda menciona a importância de um trabalho interpretativo para se dar conta de comportamentos e práticas dos sujeitos:

Como uma disposição é o produto incorporado de uma socialização (explícita ou implícita) passada, ela só se constitui através da duração, isto é, mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes (LAHIRE, 2004, p. 28).

Seguindo as análises de Lahire (2004), a incorporação de ou das disposições se dá a partir de repetitivas ações, não sendo possível fazer uma imersão comportamental para adquirir disposições (discursivas, mentais, perceptivas, sensório-motoras, apreciativas etc.), sendo necessária, assim, longa duração dos estímulos para a formulação dessa incorporação.

Nesse contexto, o objetivo do estudo é a análise dos dados informados pelos alunos quando questionados sobre aspectos de sua realidade socioeconômica, trajetória escolar, saúde, socialização e projetos de vida, para avaliar traços disposicionais dos alunos que acessam a educação profissional na rede federal de ensino.

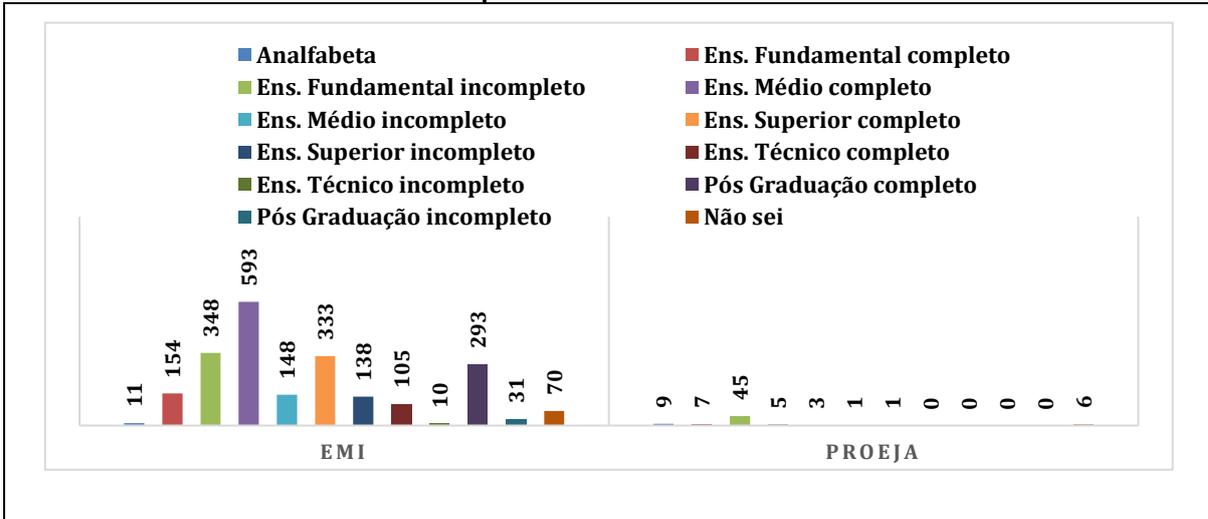
Desse modo, alguns pontos de análise mostraram-se importantes para essa investigação. São informações que trazem uma significativa amostra da realidade do corpo discente e evidenciam situações de desigualdades que foram discutidas no decorrer da dissertação.

Então, falando-se sobre aspectos educacionais, levam-se em consideração aspectos detalhados por Bernard Lahire acerca de contextos sociais:

A noção de disposições supõe que seja possível observar uma série de comportamentos, atitudes e práticas que seja coerente; ela proíbe pensar na possibilidade de deduzir uma disposição a partir do registro ou da observação de apenas um acontecimento (LAHIRE, 2004, p. 27).

Nesse sentido, foram avaliadas as condições da formação escolar de pais e ou responsáveis pela criação dos estudantes, conforme as respostas colocadas no Diagnóstico Discente do IFRS:

Gráfico 8 - Escolaridade mãe e ou responsável



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

De acordo com o levantamento, 26,43% das mães e/ou quem representa a figura materna na criação dos estudantes do Ensino Médio Integrado possuem ensino médio concluído, e 15,51% não concluíram o ensino fundamental. Ainda se verifica que há entre essas responsáveis um número considerável de portadoras de diploma de graduação e pós-graduação. Somando-se os dois percentuais (ensino médio completo e graduação/pós-graduação), um percentual de 27,90%. Ainda sobre essa categorização, verificaram-se menos de 1% de casos de mães sem alfabetização.

Quanto às mães ou responsáveis dos estudantes do PROEJA respondentes ao questionário, 11,69% são sem alfabetização e 58,45% não completaram o ensino fundamental. Nesse contexto, percebem-se realidades distintas entre os estudantes, traços diferenciados de desigualdades.

Enquanto entre os alunos do Ensino Médio Integrado a maioria das mães e ou representantes do papel concluíram o ensino médio, entre os estudantes da Educação de Jovens e Adultos a realidade é de mulheres com baixa escolarização - nenhum dos alunos mencionou a formação técnica, ou pós-graduação.

Bernard Lahire (2004) menciona os fatos geradores de comportamentos e ações sociais dos sujeitos:

São as forças internas (disposicionais) e as forças externas (contextuais) que nos fazem sentir o que sentimos, pensar o que pensamos e fazer o que fazemos, sendo os contextos de ação os responsáveis por desencadear e ativar, ou inibir e desativar as disposições que produzem as práticas sociais (LAHIRE, 2004, p.12).

Em relação a essas práticas sociais, avaliamos também a ação da figura paterna dos estudantes, embora ainda haja a sinalização de não existência da figura, o que já retrata aspectos estruturais de desigualdades em famílias das classes populares. Dessa forma, quando observamos a escolaridade dos pais e ou quem representou a figura paterna nos estudantes, verificaram-se ainda aqueles que não possuíam tal representação familiar, o que já por si só demonstra um traço de desigualdade existente nas famílias de classes populares e contribui para a construção de um contexto de mulheres chefes de família.

Entretanto, segundo Macedo (2008), esse fato de a mulher chefiar a família não é uma característica somente das classes populares, tornando-se cada vez mais comum, no conjunto da sociedade e por diversos fatores, em especial, quando se trata daquelas residentes dos grandes centros urbanos. Conforme a autora:

O fenômeno da chefia de domicílios por mulheres constitui uma nova realidade, como insistem em afirmar as assustadas e preocupadas manchetes de jornais e os programas de televisão (MACEDO, 2008, p. 392).

A autora ainda salienta que um conjunto de transformações econômicas, sociais e comportamentais que foram ocorrendo ao longo dos anos traçaram essa realidade para as mulheres. Com o tempo, elas foram ganhando independência não somente financeira, como também emocional, o que fez com que saíssem da posição de subordinação, tornando-se protagonistas de suas próprias histórias.

No entanto, é importante afirmar que, principalmente nessa questão de análise sobre a mulher chefe de família, além da questão de gênero, também se precisa avaliar questões raciais. Gonzales (1983) enfatiza que em relação à mulher negra periférica é cada vez mais crescente tal realidade, devido aos homens negros, seus filhos e cônjuges estarem à margem da violência sistemática, e em maior número em estado de cárcere.

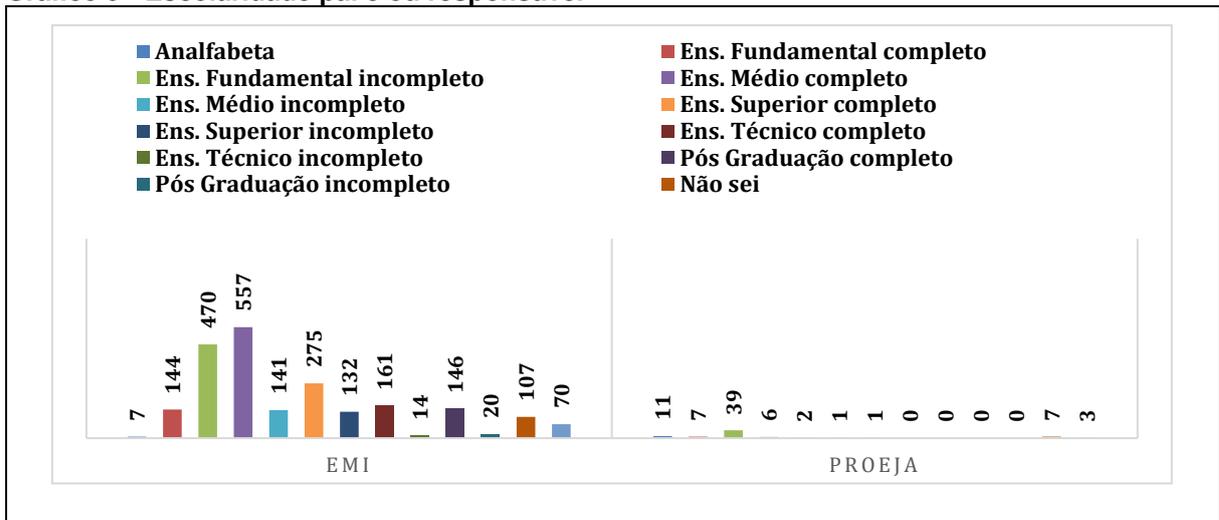
Dessa maneira, é possível verificar um relevante traço disposicional da desigualdade existente entre os sujeitos da pesquisa. Leva-se em consideração que é significativo o número de mães chefes de família, ainda se considerando que 70 alunos do EMI mencionaram a não existência da figura paterna, bem como 3 dos respondentes do PROEJA. Tal situação interage com as argumentações de Dubet (2001).

O autor salienta novos critérios de definição das desigualdades, e essas provenientes das ações da inserção das mulheres no mundo do trabalho, muito embora em posições menos favorecidas e com desprestígio salarial:

As mulheres dominam os serviços, são majoritárias na educação e na saúde, mas não entram na produção, na política ou em outros setores que continuam predominantemente masculinos. Poderíamos falar de emancipação segregativa ou de emancipação “sob tutela” (DUBET, 2001, p. 11).

Nesse sentido, além dos aspectos oriundos da escolarização dos estudantes, encontra-se a estruturação familiar, que, por diferentes situações, pode vir a colocar os sujeitos como peças importantes na base familiar e nos diferentes aspectos de sustento dos familiares.

**Gráfico 9 - Escolaridade pai e ou responsável**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Quando comparados os índices de escolarização entre mães e pais, percebe-se que se manteve o nível médio completo em maior número entre os dados coletados dos alunos do Ensino Médio Integrado. Assim, 24,83 % dos pais e ou representantes familiares possuem ensino médio completo, sendo que os que têm ensino superior e pós-graduação totalizam 18,77%.

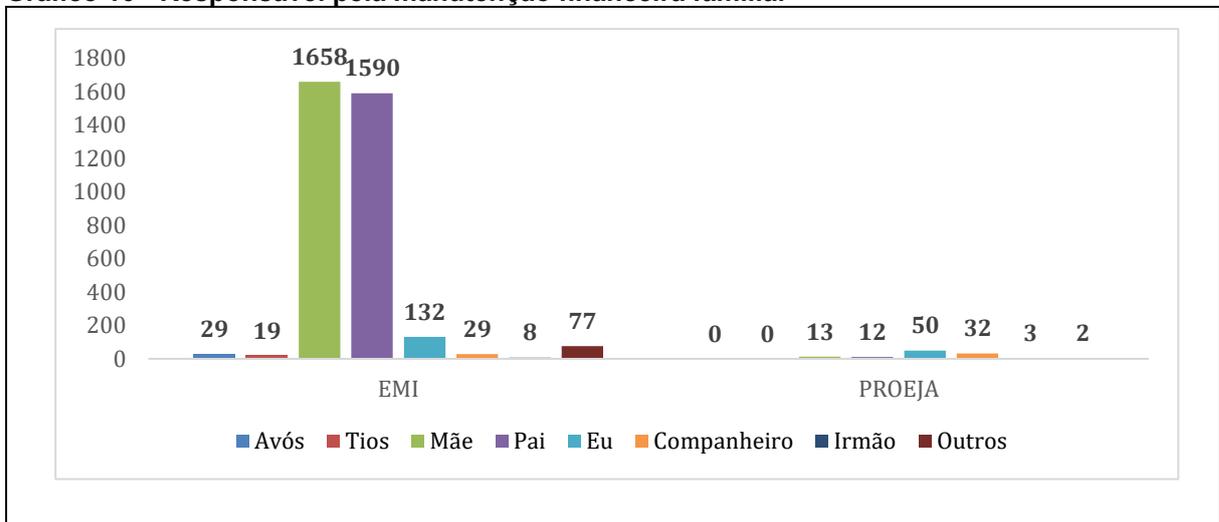
Manteve-se a grande diferença no índice de analfabetismo - menos de 1% entre os pais ou representantes familiares dos estudantes do Ensino Médio Integrado, sendo que entre os alunos do PROEJA o índice de pais sem alfabetização é de

14,29%, coincidindo com as informações das mães, em que o fundamental incompleto é a escolarização predominante em 50,65%, não havendo casos de nível superior de ensino.

Com base na estruturação familiar, na composição do ser escolar, Bourdieu (1966) menciona que o capital cultural e o *ethos* disputam para definição das condutas e atitudes escolares, o que constitui o princípio de eliminação diferencial dos estudantes das diferentes classes sociais. Sendo assim, o autor coloca o êxito escolar diretamente ligado ao legado da família, sendo a continuidade dos estudos escolha amparada pelas atitudes familiares a respeito da escola, como também pelo nível de ensino que será escolhido pelo estudante - no caso da pesquisa, a educação técnica profissional.

Contudo, sabe-se que o foco da educação profissional é a formação para o mundo do trabalho. Sendo assim, possivelmente, as questões vinculadas à subsistência são pilares importantes na formação desses indivíduos. Nesse caso, analisou-se como se dá a estrutura financeira familiar desses alunos e quem são os responsáveis pela manutenção financeira familiar:

**Gráfico 10 - Responsável pela manutenção financeira familiar**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

De acordo com o gráfico acima, verifica-se que no caso dos alunos do Ensino Médio Integrado, em sua maioria, a manutenção financeira é oriunda dos pais e/ou responsáveis, enquanto 64,94 % dos alunos do PROEJA são os próprios mantenedores financeiros na estrutura familiar.

Nesse sentido, verifica-se, nesse contexto, que os alunos da Educação de

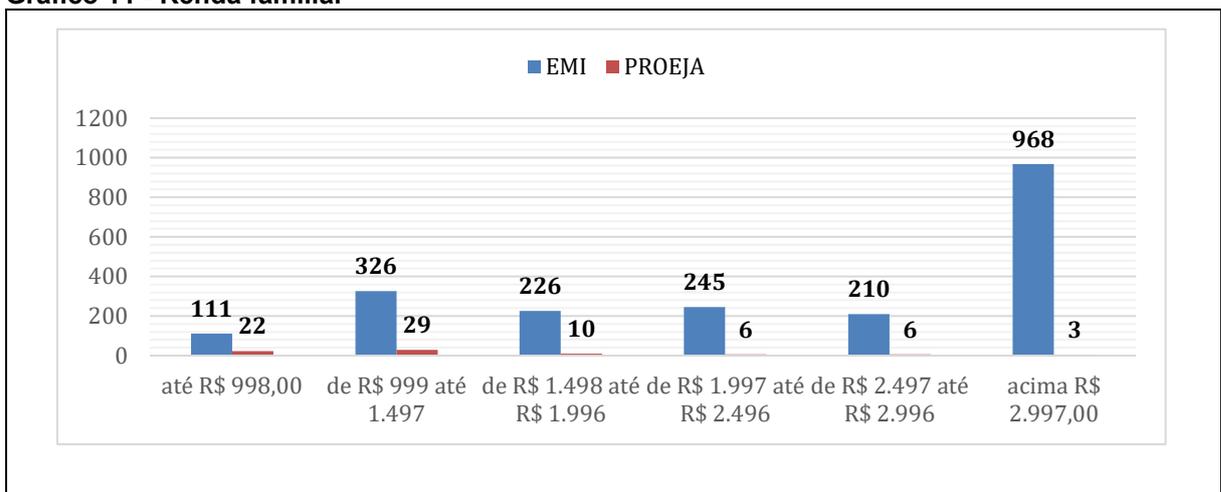
Jovens e Adultos, além das atividades estudantis, estão envolvidos com a sua subsistência. Ainda se observa que, na maior parte dos casos, a responsabilidade financeira está relacionada à figura materna. Essa é também a realidade de 12 dos alunos do PROEJA, destacando-se, mais uma vez, a posição da mulher na manutenção familiar.

Dubet (2001) menciona a autonomia da mulher, no mundo do trabalho, em contrapartida a uma sobrecarga de trabalho e ainda opressões psicológicas sofridas, diante da desqualificação da mão de obra, de maneira intelectual e salarial. O cenário feminino, no trabalho e na família, nem sempre passa por uma visão romantizada, segundo Dubet:

Pior ainda, a autonomia das mulheres assalariadas frequentemente se traduziu por uma sobrecarga de trabalho e por opressões “privadas”, já que a divisão do trabalho doméstico não foi sensivelmente afetada por tal emancipação. Essa autonomia também aumentou consideravelmente a vulnerabilidade das mulheres chefes de família, visto que são menos “protegidas pela tradição” e mais afetadas pela pobreza em caso de dificuldades econômicas e de divórcio (DUBET, 2001, p. 11).

Nesse sentido, conforme o próximo gráfico, verifica-se a distribuição de renda entre as famílias dos sujeitos envolvidos na pesquisa, sendo que na observação da renda familiar já se evidencia a disparidade da composição financeira nos diferentes modelos de ensino.

**Gráfico 11 - Renda familiar**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Desse modo, é possível perceber que entre os estudantes do PROEJA 66,23% têm renda de até um salário-mínimo e meio no ano de 2019, contexto anterior à pandemia.

Já entre os estudantes do Ensino Médio Integrado, 43,14% têm renda acima de R\$ 2.997,00 reais mensais. Isso demonstra o motivo pelo qual os alunos do PROEJA, em sua maioria, estão acessando os recursos do auxílio estudantil<sup>18</sup>. Ainda, quando se observa quem são os responsáveis pela manutenção financeira familiar, vamos ao encontro de mais uma das diferenças entre os perfis dos estudantes nas modalidades de ensino.

Nesse contexto socioeconômico, apresentam-se os alunos trabalhadores, aqueles que apresentam, além de necessidades para o trabalho, disposições para agir em busca de melhores colocações, conforme Lahire (2005, p. 17), quando menciona que disposições para agir trazem a ideia de que as intenções dos sujeitos possam ser, de certa forma, adquiridas em seu próprio contexto social.

Ainda foram levadas em consideração as disposições para agir e as referentes às diversas ações sociais dos sujeitos, quando questionados sobre a necessidade de atividade laboral enquanto estavam cursando o ensino fundamental.

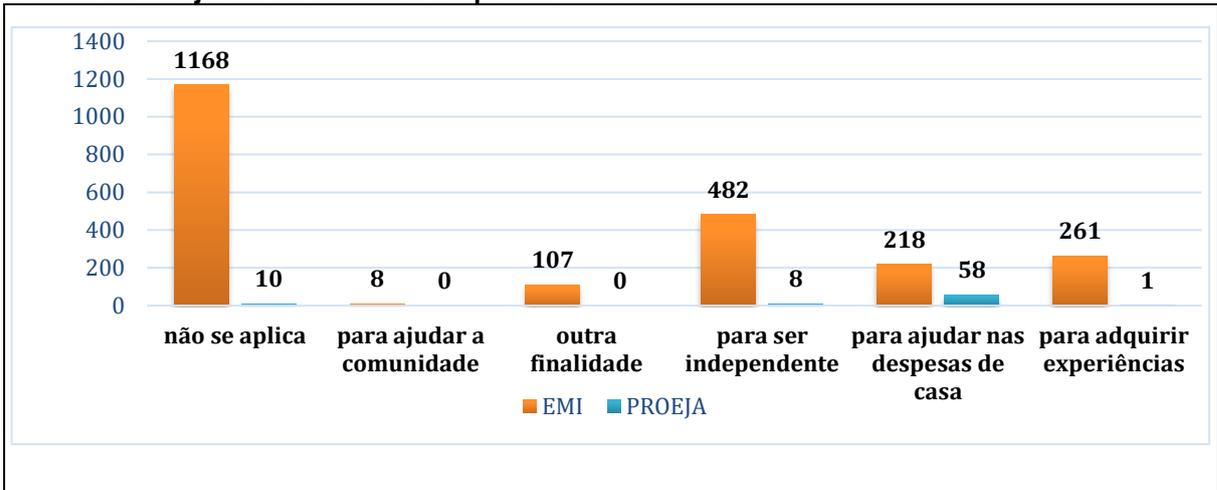
Observa-se que a maioria trabalhou enquanto cursava o ensino fundamental, porém se sabe que a idade regular dessa fase de ensino, em sua maioria, não compreende a maior idade. Logo, há a possibilidade de jovens, ainda menores de idade, terem trabalhado enquanto cursavam o ensino fundamental.

Outra observação é acerca de terem buscado a educação profissional para concluir o ensino médio, o que demonstra que houve interesse de aperfeiçoamento e qualificação de mão de obra. A realização da atividade é o que de certa forma vai ao encontro da intenção de buscar aperfeiçoamento profissional, na conclusão do ensino médio, além de reafirmar uma intenção de qualificação de mão de obra. Isso demonstra a necessidade de manter sua empregabilidade a partir de aquisição de capital cultural para tornar-se competitivo na busca de colocação no mundo do trabalho.

Entre tantos objetivos, ir ao encontro do mundo de trabalho é algo evidente nos alunos que de alguma maneira estão cursando o ensino médio integrado ao técnico. Verifica-se que dentro desse mapeamento estudantil também houve esse interesse de entender os motivos que levam os estudantes a trabalhar, enquanto ainda estão em formação na educação básica.

---

<sup>18</sup> O Auxílio Estudantil tem a finalidade de subsidiar as despesas dos estudantes beneficiados, com vistas a ampliar suas condições de permanência e êxito acadêmico, bem como reduzir os índices de retenção e evasão escolar no IFRS (Art. 23 da Política de Assistência Estudantil do IFRS).

**Gráfico 12 - Objetivo de trabalhar enquanto estudava**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Nesse contexto, percebe-se que o fato gerador da inserção nas atividades laborais, enquanto ainda cursava a educação básica, apresenta-se distinta nas modalidades de ensino. Enquanto para alunos da EJA, 75,33%, o objetivo do trabalho, no momento de estudos, era, em sua maioria, ajudar nas despesas da casa, entre os alunos do Ensino Médio Integrado, 21,48% estavam em busca de independência financeira, 11,63% para adquirir experiência e 9,72% para ajudar nas despesas domésticas.

Nesse sentido, 75,33% dos estudantes do PROEJA responderam que buscaram colocação em postos de trabalho no intuito de ajudar nas despesas da casa, enquanto 51,61% dos estudantes do Ensino Médio Integrado não realizavam atividade laboral. Isso demonstra duas realidades diversas sobre a realidade discente, apresentando sentidos múltiplos para o trabalho durante o curso, considerando-se a relação da formação para e no trabalho.

Lahire (2005), em seus estudos, menciona duas ideias típicas de estudantes. O autor coloca como estudante asceta aquele que é compenetrado no saber acadêmico, que opta por abdicar de socializar tempo livre, férias, entre outras formas de socialização, para dedicação única e exclusiva ao estudo, e o boêmio o que atua no estudo de maneira descontínua e ocasional, em virtude da vida ativa com festas, amigos e dedicação a amores. Conforme o autor:

A maior parte deles estarão entre os dois, em situações “médias” que são, de facto, situações mistas, ambivalentes: eles não são nem monstros de trabalho, nem estroinas totais, mas alternam, segundo os contextos e, nomeadamente, as companhias do momento (e as suas pressões), tempos dedicados ao trabalho e tempos de lazer, sofrendo alternativamente o peso do seu ascetismo constrangido e a má consciência do estudante hedonista (LAHIRE, 2005, p. 34).

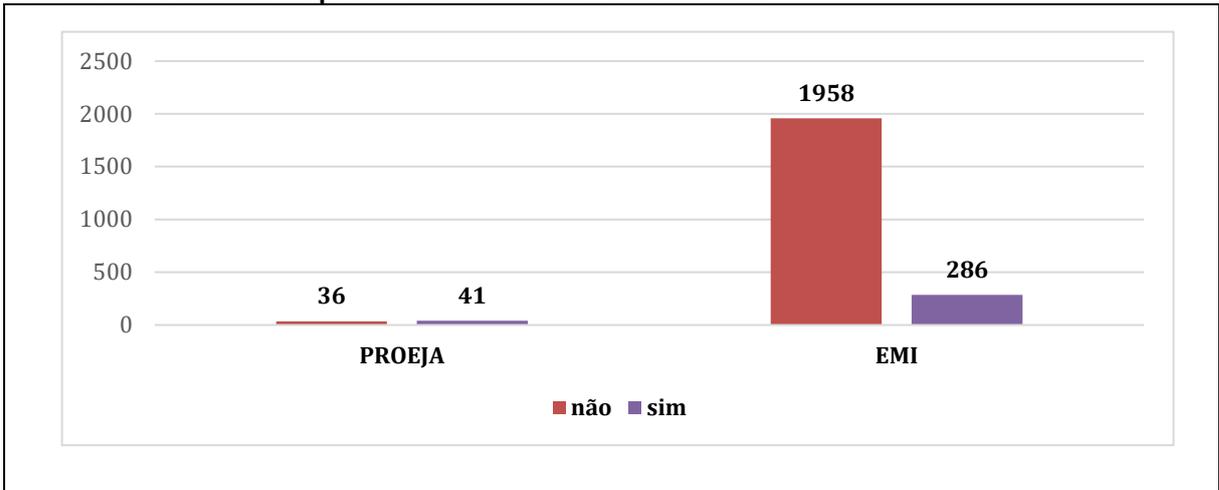
Porém, na análise do estudo, com base nos dados coletados, foi possível avaliar duas ambíguas situações: aquela em que o estudante é mantido pelos pais e em que não há a preocupação com as despesas financeiras familiares, e a situação oposta, para os estudantes do PROEJA, especialmente, em que diariamente, além das preocupações com os estudos, há a preocupação sobre como serão efetuados os pagamentos de suas despesas mensais.

Sabe-se que o Curso de Ensino Médio Integrado à Formação Profissional na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA) é uma modalidade que atende alunos que, de certa forma, não conseguiram ou ainda não tiveram acesso ao ensino médio de acordo com a idade e o nível de ensino.

Desse modo, avaliou-se entre os alunos do PROEJA e do Ensino Médio Integrado se no período em que cursavam o ensino fundamental realizaram atividade laboral. Segundo Dubet (2001), a desigualdade interage fortemente com três esferas: consumo, educação e trabalho. Sendo assim, os sujeitos estão constantemente movidos nesse contexto. Conforme o autor, o não atingimento desses anseios causa desequilíbrio no sistema, e nos sujeitos, muitas vezes, verifica-se que, em algum momento, tendem a fazer escolhas dentre suas necessidades:

Como as principais desigualdades são oriundas do trabalho, a sociedade salarial organiza a coesão e a integração sociais a partir do trabalho, que, ao mesmo tempo, opõe e une os indivíduos (DUBET, 2001, p.7).

Por essa razão, um grande número de alunos, informaram atividade laboral enquanto cursavam o ensino fundamental. Movidos pelos anseios e/ou necessidade de subsistência familiar, buscaram colocação no mundo do trabalho, antes mesmo do ingresso no ensino médio técnico.

**Gráfico 13 - Trabalho enquanto cursava ensino fundamental**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Conforme informações dos estudantes, 53,24% dos alunos da modalidade PROEJA realizavam atividade laboral durante o período em que cursavam ensino fundamental, o mesmo ocorrendo com 12,74% dos estudantes do Ensino Médio Integrado. Junto a esses dados, em outro contexto, avalia-se o afastamento escolar: 98,54% dos estudantes do Ensino Médio Integrado nunca se afastaram da escola, o que ocorreu para 15,58%, o correspondente a 3 alunos da modalidade PROEJA.

A Educação de Jovens e Adultos é uma oferta compensatória para os que não concluíram os níveis de ensino na considerada idade regular. Nesse sentido, em relação às 3 respostas para continuidade dos estudos e não interrupção entre os estudantes do PROEJA, caberia aprofundamento, porque isso diverge da disposição de desigualdade que empurra os jovens e adultos das classes populares para a não conclusão da Educação Básica.

Como hipóteses para esses três casos, talvez a permanência desses estudantes esteja também relacionada a cursos de formação inicial e continuada (FIC), distanciados da escola regular, ou a reprovações, com idade acima de 18 anos, à procura de um curso de EJA junto ao Instituto Federal, instituição reconhecida por sua oferta de qualidade.

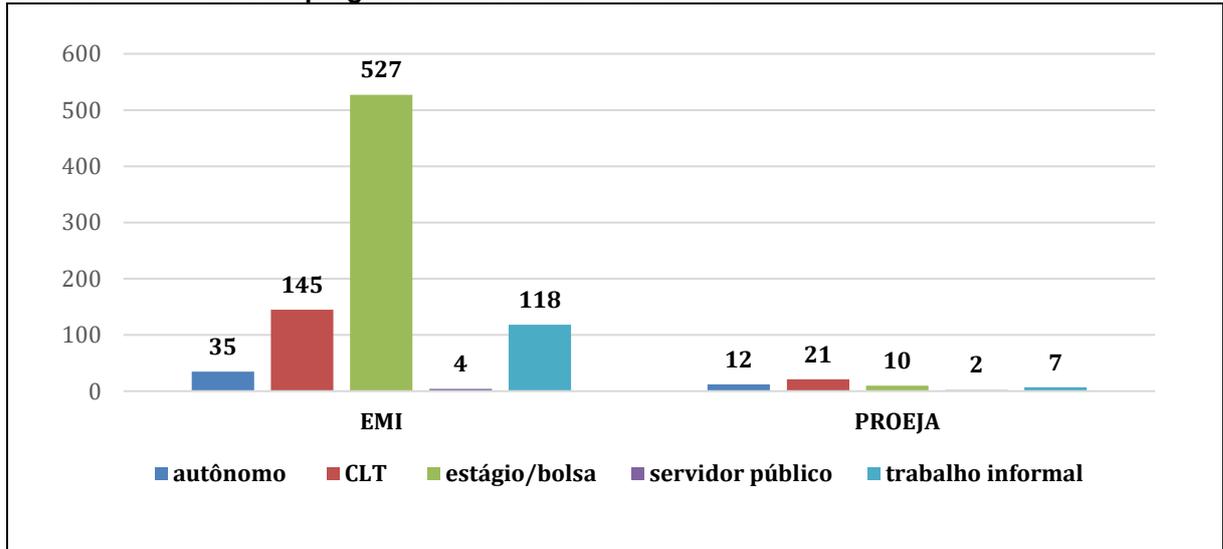
Esses dados apresentados evidenciam as diferentes realidades e desigualdades enfrentadas pelos estudantes da educação profissional. Em relação às ofertas de ensino, percebe-se entre os estudantes do PROEJA a responsabilidade de provimento da família, o vínculo com o trabalho.

Segundo dados da pesquisa de diagnóstico discente, 34% dos estudantes do

Ensino Médio Integrado estavam, nessa época, exercendo atividade laboral, enquanto 57,14% dos alunos do PROEJA estava trabalhando no momento da realização da pesquisa.

Nesse sentido, ainda mencionaram quais eram os vínculos empregatícios nas atividades laborais exercidas, conforme gráfico abaixo:

**Gráfico 14 - Vínculo empregatício estudantes PROEJA e EMI**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

De acordo com os dados apresentados no diagnóstico discente, 23,48% dos estudantes do Ensino Médio Integrado estavam atuando como estagiários e/ou bolsistas, 6,82% realizavam atividades remuneradas, de forma informal ou como autônomos, e 6,64% estavam em atividades formalizadas.

Já para os estudantes do PROEJA, a maioria deles, 29,87%, estavam em empregos formalizados. A instituição oferece ajuda de custo aos estudantes, que para tal passam por análise de seus recursos financeiros. Em função disso, 85,71% dos estudantes da EJA recebem esse recurso, e 38,28% dos estudantes do Ensino Médio Integrado.

Pelos dados da pesquisa do diagnóstico discente, o IFRS acerta com essa distribuição prioritária de assistência estudantil para os estudantes do PROEJA, pois esses se encontram em maior situação de vulnerabilidade para provimento da subsistência.

As realidades financeiras nas diferentes modalidades são distintas. Nos mais diferentes aspectos, é possível perceber as diferentes realidades enfrentadas,

embora, muitas vezes, no mesmo contexto.

Desse modo, quando se observam as questões financeiras, que inclusive levam os estudantes, muitas vezes, à busca das oportunidades de aquisição de recursos, percebe-se que elas estão inseridas na realidade familiar, pela forma como estão distribuídos os recursos financeiros na família.

### 3.1.3 Habitus da Resiliência – Aspectos motivadores da resistência

Com base nos dados quantitativos apresentados sobre diversos aspectos do perfil social e socioeconômico dos estudantes, analisaram-se traços disposicionais através das diferentes desigualdades apresentadas, além de se evidenciarem fatos geradores dos sujeitos através de ações repetidamente vivenciadas. Conforme Lahire:

Os trabalhos realizados no âmbito da psicologia da aprendizagem evidenciam que, para além de um certo umbral de repetição da experiência, pode-se falar de super-aprendizagem, e constata-se que diversas das nossas disposições comuns (como acontece com as disposições sexuadas) [Lahire, 2001c] são fruto de repetição sistemática, cotidiana e de longa duração. Consequentemente, uma disposição pode ser reforçada por solicitação contínua ou, pelo contrário, pode enfraquecer por falta de treinamento (LAHIRE, 2004, p. 28).

Com relação aos alunos do Ensino Médio Integrado, do total de 2.244 alunos, poucos deles afirmaram que trabalharam no período. Esses dados, na Educação de Jovens e Adultos, sobem para mais da metade dos alunos respondentes do diagnóstico discente.

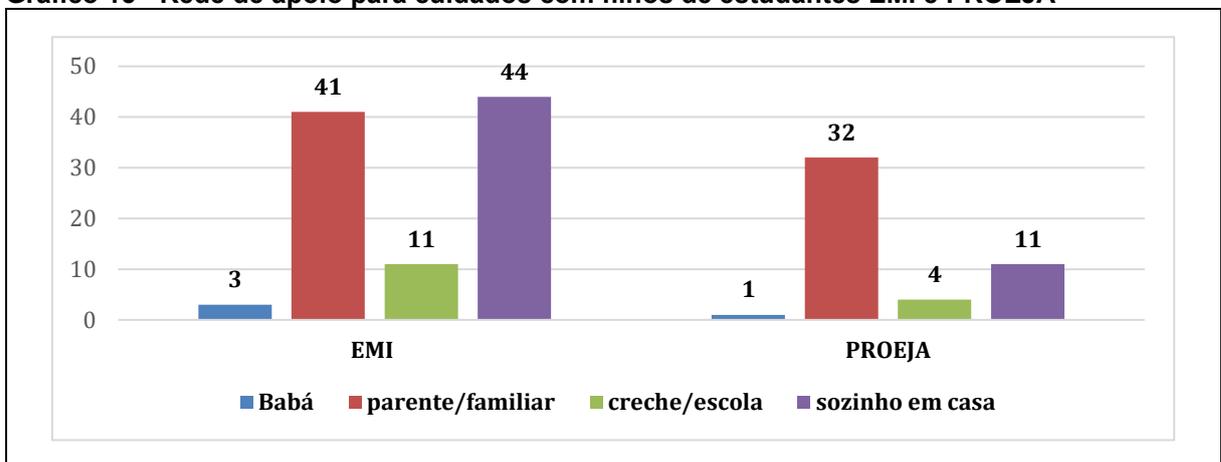
Verifica-se que as dificuldades que mapeiam os traços disposicionais das desigualdades existentes nos alunos vão além da relação com trabalho e do tempo que necessitam dividir entre estudo e trabalho - há ainda outras circunstâncias que demandam do aluno persistência para prosseguir com o objetivo de conclusão e êxito estudantil.

Diante das mais diferentes dificuldades vivenciadas, o estudo visou a fazer um mapeamento sobre situações que exigem do sujeito não só o seu tempo, como também seu emocional, e até mesmo sobre situações que traçam não só as disposições, mas a composição do habitus “[...]os habitus são sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes[...]”. (BOURDIEU, 1983, p. 61)

Acerca das realidades dos estudantes da educação profissional, a pesquisa mensurou informações familiares ainda mais estruturais, identificando que 18,63% dos alunos do Ensino Médio Integrado têm entre suas responsabilidades os cuidados com criança/irmão ou familiar menor de idade. Já entre os alunos do PROEJA, essa realidade sobe para 50,65% dos casos.

Entre os alunos do Ensino Médio Integrado, 4,41% dos estudantes possuem filhos, enquanto entre os do PROEJA o índice é de 62,34%. Os alunos do PROEJA, quando questionados, informaram sua rede de apoio para cuidados com os filhos quando estão em atividades acadêmicas, conforme gráfico:

**Gráfico 15 - Rede de apoio para cuidados com filhos de estudantes EMI e PROEJA**

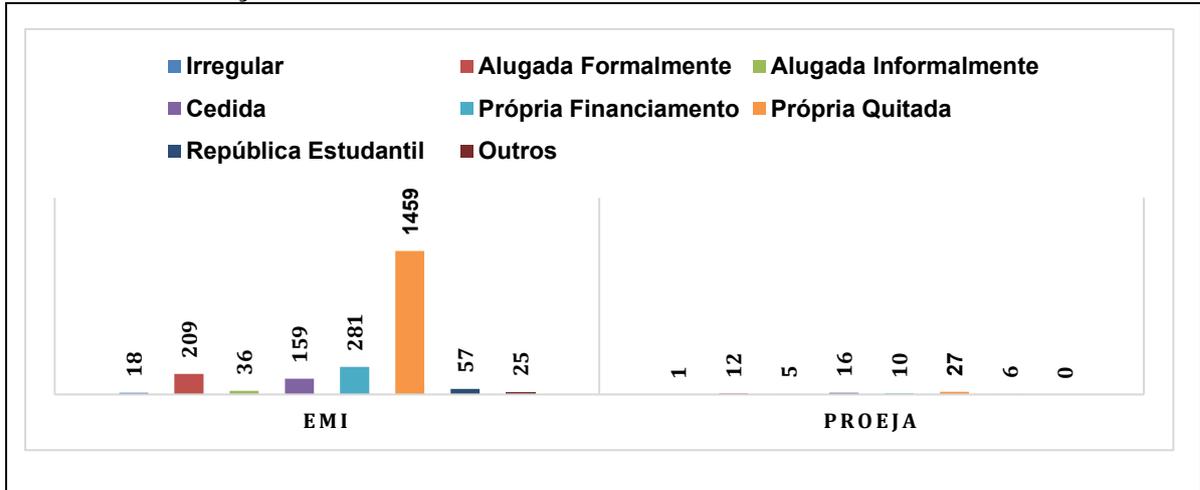


Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente no IFRS do ano de 2019.

Conforme os dados levantados pelo diagnóstico discente, em 32 casos os filhos dos estudantes do PROEJA ficam sob cuidados de familiares enquanto a mãe e/ou o pai estão/está em atividades escolares, enquanto 11 estudantes informaram que seus filhos ficam sozinhos em casa, enquanto a mãe e/ou o pai estão/está na Escola.

A pesquisa buscou o máximo de detalhes para conhecer o corpo discente, e com isso mapear onde estão e como são as possíveis causas de evasão escolar. A busca pela realidade dos alunos faz com que as ações da Instituição sejam cada vez mais embasadas, a partir das mais distintas realidades de desigualdades encontradas nos alunos. Nesse sentido, as condições de moradia dos alunos foram também pesquisadas:

Gráfico 16 - Condições de moradia



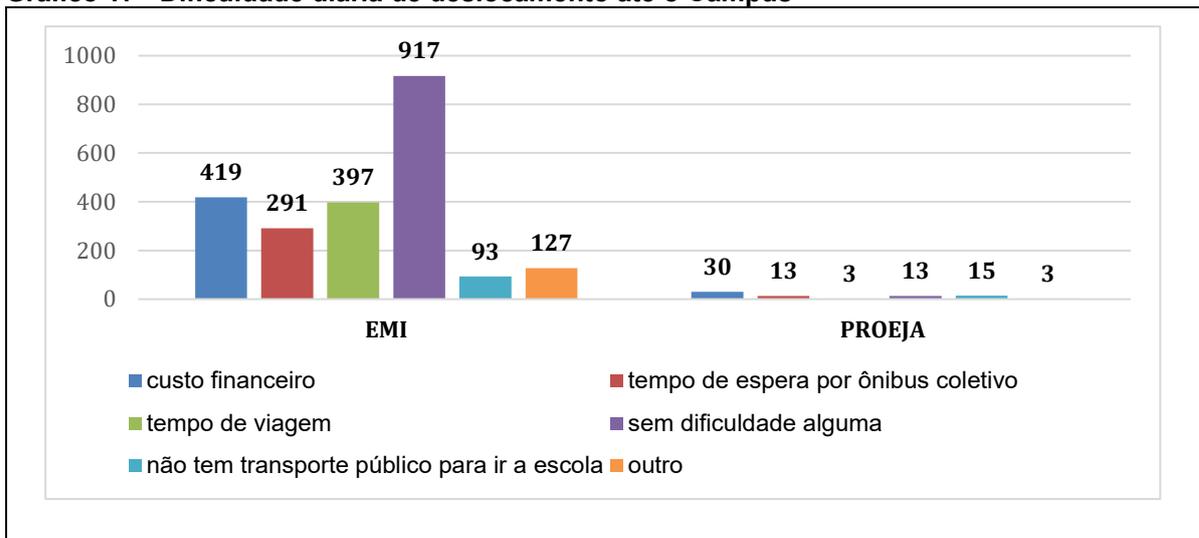
Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Entre os alunos do Ensino Médio Integrado, 77,54% têm moradia própria. Nesse percentual, constam as situações de moradia quitada e as que estão em processo de financiamento imobiliário. Essas mesmas situações ocorrem para os alunos do PROEJA, em 48,05% dos casos. Apenas 21,35% dos estudantes do EMI estão em moradias cedidas, alugadas, repúblicas ou ainda em moradias irregulares. Os estudantes do PROEJA que estão nessa última situação são 51,95%.

Nesse sentido, a assistência estudantil<sup>19</sup> é uma das ações da Instituição que visam a dar apoio, também nas questões de habitação dos estudantes. (...) *Entre as atividades da Pró-reitoria de Ensino, existe a consolidação da Política de Assistência Estudantil, que, entre os principais objetivos, procura minimizar as desigualdades sociais e ampliar a democratização das condições de acesso e permanência dos estudantes no ensino público federal. Atendendo prioritariamente àqueles que se encontram em vulnerabilidade socioeconômica, há oferta de ações como o Auxílio Permanência e o Auxílio Moradia(...)* (IFRS, 2013).

Desse modo, ao mapear o perfil dos estudantes, através do diagnóstico discente, torna-se possível verificar questões que, conforme os alunos, são pontos de dificuldade em relação às atividades escolares. Entre as dificuldades informadas, o deslocamento mostrou-se presente nas informações dos estudantes:

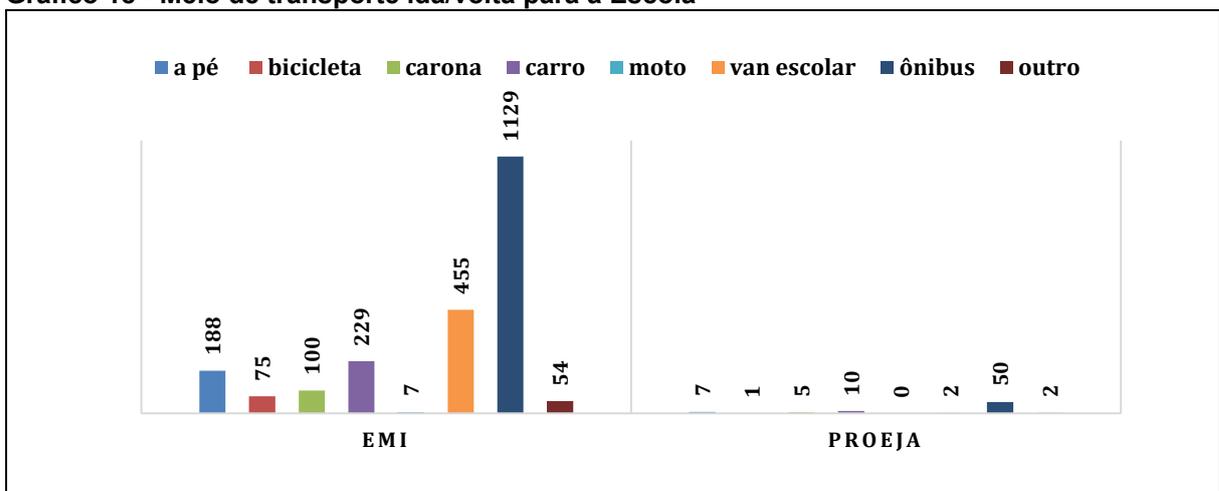
<sup>19</sup> O gerenciamento acontece sob ofício das Coordenações de Assistência Estudantil, setores de referência no apoio ao estudante em cada uma das 17 unidades do IFRS.

**Gráfico 17 - Dificuldade diária de deslocamento até o Campus**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Conforme a análise dos dados, 38,96% dos estudantes da EJA relataram dificuldades financeiras para efetuarem o deslocamento até a Escola, e ainda há 19,48% que informaram não haver transporte público próximo para o deslocamento.

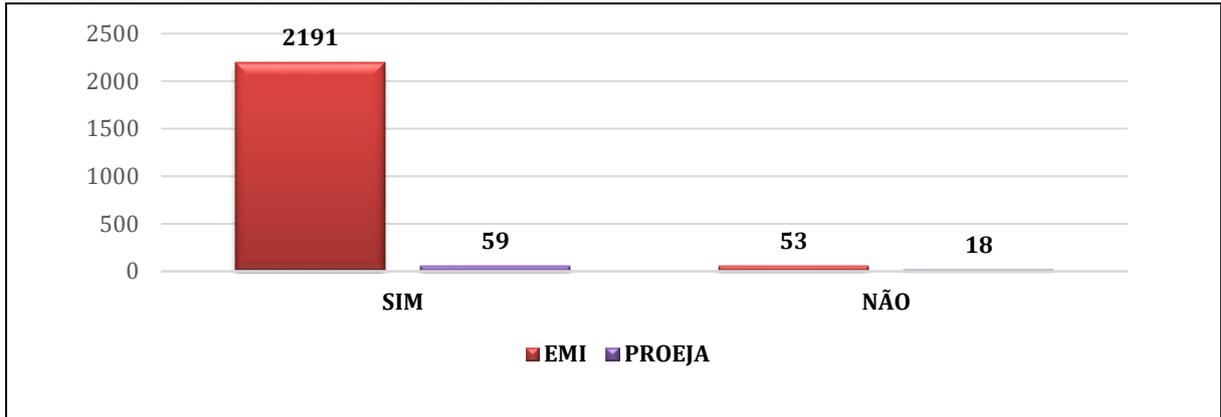
Enquanto 40,86% dos alunos respondentes do Ensino Médio Integrado informaram não haver dificuldades para deslocamento ao campus, 18,67% informaram ter dificuldades financeiras, e ainda 17,69% relataram que o tempo de viagem ao campus é uma dificuldade. Quanto a esse mesmo aspecto, 3,89% dos alunos do PROEJA apontaram-no como uma dificuldade.

**Gráfico 18 - Meio de transporte ida/volta para a Escola**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Sobre a utilização de meios de transporte para ambos os níveis de ensino, na maioria, o deslocamento acontece por ônibus, sendo em 64,93% a utilização pelos estudantes da EJA e 50,31% pelos alunos do Ensino Médio Integrado. Entre os alunos do Ensino Médio Integrado, ainda há um número expressivo que se transporta para Escola via van escolar - 20,28% dos estudantes utilizam esse meio de transporte.

**Gráfico 19 - Acesso à internet na residência**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

O gráfico acima evidencia que 76,23% dos estudantes do PROEJA possuem rede de internet em suas residências, número bastante expressivo, considerando-se que um pouco mais da metade dos alunos informaram que possuem computadores em casa. Já entre os estudantes do Ensino Médio Integrado, para os que possuem computadores, 97,64% desses têm acesso à rede de internet em suas residências.

A pesquisa ocorreu no ano anterior à pandemia do vírus SARS-CoV-2 (covid19), apontando que 89,80% dos estudantes do Ensino Médio Integrado possuíam computador em casa. Entre os alunos do PROEJA, 54,55% informaram possuir o equipamento, que é importante para realização de estudos, projetos e atividades complementares para a aprendizagem.

Sabe-se que hoje muitas das pesquisas dos alunos podem ser realizadas através de smartphone, porém a rede de internet móvel através de dados pode ser limitada. Desse modo, a pesquisa ainda mostrou o acesso à rede de internet residencial dos estudantes.

A análise de traços disposicionais interage fortemente com as dificuldades enfrentadas, ainda se percebendo traços de resiliência existentes nas ações dos estudantes. Embora talvez não percebam, estão fortemente sendo impulsionados à formação de suas capacidades intrínsecas, buscando o favorecimento da superação

de suas dificuldades.

Nesse sentido, Sousa *et al* (2014) mencionam a importância de estratégias educacionais para além das competências educativas e interculturais, mas que também sejam realçadas as competências de resiliência nos estudantes. Segundo os autores:

A investigação sobre esta temática aponta que os professores, por exemplo, ao incentivarem nos seus alunos a capacidade para trabalhar árdua e persistentemente face aos objetivos propostos, ao encorajarem o seu autoconceito saudável, ao incentivarem as suas expectativas pessoais elevadas, ao empenharem-se positivamente no seu sucesso pessoal e académico, estão a promover não só competência (educativa, psicossocial), mas também a sua resiliência (SOUSA *et al*, 2014, p. 30).

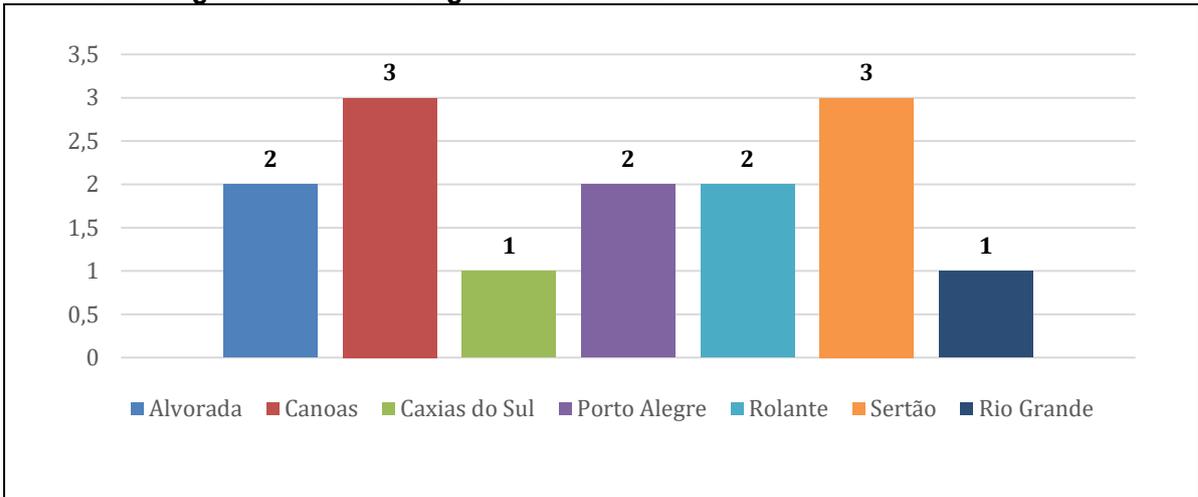
A partir dessa premissa e aliando-se às evidências apresentadas através das análises sobre os estudantes do Ensino Médio Integrado e PROEJA, verificou-se que as desigualdades operam em maior grau na modalidade PROEJA. Dessa forma, aplicou-se ainda um recorte nesse modelo de ensino, na intenção de verificar aspectos relacionados às alunas negras e suas condições apresentadas no diagnóstico discente.

#### **3.1.4 As desigualdades das mulheres, negras e estudantes - aspectos disposicionais da resistência negra acadêmica**

“Precisamos aprender a erguer-nos, enquanto subimos” (DAVIS, 2007, p.20)

A partir dos dados apresentados, buscou-se extrair as informações sobre as trajetórias das mulheres negras estudantes da educação profissional, na modalidade PROEJA. Com isso, foram analisadas as disposições de suas trajetórias pessoais e acadêmicas, bem como aspectos e dificuldades enfrentadas a partir do contexto das desigualdades apresentadas.

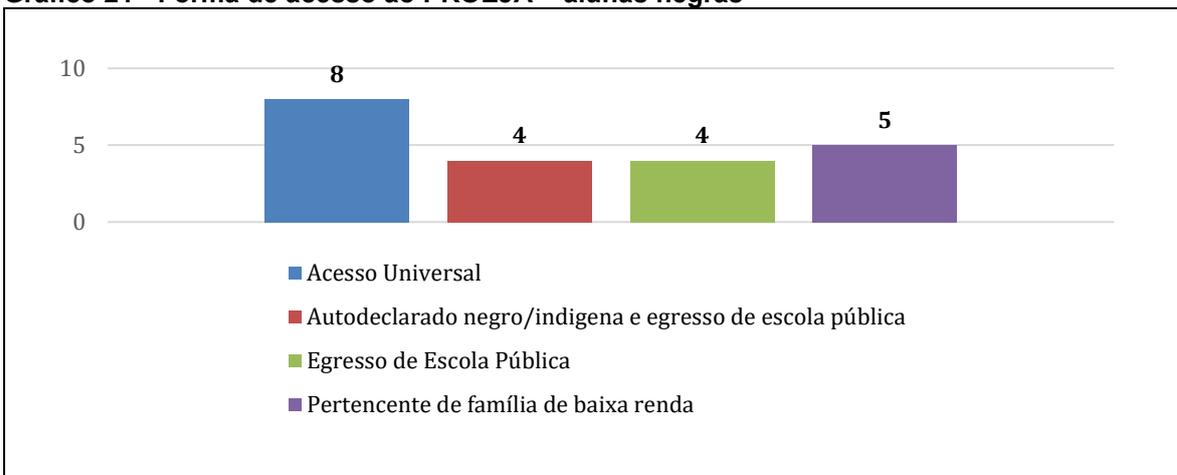
Assim, a análise deu-se a partir de 13 estudantes negras que foram respondentes da pesquisa realizada pela instituição. São alunas do turno da noite e estão distribuídas nas seguintes regiões:

**Gráfico 20 - Regiões das alunas negras da PROEJA**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Entre as estudantes que responderam à pesquisa, 5 estudavam, na época, nos campi da Região Metropolitana de Porto Alegre (Alvorada, Canoas), 2 especialmente na capital (Centro e Restinga) e 6 no interior do estado.

O acesso das estudantes foi de formas distintas, ainda se levando em consideração que para a modalidade Educação de Jovens e Adultos o acesso tem como pré-requisito o Ensino Fundamental completo e com ingresso a partir de análise socioeconômica, tempo longe da escola, idade e participação em palestra esclarecedora sobre o curso PROEJA.

**Gráfico 21 - Forma de acesso ao PROEJA – alunas negras**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

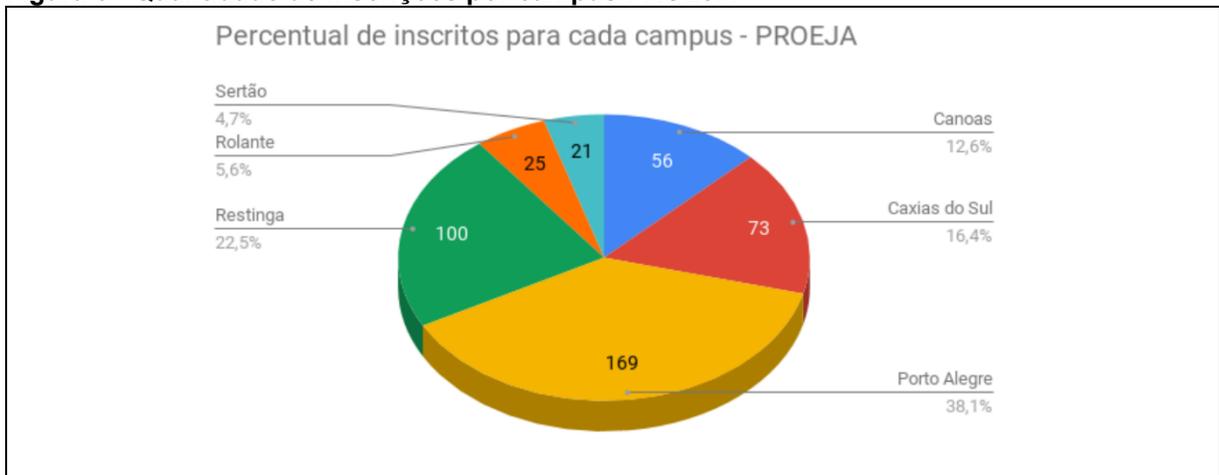
Embora o ingresso ao PROEJA não se dê pelo certame, os inscritos passam por avaliação e são classificados para as vagas conforme as categorias contempladas no

processo seletivo.

Desse modo, entre as alunas negras que responderam ao diagnóstico discente, 5 informaram o ingresso através das vagas universais, 2 alunas autodeclaradas negras e egressas da escola pública, 3 egressas de escola pública e 3 pertencentes à família de baixa renda.

Conforme dados divulgados pelo Observatório de Permanência e Êxito, as cotas estão entre as formas de acesso para a modalidade PROEJA, as quais garantem, de diferentes formas, a inserção de alunos autodeclarados negros e pardos, conforme figura:

**Figura 6 - Quantidade de inscrições por campus PROEJA**

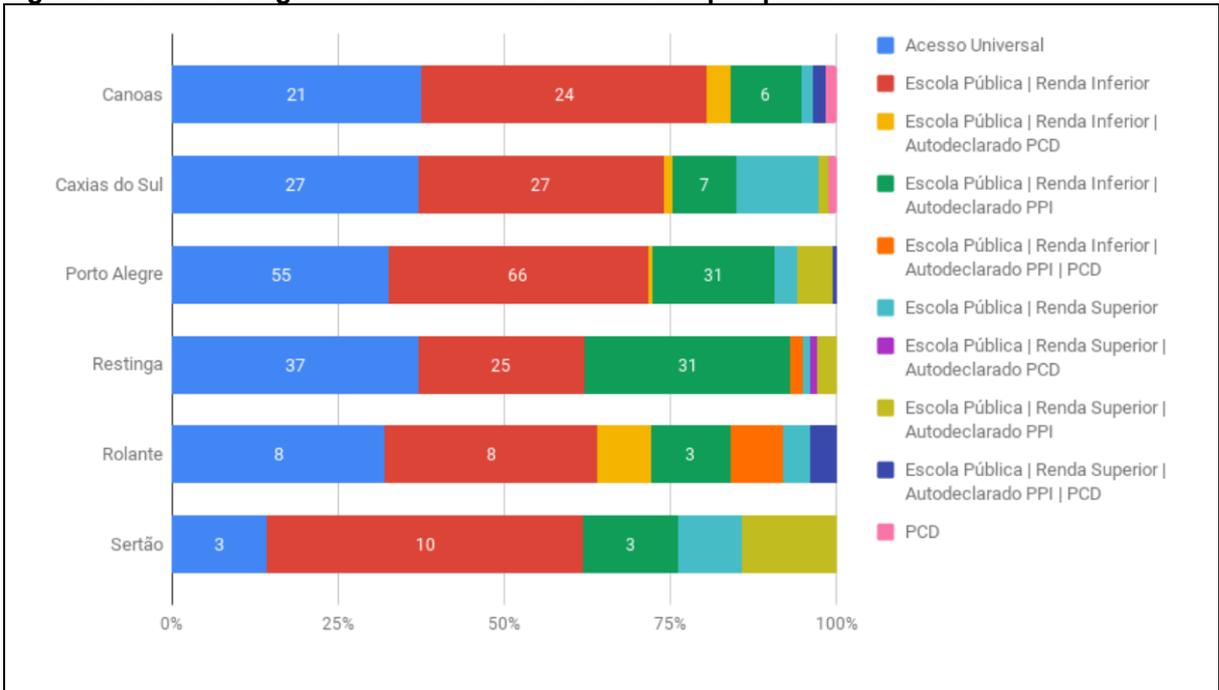


Fonte: Dados do Processo Seletivo do IFRS – 2019/01

Observa-se que a maioria dos inscritos estão na Capital Gaúcha, divididos entre o centro da cidade, denominado Campus Porto Alegre, e a periferia, no Bairro Restinga. No Campus Porto Alegre, localizado na área central da cidade, o curso é o Técnico em Administração, já no Campus do Bairro Restinga o curso é Técnico em Agroecologia. Os dados são do primeiro semestre de 2019, e nem todos os campi abriram inscrições, como, por exemplo, o Campus Alvorada, que não consta na relação de ingresso, conforme o gráfico acima.

Ainda sobre o número de inscritos pela reserva de vagas, percebe-se que na cidade de Porto Alegre, no Campus Porto Alegre, foi onde houve o maior número de ingressos utilizando as cotas como autodeclarado negro.

**Figura 7 - Cotas de ingresso selecionadas de cada campus para PROEJA**

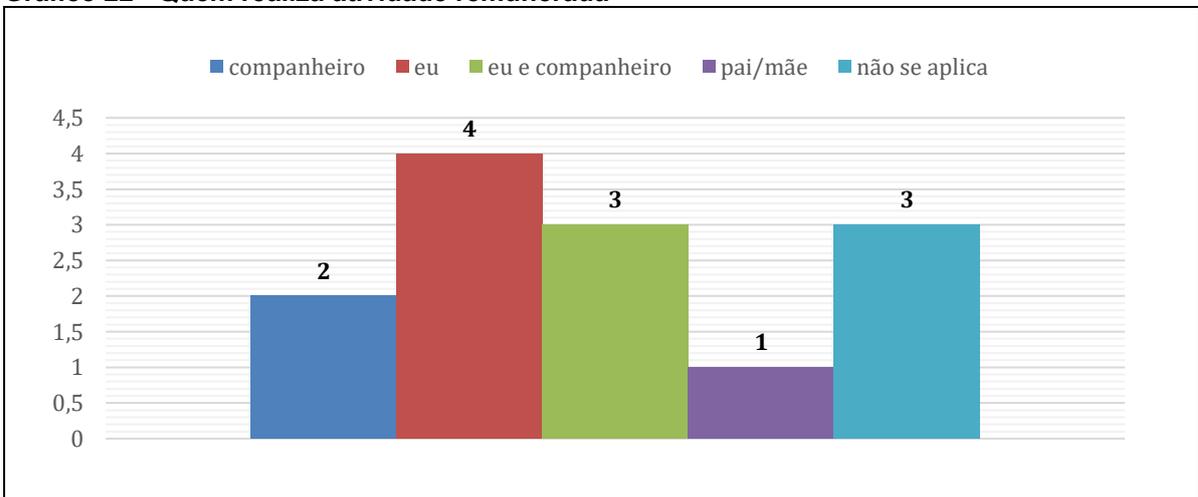


Fonte: Dados do Processo Seletivo do IFRS – 2019/01

Verifica-se que há muitos acessos pelas vagas universais de ampla concorrência e ainda aos alunos que são oriundos da escola pública.

Outro dado importante é que 7 das estudantes negras informaram estar em atividade laboral, sendo que apenas 3 com registro em carteira de trabalho e previdência social (CTPS). Outras 5 alunas que responderam ao questionário estavam em atividades sem registro em CTPS, e 2 das estudantes informaram estar em relação de estágio, bem como 12 alunas negras do PROEJA informaram receber o auxílio estudantil.

**Gráfico 22 - Quem realiza atividade remunerada**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

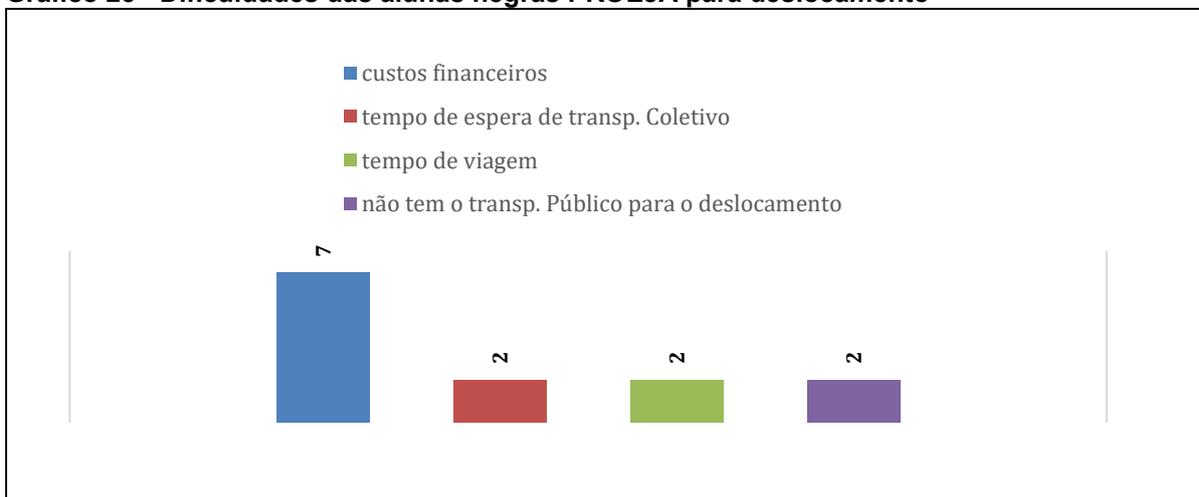
Outro dado importante apontado pela pesquisa é que 11 das estudantes negras do PROEJA são mães, 7 são casadas e 6 estando solteiras.

Nesse contexto, 4 das estudantes são as únicas responsáveis pela manutenção financeira familiar, 5 dividem a responsabilidade financeira com familiar e/ou companheiro, 3 informaram que a manutenção financeira familiar está sob responsabilidade do cônjuge e 1 única informa que quem mantém financeiramente a família é o pai e a mãe.

As estudantes que não possuem trabalho formalizado atuam na informalidade ou como estágio e/ou bolsista, que pode ser, inclusive, na própria instituição de ensino, nos programas de bolsas em atividades remuneradas da instituição. Isso possibilita aprendizagem e experiência profissional, além de trazer remuneração para as famílias.

Na pesquisa, ainda foram identificados aspectos de deslocamento das estudantes, e como elas interagem com a situação em suas rotinas. Os dados apresentaram, em maior número, dificuldades financeiras para o deslocamento até a escola.

**Gráfico 23 - Dificuldades das alunas negras PROEJA para deslocamento**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Ainda se percebeu que o tempo de espera para o transporte público é um fator de dificuldade, levando-se em consideração que muitos dos alunos desse grupo de respondentes são da Região Metropolitana da Capital e da serra gaúcha.

Entende-se que muitas são as dificuldades que as desigualdades sociais causam nos sujeitos, quão diferentes elas ressoam, dependendo do perfil do aluno, e o quanto os traços disposicionais agem de acordo com o sujeito.

### 3.2 DESIGUALDADES – ASPECTOS DAS MOVIMENTAÇÕES ENTRE AS DESIGUALDADES E AS ESTRUTURAS DAS CRENÇAS E RELIGIOSIDADES EXISTENTES

Em um mesmo espaço escolar, interagem, de maneiras distintas, diversas trajetórias sociais e contextos sociológicos. Sendo assim, esses sujeitos, tão diferentes entre si, mesmo estando na mesma busca, que é a qualificação profissional, estão em alguns momentos em percursos distintos, mesmo estando nas mesmas rotas e ainda sentindo-se estranhos no ambiente “[...]Muitos estudantes chegam a escolas e faculdades já sentindo uma profunda desconexão. A escolarização que não honra as necessidades do espírito apenas intensifica a sensação de estar perdido, de ser incapaz de se conectar[...]”. (HOOKS, 2003, p. 269).

No levantamento de dados do IFRS, buscou-se saber qual era a religião dos estudantes. Desse levantamento, foram extraídas informações a respeito da religiosidade dos estudantes do Ensino Médio e do PROEJA, bem como, separadamente, das alunas negras da Educação de Jovens e Adultos.

Lahire (2005) menciona que do mesmo jeito que os sujeitos são portadores de disposições para agir, todos ainda possuem, em maior ou menor grau de interiorização, as disposições para crer, e nelas estão inoculados os “hábitos do espírito” e uma multiplicidade de crenças. Segundo o autor:

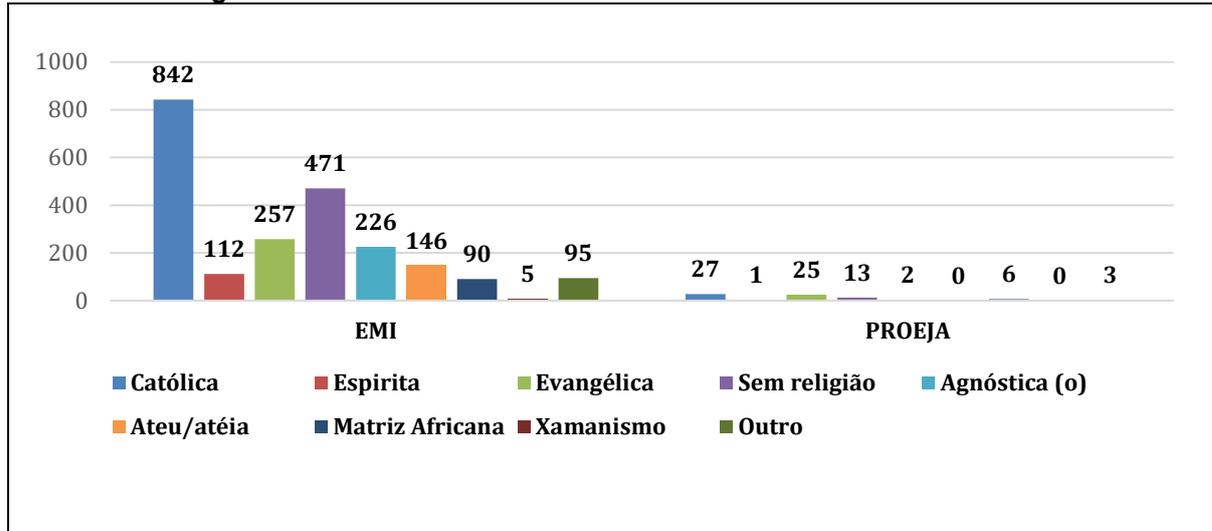
Da mesma maneira que somos portadores de uma multiplicidade de disposições para agir, todos nós, mais ou menos, interiorizamos uma multiplicidade de crenças (“hábitos do espírito”, segundo a expressão de Peirce, hábitos discursivos e mentais) que podemos mais ou menos verbalizar, mas que, em boa parte, estão ligadas a normas sociais produzidas, suportadas e difundidas por instituições tão diversas como a família, a escola, os médicos, as igrejas, as instituições médicas, judiciárias, políticas etc. Quando estas crenças estão já constituídas, elas são mais ou menos confirmadas pela experiência corrente, mais ou menos sustentadas pelas múltiplas instituições (escolares, religiosas, políticas, médicas...), e a sua força varia em função do seu grau de constituição (aprendizagem), e depois de confirmação (sobre aprendizagem) (LAHIRE, 2005, p. 18).

Desse modo, observa-se que muitos dos alunos interagem em múltiplas crenças, identificando-as com clareza no diagnóstico discente.

Lahire (2005) salienta que, na sociedade atual, os sujeitos ainda podem

incorporar crenças para as quais não possuem meios materiais ou disposições para efetivamente exercer em sua totalidade, como normas, valores e ideias. Então, tais crenças são também disposições para agir, formadoras de comportamentos que podem trazer avanços ou limitações, caso não possam ser plenamente difundidas nas ações pessoais.

**Gráfico 24 - Religião alunos EMI e PROEJA**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Hooks (2003) salienta que muitos dos alunos se sentem desconexos dos meios e que, de certa forma, a educação convencional ensina que essa ação desconexa é natural do ser. Porém, a autora afirma que há importância em enaltecer na educação a importância da conexão com a espiritualidade dos sujeitos:

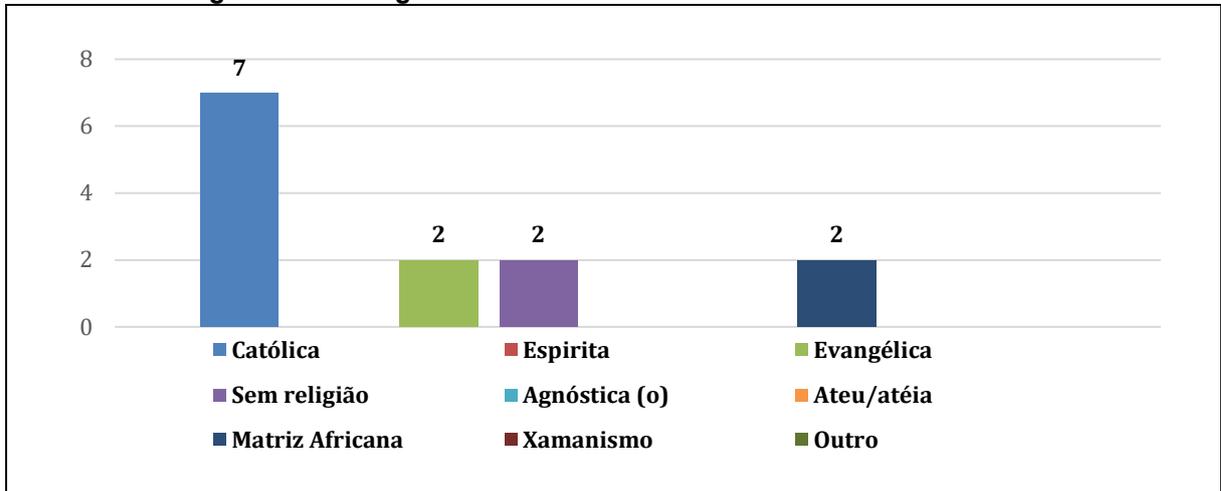
A educação convencional nos ensina que a desconexão é natural ao ser. Não é de surpreender, então, que tantos estudantes negros, estudantes de cor e crianças da classe trabalhadora de todas as raças ingressem em escolas, sobretudo faculdades, com uma experiência construída de interconexão que os coloca em dissonância com o mundo no qual entraram. Portanto, não é de estranhar que muitos desses estudantes apresentem baixo rendimento ou abandonem os estudos. Eles são profundamente ameaçados, em sua essência, pelo convite de integrar um modo de pensar no qual não há senso de sagrado e a conexão é desvalorizada (HOOKS, 2003, p. 269).

Segundo a mesma autora (2003), a falha em não buscar harmonia entre corpo, mente e espírito, não considerando aspectos da espiritualidade dos sujeitos, fez com que as escolas se tornassem meras fábricas de conhecimento.

A autora ainda afirma que quando professores são capazes de criar uma percepção sobre o sagrado, desde a maneira de organização dos espaços, ou pelo

modo de ensino, fazem com que os acadêmicos entendam que não dependem dessa desconexão para o alcance do êxito estudantil.

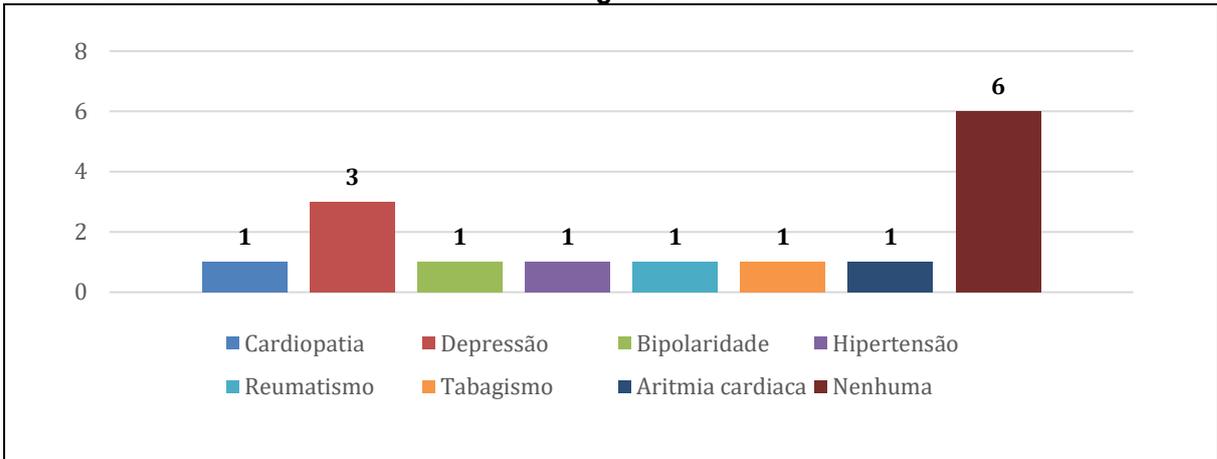
**Gráfico 25 - Religião alunas negras do PROEJA**



Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Percebe-se que a maioria das alunas negras do PROEJA estão em relação com a espiritualidade, ou apresentam alguma familiaridade com alguma religião. Nesse sentido, aspectos de desconexão, evidenciados por bell hooks(2013), não estariam tão presentes nesse público devido ao entendimento de seu contexto enquanto sujeito em mente, corpo e espírito.

A falta desse entendimento sobre si próprio pode causar doenças no corpo físico, entre elas a depressão, oriunda de muitas angústias acumuladas pelos sujeitos. Mercante (2010) menciona que os medos e anseios são bloqueadores do avanço na vida dos sujeitos. Aliada a isso, a busca da espiritualidade e de encontrar-se através de uma cura espiritual, muitas vezes, é capaz de curar dores profundas e doenças físicas.

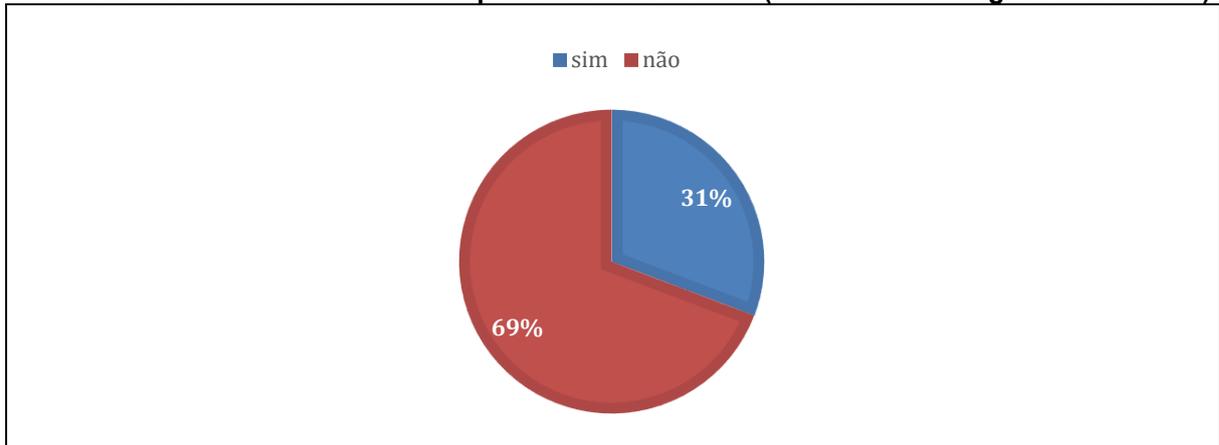
**Gráfico 26 - Problemas de saúde em alunas negras do PROEJA**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Observa-se que 3 das alunas negras do PROEJA relataram depressão e 4 relataram que os problemas de saúde dificultam seus resultados escolares. Conforme gráfico abaixo, isso aponta um ponto importante de análise, na busca de entender, através de mapeamento de perfil, os pontos e trajetos de desconexão dos sujeitos com seu meio.

Lahire (2005) menciona a importância da percepção dos valores que são previamente interiorizados, através de normas, valores e crenças, sem que haja ainda formação dos hábitos de ação que permitam atingir seus ideais. Para o autor:

Da mesma maneira, os actores podem, sob o efeito socializador dos meios escritos ou audiovisuais, ter interiorizado modelos de comportamento ou de existência sem adquirirem os hábitos que os levariam a aproximarem-se, nos factos, dos modelos desejados. Nesse tipo de casos, a crença é impotente, pois ela não encontra as condições disposicionais favoráveis à sua concretização. Esses desfasamentos entre crenças e condições objectivas de existência, ou entre crenças e disposições para agir, conduzem muitas vezes a sentimentos de frustração, de culpabilidade, de ilegitimidade ou de má consciência (LAHIRE, 2005, p. 19).

**Gráfico 27 - Problemas de saúde atrapalham a vida escolar (de/ em alunas negras do PROEJA)**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Nesse sentido, verifica-se a importância de conhecer o perfil dos estudantes e, com isso, buscar identificar as formas em que a Instituição poderá auxiliar na construção de novos, a partir das predisposições de disposições encontradas nos sujeitos.

Lahire (2005) ainda menciona que grande número de mulheres e homens aderem a modelos, seguindo normas de estéticas corporais e dietéticas, observadas em revistas, ou nos outros meios audiovisuais, embora ainda não tenham adquirido os hábitos alimentares, desportivos e estéticos que permitam estar contemplando plenamente esses ideais. Conforme o autor:

No sentido inverso, se reduzíssemos as crenças a um simples “verniz”, não apreenderíamos igualmente os fenômenos de culpabilidade, de mal-estar, de vergonha, ou os “complexos” provocados pela distorção entre crenças e disposições para agir. Essas distorções e, por vezes, essas contradições, 1) entre as diferentes crenças (fortes e fracas) incorporadas por um indivíduo em diferentes contextos, 2) entre diferentes hábitos-disposições para agir (fortes e fracos) e 3) entre as crenças e as disposições para agir, complicam a investigação sociológica e obrigam o investigador a perguntar-se sempre que efeitos precisos de que tipo de socialização ele realmente mediu (LAHIRE, 2005, p. 20).

Nesse contexto, quando se fala em vergonha, bell hooks já dizia que a apresenta como um sentimento que cria uma barreira ao aprendizado. Hooks (2003) afirma que, em muitos casos, a própria experiência de ser “julgado” faz com que estudantes negros ativem sentimentos profundos de vergonha, o que atrapalha seu desenvolvimento acadêmico, atrapalhando, inclusive, a sua saúde mental.

A autora ainda afirma que o baixo desempenho, muitas vezes, é uma estratégia utilizada para aliviar a ansiedade existente sobre o desempenho escolar. Seguindo a

ideia da autora, do alinhamento entre corpo, mente e espírito, há a necessidade de entendimento de que o acadêmico necessita de uma vida em sua completude, não só para sua saúde mental, mas para atingir seus resultados pessoais e educacionais.

Essa relação também é salientada por Lahire (2005), que observa que a maior parte dos estudantes não se encaixam no conceito de estudante asceta, totalmente voltado às realizações acadêmicas, disposto a sacrificar sua vida social, sentimental, familiar e tempos livres, nem, do outro lado, de estudante boêmio, que não busca consagrar-se na totalidade aos estudos, sem que possa viver suas celebrações entre amigos, amores e festa. O autor enfatiza que, na maior parte dos casos, estamos lidando com alunos no meio termo - são acadêmicos em situações “médias”, e estão continuamente sofrendo, alternadamente, entre esses dois contextos. Na visão de Lahire:

Portadores de disposições (mais ou menos fortemente constituídas) relativamente contraditórias, eles são mais numerosos estatisticamente do que os seus colegas “exemplares” (do ponto de vista da oposição teórica referida) (LAHIRE, 2005, p. 34).

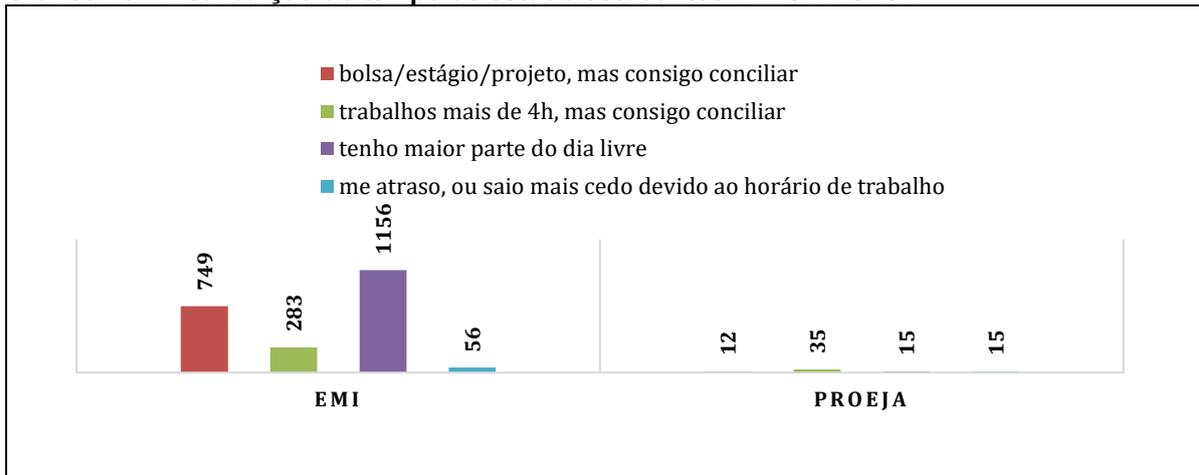
Nesse contexto, e ainda de acordo com Sousa et al (2014), as Instituições que possuem um rico material de análise do perfil dos seus alunos e possibilitam o estudo e a pesquisa acerca das diferenciações dos sujeitos e de suas disposições estão alinhadas a uma educação para a construção de competência intercultural, fortalecendo, assim, características de resistência e resiliência dos indivíduos. Segundo os autores:

A resiliência sendo definida e encarada como a capacidade do ser humano em adaptar-se, ultrapassar e vencer obstáculos (genericamente), vai ao encontro das necessidades de dedicação e empenho requeridas ao salutar desenvolvimento da competência intercultural e, em suma, do usufruto de uma cidadania intercultural (SOUSA *et al*, 2014, p. 34).

Davis (2017) afirma que o empoderamento do sujeito negro deve ser apoiado por aquele negro que, de alguma forma, já o tenha atingido. Segundo a autora, nós, enquanto negros, devemos oferecer uma resistência organizada, a fim de servir como base firme aos demais que estão no processo. *“Acadêmicas e profissionais negras não podem se dar ao luxo de ignorar as dificuldades de nossas irmãs que estão familiarizadas com a opressão de um modo com que muitas de nós não estamos”* (Davis, 2017, p. 20).

As trajetórias dos estudantes do ensino técnico são embasadas em inúmeras dificuldades. Conforme gráfico abaixo, observa-se que entre os alunos do Ensino Médio Integrado, em 51,52% dos casos há tempo livre para os estudos, sendo que os que conseguem conciliar os estudos com o tempo de outras atividades, entre elas as atividades remuneradas, são 45,99% dos casos.

**Gráfico 28 - Distribuição do tempo de estudo estudantes EMI e PROEJA**

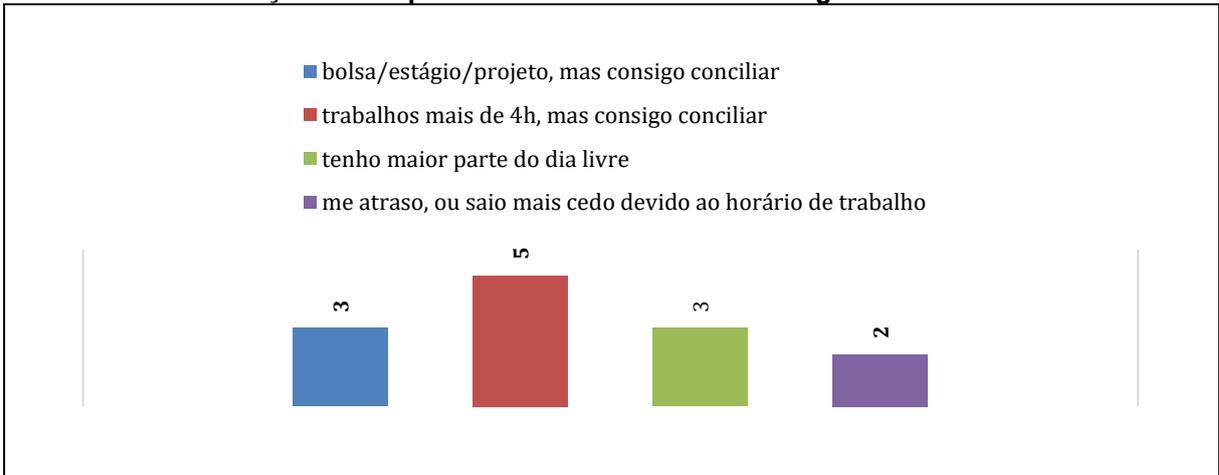


Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Já entre os estudantes do PROEJA, 61,04% dos estudantes conseguem conciliar os horários de aulas com as demais atividades, sendo que 19,48% chegam atrasados ou saem mais cedo devido aos compromissos de trabalho. No entanto, essa mesma situação não chega a 3% dos casos entre os alunos do EMI.

Quando se avaliam as estudantes negras do PROEJA, verifica-se que 61,54% conseguem conciliar os estudos com outras atividades, sem que tenham de faltar ou chegar atrasadas nas aulas, embora 15,39% tenham informado que tiveram de sair mais cedo, ou até mesmo chegaram atrasadas para as aulas.

Desse modo, verifica-se que entre os alunos do PROEJA, embora a maioria esteja conseguindo conciliar as atividades extras de trabalho, estágios e/ou projetos com os estudos da educação básica, ainda há alunos que enfrentam dificuldades para manter ambas as rotinas.

**Gráfico 29 - Distribuição do tempo de estudo das estudantes negras do PROEJA**

Fonte: Produzido pela autora, com base nos dados do Diagnóstico Discente do IFRS de 2019.

Desse modo, as interações das desigualdades dos sujeitos envolvidos na pesquisa interagem de forma simultânea entre os níveis de ensino, em diferentes aspectos. Dubet (2001), em seus estudos sobre desigualdades multiplicadas, já salientava que a distribuição das desigualdades estava presente entre os mais jovens, desenhada na figura do desemprego, de forma desfavorável e crescente. Desfavorável no sentido de mínima experiência, aliada à dificuldade de ingresso no mundo do trabalho.

Os jovens são mais atingidos pelo desemprego do que os adultos, e, sobretudo, estão condenados a um longo período de incerteza e de precariedade antes de conseguirem um emprego estável (DUBET, 2001, p. 12).

Portanto, o estudo percorreu os caminhos da desigualdade, nos aspectos de classe, gênero e raça, ainda trazendo uma visão da decolonialidade, tornando visível, na esfera acadêmica, a importância de considerarmos os sujeitos como um todo em corpo, mente e espírito.

Ao se buscar o entendimento dessa totalidade dos perfis mais diversos entre os estudantes, torna-se possível, de forma mais abrangente, buscar ainda mais estudos e pesquisas acerca do estímulo à permanência e ao êxito dos estudantes, trazendo-se, cada vez mais, as particularidades dos sujeitos e visibilidade aos elementos culturais e de identidade, como afirma Boaventura, em: *Descolonizar el saber*.

Santos (2010) apresenta que o pensamento ocidental moderno acaba se centrando em um pensamento abismal, em um abismo, um sistema que faz a distinção entre o que é visível e invisível, ou ainda do que deve ser invisibilizado, sendo que o

sistema visível se constitui na própria invisibilidade de outro. Esse processo iniciou-se no processo de colonização, a partir da invasão de terras de outros povos, utilizando-se da violência e apropriação, sendo essa justificada como ocorrida por virtude de acesso ao não real, ao não humano, ao incorreto. Essa construção partiu da negativa do outro. O autor explica isso com a amostra de dois lados de uma linha que ele denomina como líneas abismais:

Estas tenciones entre ciencia, filosofia y teologia han llegado a ser altamente visibles pero, como afirmo, todas ellas tienen lugar em este lado de la línea. Su visibilidad se erige sobre la invisibilidad de formas de conocimiento que no pueden ser adaptadas a ninguna de esas plebeyos, campesinos o indígenas al otro lado de la línea (SANTOS, 2010, p. 31).

Desse modo, trazer ao estudo autoras negras brasileiras legitima a pesquisa, diminuindo a lacuna entre os intelectuais franceses e a realidade brasileira. Assim, buscaram-se entre os estudiosos os pontos comuns de análise para montar um diálogo profícuo que permitiu conceituar, na dissertação, as questões de classe, gênero e raça.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Se quisermos elevar a condição de toda nossa comunidade à medida que escalamos as alturas do empoderamento, devemos estar dispostas a oferecer uma resistência organizada.” (DAVIS, 2017, p. 20)*

A presente dissertação apresenta-se como escrituras de uma mulher preta e mãe solo, que assumiu a responsabilidade de sobrevivência e, enquanto subia na escalada da vida, preocupou-se em erguer os seus. Colocou-se como peça em movimento dentro das classes populares, ancorada pelas questões de raça e gênero. As escritas de uma vida em busca da permanência e do êxito na educação cruzaram-se quando a docente se viu aluna novamente e voltou ao início de tudo para conseguir enxergar seu propósito.

Ainda assim, a elaboração da pesquisa se deu em meio a uma grande crise pandêmica pelo vírus SARS-CoV-2, em que a necessidade de isolamento social impactou não só muitas das pesquisas acadêmicas, mas o emocional dos sujeitos, que assistiam ao aumento das desigualdades sociais e econômicas. Sendo assim, algumas repaginações nas vidas, nas pesquisas e nas rotinas tiveram de ser efetuadas. A prioridade da pesquisa seria evidenciar as trajetórias de mulheres negras na educação profissional, com entrevistas em grupos focais, porém, em virtude do isolamento social e da mudança de Estado da pesquisadora, do Rio Grande do Sul para a Bahia, fez-se necessário repensar a proposta.

Nesse bailado da vida de uma mulher preta e mãe solo, diante dos desafios da vida pessoal e acadêmica, ocorreu a mudança de Estado, indo morar na Bahia para iniciar um trabalho e manter a subsistência familiar. Essa nova realidade trouxe a percepção diante de um outro cenário da desigualdade, e o início em atividade docente em um programa do governo - “Educar para Trabalhar” - oportunizou estímulo para buscar entender as disposições dos sujeitos que acessam a educação profissional.

Portanto, este estudo buscou analisar as interações das desigualdades a partir da ótica das disposições por Bernard Lahire, trazendo como problemática inicial:

analisar, a partir dos dados produzidos pelo diagnóstico discente do IFRS do ano de 2019, os traços disposicionais de desigualdades.

Por essa razão, foram utilizados, então, os dados do diagnóstico discente aplicado no ano de 2019 nos estudantes do IFRS, fazendo-se o recorte entre os alunos do Ensino Médio Integrado e Educação de Jovens e Adultos, modalidade PROEJA, avaliando-se também questões de raça e gênero a partir da pesquisa sobre mulheres negras estudantes do PROEJA.

Sobre a dimensão metodológica deste estudo, buscou-se na análise de conteúdo observar e analisar os dados produzidos pelo IFRS a partir do Diagnóstico Discente de 2019. Cabe ressaltar que os dados são de domínio público e estão hospedados na plataforma *Zoho Analytics*, podendo haver seleção acerca das questões a serem buscadas. Nesse sentido, a busca priorizou alunos em curso da modalidade do Ensino Médio Integrado e do PROEJA, bem como as estudantes negras do PROEJA.

Os dados foram utilizados paralelamente, de maneira quantitativa e qualitativa, a fim de possibilitar o estudo sociológico acerca das disposições e habitus dos sujeitos, e a pesquisa sobre as estudantes negras possibilitou avaliar as pautas étnico-raciais sociais e acadêmicas.

Desse modo, no primeiro capítulo, as escritas sobre si buscaram trazer forma à trajetória da pesquisadora enquanto aluna da educação profissional, evidenciando traços disposicionais e habitus. Salienta-se que os estudos sociológicos sobre habitus e disposições mostraram-se fundamentais do início ao fim da pesquisa: “(...) *uma leitura adequada da relação entre as posições sociais (conceito relacional), as disposições (ou os habitus) e as tomadas de posição, as “escolhas” que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática, na cozinha ou no esporte, na música ou na política etc (...)*” (Bourdieu, 1996, p. 18).

Evidenciou-se na escrita o encontro enquanto mulher negra, trazendo em voga as experiências, expectativas e visão do mundo a partir de seu lugar de fala e seu olhar de quem - de baixo para cima - trilhou os caminhos da educação em busca da diminuição da desigualdade. Por essa razão, utilizaram-se os estudos sobre a espiritualidade na educação, embasados em bell hooks, pois a cura do espírito mostrou-se necessária - questões de lapidação na própria pesquisadora, para que a finalização do estudo fosse permitida e ligasse as vivências da pesquisadora, enquanto docente e aluna, com os alunos, objeto do estudo.

Os objetivos específicos que organizaram e orientaram este trabalho foram: o primeiro, compreender como as desigualdades ocorrem junto aos estudantes nos diferentes níveis de Ensino da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio do IFRS, tendo por base o diagnóstico discente de 2019. Para atender a esse objetivo, foram utilizadas as análises de François Dubet, mas também de autores negros que dialogam sobre as desigualdades, permitindo perceber as diferentes desigualdades existentes.

O segundo objetivo foi reconhecer os fatos geradores de disposições que levaram os estudantes ao acesso da Educação Profissional no IFRS. Assim, foi possível observar que as questões de escolarização dos pais são um dos principais formadores das disposições dos estudantes para o acesso à educação profissional. Em relação à permanência e ao êxito, percebeu-se que há diferenças entre os estudantes do PROEJA e os do Ensino Médio Integrado quanto à evasão e ao tempo de afastamento escolar.

O terceiro objetivo foi analisar a dinâmica existencial das disposições nas diferentes desigualdades existentes, pela qual foi possível observar as diferenciações entre os estudantes. Dessa forma, para os estudantes do PROEJA, as dificuldades de deslocamento para a instituição mostram-se evidentes e das mais distintas formas, desde dificuldades financeiras para o deslocamento até a questão de não existência de transporte público para fazer o traslado casa x escola.

Nesse sentido, utilizou-se o método de análise de conteúdo, a partir dos dados já produzidos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), na intenção de trazer maior versatilidade ao estudo diante das informações contidas no diagnóstico discente da instituição. Segundo Campos (2004), além da multifuncionalidade do método, a criatividade das formas de demonstrar os dados mostra-se evidente nessa abordagem:

Fazer uma abordagem do método de análise de conteúdo significa demonstrar sua versatilidade, mas também seus limites enquanto técnicas. Vislumbramos, assim, que o desenvolvimento desse método passa invariavelmente pela criatividade e pela capacidade do pesquisador qualitativo em lidar com situações que, muitas vezes, não podem ser alcançadas de outra forma. De qualquer maneira, é uma importante ferramenta na condução da análise dos dados qualitativos, mas deve ser valorizado enquanto meio e não confundido como finalidade em um trabalho científico (CAMPOS, 2004, p. 614).

No terceiro e último capítulo, são apresentados os dados da pesquisa, transformados em qualitativos - dados cruzados em diferentes perspectivas de desigualdades, a fim de avaliar os traços disposicionais e promover o diálogo sociológico proposto pela pesquisadora. Nesse sentido, os objetivos foram amplamente alcançados, ainda sendo possível fomentar outras indagações acerca das práticas docentes e instituições para a formação integral dos sujeitos, bem como a transformação e o empoderamento através da educação para o mundo do trabalho.

Verificaram-se entre os estudantes os principais aspectos que operam as desigualdades. Assim, a grande maioria dos estudantes trabalhadores estão entre os alunos do PROEJA, bem como os que recebem auxílio estudantil, que é uma ajuda financeira promovida de acordo com edital específico. Também entre os pesquisados é marcante a presença da mãe chefe de família, situação que está tomando maior forma na sociedade brasileira como um todo, como forma de independência feminina, porém, nas classes populares, menos romantizada, como uma ocorrência forjada pelas práticas sociais.

Entre as mulheres negras do PROEJA, demonstraram-se as questões de gênero, raça e classe, ancoradas nas desigualdades e na resistência na busca do empoderamento através da educação e preparação ao mundo do trabalho. Nesse nível de ensino, encontramos mães em maioria solo, trabalhadoras e exemplos da resiliência acadêmica para os outros jovens, no caso, do EMI, que, mesmo que em outras situações de desigualdades, podem visualizar outros aspectos da realidade social.

Encerra-se esta pesquisa defendendo a educação decolonial, observando os aspectos individuais dos sujeitos, entendendo que em cada ser existem infinitas particularidades, o que transforma a educação, tornando-a cada vez mais desafiadora. Este estudo evidencia que em nossas salas de aula, muito mais do que diante de alunos, estamos à frente de sujeitos em corpo, mente e espírito. Se houver consciência desse equilíbrio, impera o sucesso escolar. Como afirma Boaventura Santos sobre o pensamento abismal:

Estas tenciones entre ciencia, filosofia y teologia han llegado a ser altamente visibles pero, como afirmo, todas ellas tienen lugar em este lado de la línea. Su visibilidad se erige sobre la 4 invisibilidad de formas de conocimiento que no pueden ser adaptadas a ninguna de esas plebeyos, campesinos o indígenas al outro lado de la línea. (SANTOS, 2010. p. 31)

Nesse caso, a característica principal do pensamento abismal está justamente na crença na impossibilidade de copresença desses dois lados, que justifica o certo e o errado. O lado do colonizador expulsa a existência de outros pensamentos para fortificar sua supremacia. O autor menciona as tentativas de desaparecimento que as culturas indígenas e africanas sofreram, não só de sua cultura, mas também de sua religiosidade. Essa situação é sentida até hoje, quando verificamos a marginalização do culto afro no Brasil e a situação de descaso em que se encontram as aldeias indígenas.

Por essa razão, o estudo buscou trazer o diálogo com Bernard Lahire, com pesquisadoras negras, não só no que tange à fala sobre as disposições, mas também quando se buscou referenciar as desigualdades, reafirmando-se as falas dessas autoras negras. Além disso, foi possível trazer o estudo sobre a espiritualidade, não antes discutida de maneira religiosa, agregando-o aos conceitos de disposições e habitus e trazendo uma visão sobre a cura, no sentido de trazer maiores possibilidades aos sujeitos e a expansão de consciência. Isso pode promover a reformulação do habitus e a quebra de crenças limitantes que, de alguma forma, impedem o progresso físico, espiritual e emocional dos sujeitos, travando, muitas vezes, a vida escolar.

Desse modo, busca-se fomentar outras pesquisas que possam, de maneira ainda mais ampla, identificar as formações de habitus e disposições, e também as disposições para crer, de acordo com Lahire (2005), buscando compreender o quanto as instituições de ensino, docentes e pesquisadores podem se envolver de maneira a auxiliar no progresso de ainda mais estudantes em relação à permanência e ao êxito, bem como ao sucesso escolar e pessoal.

## REFERÊNCIAS

ALVAREZ, Karine Rodrigues. PERMANÊNCIA E ÊXITO ESCOLAR NOS INSTITUTOS FEDERAIS. *Ensino em Foco*, Salvador, v. 3, n. 6, p. 106-115, 10 set. 2020

BOGDAN, R. O.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Ed. Porto, 1994. p. 75-78

BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A miséria do mundo; vários tradutores*. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

BOURDIEU, Pierre. L'École Conservatrice. *Les Inégalités Devant L'école et Devant la Culture*. *Revue Française de Sociologie*, Paris, v. 7, n. 3, p. 325-347, juil./sept. 1966.

BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. 224 p. Tradução: Mariza Corrêa. – ajustar conclusão ano

BOURDIEU, Pierre. *Sociologia: organizador (da coletânea) Renato Ortiz*. São Paulo: Ática, 1983. 191 p. Tradução de: Paulo Montero e Alícia Auzmendi.

BRASIL. e-SIC Manual do SIC. CGU – Controladoria da União. Ano: 2022. Disponível em: Acesso em: 09 Ago.2022

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: Acesso em: 18 ago. 2021

BRASIL. Tribunal de Contas da União. Acórdão nº 506/2013. Plenário. Relator: Ministro José Jorge. Sessão de 13/03/2013. Disponível em < <https://pesquisa.apps.tcu.gov.br/#/redireciona/acordao-completo/%22ACORDAO-COMPLETO-1250021%22> >. Acesso em 21 fev. 2022

CAMAZANO, Priscila (ed.). *Acadêmicas negras têm produtividade mais impactada durante a pandemia, aponta pesquisa: mulheres negras, com ou sem filhos, e mães brancas são os grupos que encontram mais barreiras. Mulheres negras, com ou sem filhos, e mães brancas são os grupos que encontram mais barreiras*. 2021. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/autores/priscila-camazano.shtml>. Acesso em: 22 nov. 2020

CAMPOS, Claudinei José Gomes. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. Revista Brasileira Enfermagem, Brasília, p. 611-614, 22 dez. 2004.

CARNEIRO, Sueli. Escritos de uma vida. 2. ed. São Paulo: Jandaíra, 2020. 296 p.

DAVIS, Angela. Mulheres, cultura e política. São Paulo: Boitempo, 2017. 196 p.

Diagnóstico Discente. Analytics Zoho. 2019. Disponível em: <<https://analytics.zoho.com/open-view/2260418000000036086>>. Acesso em 20 abr. 2021.

DIEESE. Desigualdade entre os negros e brancos se aprofunda durante a pandemia. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos DIEESE. Novembro de 2020. Disponível em <[www.sitedorelatório.com.br](http://www.sitedorelatório.com.br)>. Acesso em 05 de fevereiro de 2021.

DIEESE. Emprego doméstico na Região Metropolitana de Porto Alegre em 2017/O trabalho doméstico na região metropolitana de Porto Alegre. Sistema Pesquisa de Emprego e Desemprego. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Abril de 2018. Disponível em: <[www.sitedorelatório.com.br](http://www.sitedorelatório.com.br)> Acesso em 07 de agosto de 2020.

DIEESE. Indicadores apontam interrupção no processo de redução das desigualdades no mercado de trabalho/A inserção da mulher no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Porto Alegre. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Março de 2018. Disponível em <[www.sitedorelatório.com.br](http://www.sitedorelatório.com.br)>. Acesso em 07 de agosto de 2020.

DIEESE. Mulheres no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador. Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE). Março de 2019. Disponível em <[www.sitedorelatório.com.br](http://www.sitedorelatório.com.br)>. Acesso em 03 de março de 2022.

DOURADO, Luiz Fernandes; OLIVEIRA, João Ferreira de. A Qualidade da Educação: perspectivas e desafios. Cadernos Cedes. Campinas, vol. 29, n. 78, p. 201-215, mai./ago., 2009. Disponível em: Acesso em: 14 set. 2020.

DUBET, François. As desigualdades multiplicadas. Revista Brasileira de Educação, nº17, Maio/Jun/Jul/Ago, p. 5-19, 2001.

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'Água. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora. Perspectiva, nº 1, v. 19, Jan/Jun, p. 71 – 87, 2001.

GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico: Aglomerados subnormais primeiros resultados. Rio de Janeiro, p. 1-259, 2010.

GIL, Antônio. Como elaborar projetos de pesquisa. - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GOMES, Nilma Lino. Desigualdades e diversidade na educação. Educação & Sociedade. Campinas, vol.33, n.120, p.687-693, 2012. Disponível em: Acesso em: 12 fevereiro 2021.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petropolis: Vozes, 2017. 154 p.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo Na Cultura Brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, São Paulo, p.223-243, 1984. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2013.

HOOKS, Bell. Ensinando comunidades: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell. Tudo sobre o Amor: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Sinopse do Censo Demográfico: 2010. Rio de Janeiro, p. 1-261, 2011.

IFRS. Observatório de Permanência e Êxito. Dados do Processo Seletivo – 2015/2020. Disponível em < [https://docs.google.com/presentation/d/e/2PACX-1vRwfd2yEOWDN\\_GLiEAZ8mdNMAErwnI12J6cusYeZRxXseEFGUTLDOdu6JYPrVJHS3\\_H9iT\\_s9e1HTth/pub?start=false&loop=false&delayms=15000&slide=id.g616f0b1819\\_0\\_10](https://docs.google.com/presentation/d/e/2PACX-1vRwfd2yEOWDN_GLiEAZ8mdNMAErwnI12J6cusYeZRxXseEFGUTLDOdu6JYPrVJHS3_H9iT_s9e1HTth/pub?start=false&loop=false&delayms=15000&slide=id.g616f0b1819_0_10)> Acesso em 05/03/2021

IFRS. Resolução nº 086/2013. Aprova a Política de Assistência Estudantil do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Disponível em: < <https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2017/07/ANEXO-1.pdf>> Acesso em 01/07/2022

IFRS. Resolução nº 064/2018. Aprova o Plano Estratégico de Permanência e Êxito dos Estudantes do Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS). Disponível em: [https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Resolucao\\_064\\_18\\_Aprovar\\_Plano\\_Estrategico\\_Completo.pdf](https://ifrs.edu.br/wp-content/uploads/2018/10/Resolucao_064_18_Aprovar_Plano_Estrategico_Completo.pdf) . Acesso em 15/08/2022

LAHIRE, Bernard. PATRIMÔNIOS INDIVIDUAIS DE DISPOSIÇÕES: para uma sociologia à escala individual. Sociologia, Problemas e Práticas, [s. l], n. 49, p. 11-42, 2005.

LAHIRE, Bernard. Retratos sociológicos: disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAHIRE, Bernhard. Sucesso Escolar nos Meios Populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 2008

LORENZET, Deloíze; SANTOS, Aléxia Islabão dos; BALBINOT, Nayara Pansera; DEMICHEI, Neudy Alexandro. CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E EDUCACIONAIS DO ESTUDANTE INGRESSANTE AO IFRS EM 2019. Cadernos Cajuína, [S.L.], v. 6, n. 3, p. 145, 18 mar. 2021. Cadernos Cajuina.

LORENZET, Deloíze; SANTOS, Aléxia Islabão dos; BALBINOT, Nayara Pansera; DEMICHEI, Neudy Alexandro. Permanência e Êxito no IFRS: diagnóstico discente, contexto escolar e saúde. In: LORENZET, Deloíze; SANTOS, Aléxia Islabão dos; ZANCHIN, Janaína Turcato; BUCCO, Larissa Brandelli; CORADINI, Lucas; BALBINOT, Nayara Pansera; DEMICHEI, Neudy Alexandro; VERDUM, Priscila de Lima (org.). Permanência e Êxito no IFRS: reflexões e práticas. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 612.

MACEDO, Márcia dos Santos. MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA E A PERSPECTIVA DE GÊNERO: trajetória de um tema e a crítica sobre a feminização da pobreza. Caderno CRH, Salvador, v. 21, n. 53, p. 389-404, jun. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632176013>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MAGALHÃES, Rosélia Pinheiro de. Desigualdade, pobreza e educação superior no Brasil. In: FONAPRACE -Revista Comemorativa 25 anos: histórias, memórias e múltiplos olhares. PROEX: UFU -MG, 2012, p.88-97.

MEC – Ministério da Educação. Documento orientador para a superação da evasão e retenção na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Brasília. 2014.

\_\_\_\_\_. MEC/SETEC. Plataforma Nilo Peçanha: Ano Base 2019. Disponível em: Acesso em 05 Ago. 2022.

MERCANTE, Marcelo S. Consciência, miração e cura na Barquinha. Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 116-138, 23 fev. 2010.

MINAYO, Cecília de Souza (Org.). PESQUISA SOCIAL Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2009.

NÓBREGA-TERRIEN, Sílvia Maria; TERRIEN, Jacques. Trabalhos científicos e o estado da questão. Estudos em Avaliação Educacional, [S.L.], v. 15, n. 30, p. 5, 30 dez. 2004. Fundação Carlos Chagas. <http://dx.doi.org/10.18222/eae153020042148>.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Descolonizar el saber, reinventar el poder. Uruguay-Montevidéo: Ediciones Trilce-extensión universitária. Universidad de la República. 2010.

SANTOS, Ricardo Assarice dos. A híbrida Barquinha: uma revisão da história, das principais influências religiosas e rituais fundamentais. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Cap. 1.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. "Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas": Situando-nos enquanto mulheres e negras. Cad. CEDES, Campinas, v.19, n.45, p.7-23, jul. 1998. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200002&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 out. 2020.

SOUSA, Carolina; MIRANDA, Francisco; NIETO, Mari Carmen Lara; DORES, Ricardo. Educação para a resiliência. Revista Conhecimento e Diversidade, Niterói, n. 11, p. 26-40, 04 ago. 2014.